

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VIRGÍNIA MARIA ZILIO

DIGITALIDADE E EDUCAÇÃO DE SURDOS:

A condição da exposição como possibilidade de uma Educação Linguística

São Leopoldo

2020

VIRGÍNIA MARIA ZILIO

DIGITALIDADE E EDUCAÇÃO DE SURDOS:

A condição da exposição como possibilidade de uma Educação Linguística

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Maura Corcini Lopes.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas.

São Leopoldo

2020

Z69d

Zilio, Virgínia Maria.

Digitalidade e educação de surdos : a condição da exposição como possibilidade de uma educação linguística / Virgínia Maria Zilio – 2020.

99 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

“Orientadora: Profa. Dra. Maura Corcini Lopes”

1. Educação. 2. Lingüística. 3. Mídia digital. 4. Surdos - Educação. I. Título.

CDU 376.33

VIRGÍNIA MARIA ZILIO

DIGITALIDADE E EDUCAÇÃO DE SURDOS:

A condição da exposição como possibilidade de uma Educação Linguística

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 24 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carine Bueira Loureiro - Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS

Prof. Dr. Roberto Rafael Dias da Silva - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

À Capes, por possibilitar que eu realizasse esta pesquisa.

À professora Carine, por me fazer enxergar longe.

Ao professor Roberto, por me fazer olhar para dentro e me tirar do meu lugar de conforto.

Aos meus colegas e professores do mestrado, pelos estudos e discussões produtivas.

Ao meu grupo de pesquisa, pelas leituras atentas, pelas terças de proveitosas discussões.

À Sociedade das Cansadas, pelas prosas, pelas poesias, chimarrões, cafés e tananina.

À Deise e à Carol por me lerem a qualquer hora de qualquer dia em qualquer turno.

À Antônia e à Marina, por seus palpites frutíferos.

À Graci, por sua confiança e parceria.

À minha bruxa particular, Pam.

Ao Pedro, que não podia ser minha banca porque é uma parte da minha consciência (e isso seria antiético).

Ao Felipe, por seu realismo fantástico.

À minha família, pelo apoio de sempre.

À minha mãe, Cleuza, por ter comprado o livro do olho em 1999.

À professora Janira, por sua gentileza e preocupação pela minha sanidade.

À minha orientadora, Maura, que por mais ocupada que seja, sempre tem um tempo para me convencer a continuar.

RESUMO

A presente dissertação trata da constituição de modos de ser surdo na contemporaneidade, que se pauta pela digitalidade e pela condição da exposição a ela atrelada. Desse modo, questiona como se caracterizam os sujeitos surdos em meio à digitalidade e como a condição da exposição e os modos de ser que ela produz se relacionam com a educação de surdos. Nesse sentido, a pesquisa teve por objetivo conhecer as nuances que o contexto digital imprime em sujeitos surdos e as possibilidades de pensar sua educação por meio delas. Parte-se da perspectiva de autores do campo dos Estudos Surdos articulados a discussões que teorizam as formas de ser e estar no mundo nas condições colocadas em uma sociedade digital. Dessa forma, utiliza o conceito de *experiência* como ferramenta analítica, entendendo-a como resultado da conformação cultural e das interações e relações com os outros. Assim, opta-se pela plataforma YouTube como fonte de material empírico, partindo de 9 canais de youtubers surdos, dos quais 24 vídeos foram selecionados. O desenvolvimento analítico parte do pressuposto da condição da exposição vinculada à digitalidade e entende que este contexto possibilita: a) uma educação linguística acessível visualmente; e b) a desconstrução de estigmas que marcam esse sujeito como um tipo de pessoa incapaz. Por fim, considera que essas possibilidades podem servir como contribuição para a escolarização de surdos ao apoiar a escola na tarefa de promover condições socioculturais que possibilitam a aquisição de conhecimentos de e sobre sua língua e de e sobre outras línguas, conformando uma educação linguística.

Palavras-chave: Digitalidade. Exposição. Educação de surdos. Educação linguística. Identidade surda. YouTube.

RESUMO EM LIBRAS



Acesso pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=3-DIDYtW6hY>

RESUMEN

La presente investigación se ocupa de la constitución de formas de ser sordo en la contemporaneidad, que se guía por la digitalidad y la condición de exposición vinculada a ella. Por lo tanto, cuestiona cómo las personas sordas se caracterizan en medio de la digitalidad y cómo la condición de exposición y las formas de ser que produce están relacionadas con la educación de los sordos. En este sentido, la investigación tiene como objetivo conocer los matices que el contexto digital imprime sobre los sujetos sordos y las posibilidades de pensar en su educación a través de ellos. Se parte de la perspectiva de autores del campo de los Estudios Sordos articulados a discusiones que teorizan sobre las formas de ser y estar en el mundo en las condiciones de una sociedad digital. De ese modo, se utiliza el concepto de *experiencia* como herramienta analítica, que es comprendida como resultado de la conformación cultural, interacciones y relaciones con otros. De este modo, la plataforma de YouTube fue elegida como fuente de material empírico, a partir de 9 canales de youtubers sordos se seleccionaron 24 videos. El desarrollo analítico parte de la suposición de la condición de exposición vinculada a la digitalidad y comprende que este contexto permite: a) una educación lingüística visualmente accesible y b) la deconstrucción de estigmas que marcan a este sujeto como un tipo de persona incapaz. Por último, considera que esas posibilidades pueden servir como una contribución a la escolarización de las personas sordas al apoyar a la escuela en la tarea de promover condiciones socioculturales que permitan la adquisición de conocimientos de y sobre su lengua y de y sobre otras lenguas, conformando una educación lingüística.

Palabras-clave: Educación de sordos. Educación lingüística. Digitalidad. Identidad sorda. Exposición. YouTube

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Canais selecionados	52
Quadro 2 – Vídeos selecionados.....	59

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO - UMA MIRADA PANORÂMICA	11
2 PERSPECTIVAS - FORMAS DE ENTENDER A SURDEZ	23
2.1 Surdez e Identidade	25
2.2 Surdez e Tecnologias	32
3. A PRESENÇA SURDA NAS MÍDIAS DIGITAIS.....	44
3.1 Os sentidos da experiência em meio à exposição	48
4 YOUTUBERS SURDOS E O QUE FAZEM CIRCULAR NAS REDES SOCIAIS: DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	51
4.1 O que perguntar aos Youtubers surdos.....	62
5 DIGITALIDADE E EXPOSIÇÃO: REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	65
5.1 Educação e Digitalidade.....	65
5.2 Vida exposta: condições de possibilidade para ampliações	70
5.2.1 Ampliação de contextos linguísticos e comunicacionais	71
5.2.2 Desconstrução do estigma: ampliação dos modos de viver a condição da surdez	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	93

1 APRESENTAÇÃO - UMA MIRADA PANORÂMICA

Agora os surdos já evoluíram muito, tudo melhorou, temos acessibilidade em muitos locais, os intérpretes são muito melhores, temos aplicativos. (ISAAC, 2016).

O mundo não está apenas mudando, mas se metamorfoseando. Segundo Ulrich Beck (2018), a metamorfose implica uma transformação profunda em que certezas da sociedade moderna se desfazem e algo totalmente novo emerge. Para o autor, para compreender esse processo, é preciso focalizar o que está emergindo a partir do velho e buscar compreender as novas estruturas na confusão do presente.

Esta pesquisa não é sobre tecnologias digitais; porém, está imersa em um contexto digital. Também não é sobre surdos por alguma curiosidade; parte de minha profissão e a de tantos outros professores. Ela é sobre meus alunos, que são surdos. Não exatamente sobre os meus alunos, mas sobre aqueles que, como eles, são também sujeitos digitais e sujeitos surdos. Na tentativa de entender as novas estruturas que emergem a partir das condições que se colocam na contemporaneidade, questiono como se caracterizam os sujeitos surdos em meio à digitalidade e como essa condição e os modos de ser que ela produz se relacionam com a educação de surdos. Nesse sentido, objetivei conhecer as nuances que o contexto digital imprime em sujeitos surdos e as possibilidades de pensar sua educação por meio delas. Conforme o autor, a metamorfose do mundo significa uma mudança de visão de mundo, causada pelos efeitos colaterais da modernização bem-sucedida. (BECK, 2018). Para tanto, é preciso um olhar específico, uma mirada panorâmica que, assim como o movimento de uma câmera, se amplie no sentido de acompanhar o movimento do objeto pesquisado: o do sujeito surdo e de sua relação com a digitalidade. Habitamos um contexto em que a visibilidade e a conexão constante constituem vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo em maior sintonia com os ritmos, prazeres e exigências da atualidade, o que pauta nossas formas de relacionamento conosco mesmos, com os outros e com o mundo. (SIBILIA, 2016). É por esse ângulo que trago, como epígrafe, as palavras de um jovem surdo, que anuncia por meio de uma câmera, evolução, melhora, acessibilidade; para acompanhar, com olhos analíticos, as ênfases nos modos de ser surdo que surgem a partir desse contexto.

Antes de prosseguir a apresentação da pesquisa, é importante evidenciar um problema que enfrentei durante a escrita desta dissertação. Uma questão que me foi apontada por quem acompanhou “de fora” esse processo. Trata-se do meu lugar de sentido dentro das tramas desta pesquisa. Por mais que eu me posicione em uma perspectiva que compreende a identidade como uma invenção, nesse caso, uma invenção que parte de uma condição, minha

experiência se dá imersa em uma narrativa identitária. Minhas compreensões são criadas em um ambiente que reforça uma identidade essencial, fui educada a olhar dessa maneira. Essa visão também me constitui e, antes desse percurso, nem eu mesma tinha noção do quanto esse modo de olhar e pensar é forte em mim. No momento em que fui confrontada a pensar sobre minha posição, iniciei um embate comigo mesma, e talvez seja possível perceber nuances desse conflito durante o texto. Por mais que eu entenda teoricamente a surdez como condição materializada no corpo daquele que não ouve e que experiencia o olhar de uma outra forma, assumo que este olhar identitário que me constitui me acompanha dentro da minha própria crítica, turvando a própria crítica que sou capaz de fazer a partir deste lugar de enunciação. Compreender a identidade surda como uma invenção permite procurar os motivos pelos quais ela é inventada da forma como é. O que quero dizer é que parto de um lugar marcado identitariamente para abordar o mesmo, ou seja, a identidade. De acordo com Donati (2017), o reconhecimento de uma identidade requer que se construa uma verdade sobre tal identidade. Então, ao partir de um lugar identitário, como a identidade surda, assumo verdades que as caracterizam. De muitas formas, isso se torna um aprisionamento discursivo. Entendo que, por mais que eu busque outras coisas, o lugar de verdade surda já está estabelecido. Consigo perceber que estou colocada em uma compreensão, que o exercício desta escrita permitiu um incômodo que gerou meu próprio deslocamento, mas ainda não sou capaz de me posicionar em algum outro lugar. A partir de youtubers, questiono outros discursos que circulam entre surdos, o que, se não me permite um posicionamento em outro lugar, permite uma ampliação da noção de identidade da qual parti.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu de situações que compõem minha experiência enquanto estudante e professora. Se eu pudesse indicar um ponto inicial desta investigação, eu diria que foi ao presenciar um desses momentos de metamorfose de algo que eu considerava conhecido, familiar. Um momento, até então, em que algo evidente deixa de ser e outro aspecto passa a ter destaque.

Enquanto cursava a graduação em Letras, aprendi Libras e integrei, como bolsista de iniciação científica, um grupo de pesquisa no qual conheci a temática da Educação de Surdos, o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos, GIPES. Pela participação na pesquisa, desenvolvi projetos e, durante a realização de estágios em escolas de surdos, locais em que sigo trabalhando, iniciei minha caminhada como aspirante a pesquisadora na temática da surdez. Presenciava discursos recorrentes nesses espaços que se repetiam, se repetem e, ao longo do tempo, traziam entendimento sobre a surdez. A partir desses discursos, o surdo não precisa ser entendido apenas como um sujeito que não ouve ou que tem uma deficiência, mas

também pode ser um sujeito que utiliza como forma de comunicação uma língua visual-gestual, em que o sujeito é membro de uma comunidade linguística específica. (LOPES; THOMA, 2013). Ele é um sujeito que luta pelo direito de ser surdo (PERLIN, 1998), que compartilha de marcadores culturais específicos, dentre eles a alma em luta permanente e a reunião em um espaço físico ou virtual (WITCHES; LOPES, 2018), e que é falante de Libras, uma língua responsável pela constituição das pessoas surdas e por marcar sua diferença sociocultural. (LODI, 2015).

Durante a Antiguidade e por quase toda a Idade Média, pensava-se que os surdos não fossem educáveis e, somente no início do século XVI, começou-se a admitir que surdos podiam aprender por meio de procedimentos pedagógicos. (LACERDA, 1998). No fim do século XIX, foi possível observar a ocorrência de uma série de congressos que diziam respeito à educação de surdos; oito congressos entre o período de 1872 a 1900 (RODRIGUES, 2018), sendo importante destacar que os surdos não tinham significativa participação nesses eventos. Neles, o Oralismo foi estabelecido como forma ideal de educação de surdos nas instituições escolares. Assim, optou-se por uma educação terapêutica/reabilitadora, que impunha o padrão ouvinte e a língua de modalidade oral como objetivo principal, decretando assim o fim da língua de sinais. (GUEDES, 2012). As medidas educativas impostas pela metodologia exigiam a proibição da sinalização utilizando formas violentas, tais como: fazer com que os alunos se sentassem sobre as próprias mãos, impedir o contato visual com o exterior da sala ao retirar as pequenas janelas das portas para impossibilitar a comunicação visual e excluir professores e auxiliares surdos das escolas e institutos. (LULKIN, 2000).

Por volta da década de 1970, foi potencializada a ideia de desenvolvimento da linguagem, o que possibilitou uma abertura à ênfase gestual em práticas pedagógicas de educação de surdos. (WITCHES, 2018). Dessa forma, a Comunicação Total foi ganhando espaço, tendência educacional que consistia em combinar diferentes formas de comunicação a fim de possibilitar o desenvolvimento da criança surda. (LACERDA, 1998). A metodologia favoreceu o contato com sinais, proibidos pelo oralismo, o que propiciou a aprendizagem das línguas de sinais. Foi também o que possibilitou a inserção do método Bilíngue, que defende a língua de sinais como língua natural dos surdos. Ao me referir como língua natural, falo da “realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre seus usuários”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Realizei esse breve percurso pela história dos surdos, mais pontualmente sobre sua educação, com o propósito de mostrar as marcas constitutivas que esse processo histórico pôde inferir em seus modos de ser. Tal descrição também auxilia a compreender a ideia de identidade como uma invenção, impressa na construção produzida a partir do olhar sobre determinado sujeito, assim, também “a surdez é uma grande invenção”. (LOPES, 2007, p. 7). Como sinaliza essa retomada histórica, o surdo já foi narrado como sujeito da deficiência e da incapacidade e na medida em que avançamos cronologicamente os olhares sobre esse sujeito, outras formas surgem. Recentemente, o surdo teve condições e a possibilidade de se ver e de inventar a si mesmo. Não é raro reconhecer em surdos professores e pesquisadores uma inclinação e mobilização pela luta permanente. A possibilidade de comunicar-se por meio de sinais fora negada aos surdos durante um longo período e o legado desse passado se reflete nos seus modos de ser. Um dos professores surdos de mais idade com quem tive contato no espaço escolar me contava sobre um difícil passado, em que a sinalização na escola era retribuída com palmadas. Esse antecedente explica as atuais narrativas da surdez, que festejam e orgulham-se da identidade surda, visibilizada e fortalecida sobretudo na década de 1990 no contexto brasileiro. Aliás, a comunidade surda não foi o único grupo identitário a reivindicar seus direitos. Esse período, no Brasil, é caracterizado por uma atmosfera que possibilita um contingente de lutas multiculturalistas empreendidas por grupos políticos identitários em defesa de seus direitos. Dentre elas estão as lutas étnico-raciais por liberdade de gênero, por orientação sexual, por liberdade religiosa e outras. (FERNANDES; MOREIRA, 2014). Na luta surda, houve uma importante manifestação concretizada em um documento intitulado *A educação que nós surdos queremos*, elaborado por membros da comunidade surda a partir do Pré-Congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos (1999) e realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nele, se reivindicava o direito à educação que melhor atendesse às necessidades da comunidade surda brasileira, envolvida em uma educação bilíngue que tivesse a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa (LP), na modalidade escrita, como segunda (L2). Destoando dos modelos dos congressos do final do século XIX, o lema “Nada sobre nós, sem nós”¹ começa a fazer sentido no estabelecimento de processos como o de efetivação do direito linguístico.

Tais movimentos criaram condições para que no ano de 2002 a Libras fosse reconhecida a nível nacional como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei nº

¹ Lema das pessoas com deficiência na Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência, conforme Resende e Vital (2008).

10.436. (BRASIL, 2002). Junto ao Decreto nº 5.626 que a regulamentaria (BRASIL, 2005), estava garantida a possibilidade de uma criança surda ter a sua educação em língua de sinais. Essa foi uma importante conquista para a comunidade surda brasileira, que salvaguardada na legislação nacional, concretizou marcos históricos da luta pelo direito linguístico.

A partir da retomada trazida, é possível entender que diferentes tempos geram diferentes concepções sobre a surdez e que nenhuma delas se perde: elas se reconstituem e apresentam novas ênfases de acordo com o tempo e o espaço em que se desenvolvem. Desse modo, há algumas marcas linguísticas, culturais, políticas, sociais que estão atreladas à condição de ser surdo no presente, que delineiam o que se entende por sujeito surdo e que mostram as posições que esse sujeito ocupa. A surdez, segundo Witches (2018), pode ser compreendida como uma experiência, e esse entendimento está relacionado aos estudos desenvolvidos por Michel Foucault, assumido como uma forma histórica de subjetivação, pois, “Desde essa perspectiva, pensar a surdez significa entender que, a partir dela, é possível fazer e dizer coisas sobre determinados indivíduos que a ela são relacionados”. (WITCHES, 2018, p. 20). A partir do autor, pensando a surdez como experiência, entendo-a como uma “forma de constituir sujeitos surdos, subjetividades surdas, modos bem específicos de ser e de se relacionar em um mundo regulado por normas audistas” (WITCHES, 2018, p. 20), ou seja, normas que se balizam por uma lógica centralizada na audição.

No período em que se desenvolvia esta pesquisa, algumas manifestações que desequilibram essa concepção, do surdo como um sujeito de determinada identidade, começam a surgir. Passo a narrar alguns episódios em que se evidenciam tais manifestações, os quais presenciei e que se relacionam principalmente com meu trabalho. O primeiro deles foi em um dia de aula no meu local de trabalho, uma escola de surdos. Na hora do intervalo, vi um de meus alunos tendo uma conversa em Libras usando seu smartphone. Até aquele momento, não havia me dado conta, e era então uma novidade, da função para videochamada do aplicativo WhatsApp. Na mesma escola, durante uma conversa com uma colega na sala dos professores, comentei que pretendia fazer um projeto sobre etiqueta para boa convivência na escola. Minha colega, uma professora surda, concordou e reforçou minha ideia, pedindo que eu tratasse também sobre as postagens que os alunos faziam na rede social *Facebook*, pois estava espantada com o fato de compartilharem conteúdos tão íntimos, relativos, por exemplo, a suas vidas sexuais. Minha última observação é relativa a um vídeo de um surdo youtuber, Gabriel Isaac, cujo canal possui doze mil inscritos, que postou em seu canal Isflocos, em outubro de 2016, um vídeo intitulado *Voltei depois de 7 anos*. O youtuber de 19 anos fez referência a um vídeo que havia postado aos 12 anos de idade no qual reclamava

sobre as dificuldades de ser surdo, que se concentravam em diferenças linguísticas e na incapacidade de ser compreendido por ouvintes. No vídeo de 2016, Gabriel comentou que “agora os surdos já evoluíram muito, tudo melhorou, temos acessibilidade em muitos locais, os intérpretes são muito melhores, temos aplicativos”. (ISAAC, 2016).

Por diversos motivos esses episódios desestabilizam aquela noção de sujeito surdo, principalmente pela questão linguística. Se as distintas concepções sobre a surdez se reconstituem ao apresentarem novas ênfases de acordo com o tempo e o espaço em que se desenvolvem, a contemporaneidade com as condições que as apresenta, gera novas ênfases nos modos de ser surdo. A ausência da audição condiciona o sujeito surdo a não receber a informação da mesma forma que a maioria, que é ouvinte. Desse modo, todo o contingente auditivo que circula e que nos alcança por meio da língua oral-auditiva não chega até o surdo, cujas possibilidades comunicacionais são visuais-gestuais.

Conforme Dizeu e Caporali (2005), é a partir da aquisição de uma língua que a criança passa a constituir subjetividade, “pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo”. (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 587). Assim, a aquisição de língua de pessoas surdas acarreta uma série de peculiaridades, dadas as condições impostas pela surdez. Crianças surdas, filhas de pais ouvintes, não passam por esse processo naturalmente, pois as modalidades linguísticas utilizadas na interação familiar não são facilmente adquiridas por essas crianças e, por isso, o processo de aquisição da língua nesse caso não é natural, como é para as crianças ouvintes. (DIZEU; CAPORALI, 2005). De acordo com Lacerda e Lodi (2007), crianças surdas, devido à dificuldade de acesso à língua utilizada pela maioria, geralmente não são alcançadas nos processos de ensino e aprendizagem; conseqüentemente, é comum que não apresentem um domínio mínimo dos conceitos e conteúdos ministrados. Nesse sentido, as autoras compreendem que apenas a educação bilíngue possibilita aos surdos uma educação que respeite suas especificidades linguísticas e a única que permite uma atuação social autônoma, por oferecer formação digna e que respeita a sua diversidade.

Assim, desde que se começa a pensar o surdo como sujeito no direito de comunicar-se por língua de sinais, também surgem as adversidades características do ensino de língua portuguesa para surdos. Essa foi a temática que pesquisei no trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras (ZILIO, 2017), que, ao reunir e analisar trabalhos que abordam o ensino de LP para surdos, encontrei recorrências de uma série de entraves geralmente motivados por uma educação adaptada: professores com formação profissional para o ensino

de ouvintes adaptando suas práticas para alunos surdos. Nesse contexto, os profissionais são capacitados para o ensino de LP como primeira língua e trabalham com alunos surdos da mesma forma que trabalhariam com alunos ouvintes, em uma adaptação frequentemente inadequada. Tais circunstâncias fazem da questão linguística uma das principais marcas do sujeito surdo, manifestada principalmente na busca por uma aquisição linguística adequada e por uma educação que contemple sua diversidade linguística.

Diante disso, os episódios que narrei demonstram o rompimento de determinadas lógicas ao apresentarem marcas de um presente configurado por uma nova forma de comunicação, as que são possibilitadas pelos recursos que a sociedade digital oferece.

Nesta pesquisa, busquei problematizar as possibilidades geradas pelo surgimento e pelo uso disseminado de redes sociais e das mídias digitais que, dentre outras coisas, permitem a comunicação em língua de sinais a distância. Isso rompe com a lógica conhecida na educação de surdos: a ideia de que a escola é preponderantemente o lugar que possibilita a aproximação entre surdos. (LOPES; VEIGA-NETO, 2010). Com isso, não afirmo que ela deixou de ter seu lugar, mas tal constatação dá abertura para que se considere se esse espaço segue tendo as mesmas funções que antes da ascensão digital. Observei que os relatos que me instigaram a repensar as formas de ser surdo na contemporaneidade têm em comum, além de serem referentes a sujeitos surdos, a presença de tecnologias digitais de informação e de comunicação, mais especificamente de redes sociais e mídias digitais, representadas pelo WhatsApp, Facebook e YouTube.

Um dos principais marcadores culturais surdos é a questão linguística e o advento das tecnologias digitais, que rompem com a lógica de produção e difusão de informações e de comunicação nos nossos cotidianos. (HAN, 2018a), bem como as formas como nos relacionamos, e essa abertura se dá pelas novas ênfases que surgem, decorrentes da Revolução Digital. Para Klaus Schwab, conforme escreve Lopes (2017), a Revolução Digital, também conhecida como Revolução 4.0, “trata-se de uma revolução sem precedentes, para a qual não estamos preparados” (LOPES, 2017, p. 97), que possui impactos profundos, “pois alteram a forma de relacionarmos-nos uns com os outros, bem como a própria maneira de constituirmos-nos como sujeitos”. (LOPES, 2017, p. 97). Para Sibilía (2012), diante de tantas mudanças nas formas de interagir e de se comunicar, motivadas, inclusive, pela emergência de tais tecnologias, não há como continuar sendo os mesmos. A afirmação da autora abarca todos aqueles que passam a ter o uso de tecnologias e mídias digitais em sua prática cotidiana, indicando que as mudanças interacionais e comunicacionais mudam os nossos modos de ser. Apoiada na proposição da autora, detive meus interesses nos modos de ser surdo e pautei-me

principalmente nos discursos existentes sobre esse modo de ser para pensar nas possibilidades proporcionadas pelo uso de mídias digitais e as formas de pensar a educação do sujeito surdo.

Uma das dificuldades mais significativas no processo de construção desta escrita foi o fato de tratar de um objeto e um contexto em constante movimento. Para dar conta de sua complexidade, a contribuição de Beck (2018) foi fundamental. Em uma tentativa de compreender “por que não entendemos mais o mundo” (BECK, 2018, p. 11), o autor define a metamorfose como algo que desestabiliza as certezas da sociedade moderna, que se dá em processos não intencionais, em uma alteração que rompe com “constantes antropológicas de nossa existência e de nossas compreensões anteriores do mundo. [...] o que foi impensável ontem é real e possível hoje”. (BECK, 2018, p. 12). Do mesmo modo, certezas encontradas nos modos surdos de ser parecem estar em uma metamorfose, colocando em jogo outros modos de ser e demandando ajuste do campo educacional.

A metamorfose de Beck se desenvolve entre sujeitos e contextos que passaram a viver no ritmo da digitalidade, e Pierre Lévy, em 1997, dava suas primeiras impressões sobre as novas redes de comunicação. Desde então, o autor alertava que nem tudo o que se faz com as redes digitais é “bom”, mas que se precisaria estar aberto e receptivo com relação à novidade. (LÉVY, 2018). Abertos ou não, para Han (2018b), as mídias digitais estão aquém de nossa decisão consciente e transformam nosso comportamento, nossas decisões, nosso pensamento e nossa vida em conjunto. Assim, não importa se decidimos nos conectar por meio de uma rede social, se acompanhamos ou não influenciadores digitais, se fazemos uso de correio eletrônico ou de plataformas de mensagem instantânea. A tecnologia compõe diversos fatores que atravessam nossas vidas direta ou indiretamente e se impõem sem que seja possível fazer muitas escolhas. Desse modo, parto do pressuposto que a digitalidade se impõe aos nossos modos de ser e estar no mundo para pensar o sujeito surdo habitante desse contexto.

Nesta investigação, busquei tratar de um objeto que se enquadra nesse cenário tecnológico: eu quis olhar para esse sujeito que está ambientado no uso das mídias digitais. Assim, os canais do YouTube de youtubers surdos foi o recurso que optei como fonte de material empírico, visto que essa mídia possibilita o acesso a narrativas de surdos que, independentemente de sua geração, estão em um modo de vida caracterizado pela digitalidade². Cabe considerar que o sufixo -idade, conforme o Dicionário Digital Caldas Aulete (IDADE, [2019?]), é formador de substantivos abstratos geralmente com as noções de qualidade, estado ou condição de.

² Explico com mais detalhes a escolha dos canais de YouTube no capítulo 4.

Desse modo, a digitalidade é compreendida como a condição digital posta em dado período. Assim, elaborei a pergunta que me guiou até determinada parte desta investigação: *Como se caracterizam modos de ser surdo em meio a exposição propiciada pela forma de vida caracterizada pela digitalidade?* Tal pergunta tinha por objetivo caracterizar os modos de ser surdo possibilitados por mídias digitais, tais como o YouTube. Dada minha opção pela fonte do material de pesquisa, é importante destacar que entendo o YouTube como uma mídia digital utilizada por sujeitos que se inscrevem em um estilo de vida contemporâneo marcado pela digitalidade, que se caracteriza, também, pelo uso das tecnologias e das mídias digitais.

Essa primeira pergunta permitiu que eu reunisse narrativas a partir de 24 vídeos de youtubers surdos em que falam sobre a experiência da surdez, e sobre outras experiências, em suma, tudo aquilo de que costumam trazer os youtubers: apresentam suas aspirações e relatos sobre diversas temáticas, respondem seguidores etc. O que é um dado tão corriqueiro na vida de qualquer youtuber torna-se um relevante achado no contexto desta pesquisa: sujeitos surdos assumindo outras posições, que não estão previstas na identidade surda.

As observações desses vídeos me permitiram perceber algumas das características desse sujeito surdo que vive a digitalidade. Observei que os surdos seguem posicionando-se na identidade surda e também se estabelecem em outros espaços, como os políticos, identitários, culturais etc. Neste ponto, minha pergunta não era suficiente para seguir a pesquisa, afinal meu estudo está vinculado ao campo educacional. A necessidade de desenvolver a pesquisa partiu do contexto escolar, e minha pergunta não possuía alcance para responder à escola. Para seguir a investigação, foi necessário elaborar uma nova pergunta, que desse conta de explorar as narrativas. A partir de tais considerações, elaborei uma nova pergunta: *Como se caracterizam os sujeitos surdos em meio à digitalidade e como esta condição e os modos de ser que ela produz se relacionam com a educação de surdos?*

Entendo que o YouTube não é suficiente para entender os modos de ser surdo na contemporaneidade, mas que ele traduz uma ambiência digital e contribui para uma natureza de vida exposta. Diante do grupo de materiais que selecionei, percebi a especificidade dos sujeitos produtores daquelas narrativas; eles possuem muito mais visibilidade que um surdo que não é youtuber e que não tem números expressivos de seguidores em mídias digitais. No entanto, entendo a plataforma como um espaço de tradução de modos de ser, neste caso, modos de ser surdo. Sempre que me refiro a modos de ser surdo falo de possíveis formas de viver a condição da surdez, visto que é essa condição sensorial que dá margem para que distintas práticas na vida se desenvolvam, as quais englobam o desenvolvimento linguístico, comunicacional e social, por exemplo. Ouvir e não ouvir não são elementos para determinar

uma cultura, mas contribuem para a construção das relações, e o relacionamento, sim, é um determinante cultural.

A fim de sistematizar a leitura, apresento como está estruturada esta pesquisa. A presente seção possibilita ao leitor *Uma mirada panorâmica*, não apenas do que se pretendeu com a pesquisa, mas das formas como se compreende, na perspectiva dos Estudos Surdos, o sujeito surdo. Com isso, tive em vista mostrar as especificidades que envolvem seu processo educacional, suas condições linguísticas e as motivações que me fizeram pensar que a digitalidade gera mudanças em seus modos de ser ao se proporcionarem experiências diferentes das dadas a ouvintes. Ao optar por adjetivar de modo panorâmico o olhar dado ao surdo, tive a intenção de pensar no movimento que faz uma câmera para acompanhar o movimento do objeto que grava. Como descrevi nesta primeira seção, observo aspectos novos nas formas como os surdos interagem, o que pode significar que seus modos de ser têm desenvolvido novas nuances. Essas novas ênfases nos nossos modos de interagir e comunicar, que refletem em nossos modos de ser, têm sido observadas e problematizadas por pesquisadores como Sibilía (2012, 2016), Han (2018a, 2018b), Beck (2018), entre outros, e se referem, dentre outros aspectos, a estarmos inseridos em uma sociedade digital.

Uma das palavras que compõem o título desta seção, *mirada*, pode causar algum estranhamento ao leitor. O termo, mais comumente utilizado em língua espanhola, tem para mim um sentido que não encontro em língua portuguesa, e essa escolha lexical está diretamente relacionada à minha formação como professora de espanhol. Minha proximidade com a língua de sinais também pode ser traduzida no uso visual que faço da metáfora do movimento de uma câmera gravadora para aludir à forma como vejo o movimento do sujeito surdo. Essa impossibilidade de desprender-se de formas linguísticas traduz a identidade linguística e cultural, tratada no capítulo 2, *Perspectivas: formas de entender a surdez*. Nele, abordo a perspectiva socioantropológica, fundamentada nos Estudos Surdos, para compreender o sujeito surdo como sujeito de uma diferença linguística, constituída a partir de suas condições sensoriais e relacionais. A partir dessa perspectiva, demonstro como a comunidade surda passou a narrar-se e compreender-se a partir da consolidação de uma identidade surda (KLEIN; WESCHENFELDER, 2014), que tem sido a causa principal dessa comunidade, como indicam as pesquisas apresentadas na seção. Assim, no subcapítulo 2.1 *Surdez e Identidade*, indico a centralidade dada à identidade nas produções acadêmicas do campo dos Estudos Surdos, principalmente, das produções de pesquisadores surdos. Ao observar as produções e seus avanços conforme os anos, é possível perceber que são recorrentes as pesquisas que cruzam a temática da tecnologia e a área da surdez. Desse modo,

no subcapítulo 2.2 *Surdez e Tecnologia*, reúne um conjunto de pesquisas que articulam esses campos de saber, caracterizando a forma de vida contemporânea pautada, especialmente, pelas marcas da digitalidade e reforçando que essa é a condição da contemporaneidade para todos que nela vivem, sejam ouvintes ou surdos. Tais pesquisas, marcadas pelo tempo em que foram produzidas, ou seja, fortemente atravessadas por discursos multiculturais e identitários, fornecem elementos para o fortalecimento da diferença identitária surda, mesclando, por vezes, outros entendimentos sobre a diferença que escapam à identidade assumida.

Passando ao capítulo 3, *A Presença Surda nas Mídias Digitais*, busco formas de ler a experiência nos modos de ser dos surdos contemporâneos, considerando as condições decorrentes da digitalidade. A partir disso, se destacam os usos de redes sociais e de mídias digitais, como WhatsApp, Facebook e YouTube, com ênfase no uso deste último, escolhido, dentre outros motivos, por disponibilizar narrativas de forma pública e acessível em língua de sinais. No subcapítulo 3.1, *Os sentidos da experiência em meio à exposição*, tomo a experiência a partir de Sibilia (2016), que discute o conceito atrelado à condição da exposição como imposição na contemporaneidade. Nesse sentido, é a partir de uma leitura da experiência impressa nas narrativas expostas no YouTube que busco as caracterizações do sujeito surdo habitante da digitalidade e as relações dessas novas nuances com a sua educação.

O capítulo 4, *Youtubers surdos e o que fazem circular nas redes sociais: da organização metodológica*, apresento o processo de seleção dos canais, partindo de 9 canais localizados em matérias que tratam sobre youtubers surdos. Após uma observação abrangente dos vídeos de cada canal selecionado, escolhi para a análise aqueles vídeos em que os youtubers respondem a perguntas de seguidores e aqueles em que contam coisas sobre si, a fim de obter narrativas sobre si mesmos. Visualizei e descrevi cada um dos 24 vídeos, a fim de sistematizar uma composição de seus conteúdos. No subcapítulo 4.1, *O que perguntar aos Youtubers surdos*, reelaboro a pergunta de pesquisa e os direcionamentos das análises ao perceber que, para além de conhecer as caracterizações desses sujeitos por meio de sua exposição, sua condição e seu conteúdo permitem pensar o que essa ferramenta oferece com relação à educação de surdos.

O capítulo 5 *Digitalidade e Exposição: reverberações na educação de surdos*, é composto por dois subcapítulos. O primeiro apresenta o pano de fundo da situação atual da educação e da instituição escolar no encontro com o contexto digital, intitulado 5.1 *Educação e Digitalidade*. O segundo, 5.2 *Vida exposta: condições de possibilidade para ampliações*, apresenta a condição da exposição a que estamos todos sujeitos e apresenta duas subseções. A

primeira, 5.2.1 *Ampliação de contextos linguísticos e comunicacionais*, aponta como a condição da exposição favorece a circulação de textos em língua de sinais sobre todo o tipo de assunto e em diversos gêneros, produzidos em vários contextos, incluindo o dos youtubers, gerando arquivos textuais que oportunizam, assim, sua ampliação linguística. Essa argumentação é ratificada no subcapítulo 5.2.2 *Desconstrução do estigma: ampliação dos modos de viver a condição da surdez*, problematizando as possibilidades que a condição da exposição e a ampliação de contextos linguísticos e comunicacionais podem propiciar para a desconstrução do estigma da surdez ao apresentar a posição de youtuber, que é produtor de conteúdos diversos e influenciador digital, e que tem interesse em alcançar mais público.

Nas *Considerações finais*, afirmo a possibilidade de reconhecer que a digitalidade e a condição da exposição, ao proporcionar uma educação linguística a pessoas surdas e ao desconstruir os estigmas que marcam esse sujeito, podem servir como aporte para sua educação escolar ao apoiar a escola na tarefa de promover o processo de aquisição linguística e desenvolvimento de demais línguas.

2 PERSPECTIVAS - FORMAS DE ENTENDER A SURDEZ

Ao partir da noção de experiência como algo

constituído historicamente por um conjunto de práticas, por meio do qual os indivíduos são levados a olhar para si mesmos e a reconhecerem-se como sujeitos, [...] é possível entender a identidade surda, por exemplo, como uma categoria simbólica que oferece condições para que um indivíduo se reconheça como surdo de outro modo que não vinculado a uma perspectiva deficitária. (WITCHES, 2018, p. 21).

Skliar, em 1998, introduzia o “segundo olhar”, propondo construir um olhar sobre a surdez que não o da deficiência. No mesmo sentido, Lopes e Thoma (2013) propõem a desconstrução da ideia de uma oposição binária surdo x deficiente auditivo, destacando a existência de distintas e diversas posições de sujeito que matizam essas categorizações.

Esses autores convergem com os estudos pós-*virada linguística*, ao compor “um movimento que entende a linguagem não apenas como representativa, mas como constitutiva da realidade” (FABRIS; SILVA, 2015, p. 500), fazendo referência à noção de invenção de pessoas, de Ian Hacking (2009).

Tais matizes dificultam o trabalho daqueles que, como eu, tentam capturar por meio da escritura, as incontáveis possíveis formas de ser do sujeito. No entanto, no campo dos saberes, delimitam-se algumas nomeações. Cito duas maneiras abrangentes de entender a surdez na contemporaneidade: as perspectivas clínico-terapêutica e a socioantropológica. Desde a perspectiva clínico-terapêutica, entende-se o sujeito surdo a partir da sua deficiência, da ausência da audição, o que representa, tendo o corpo ouvinte como uma materialidade da norma audista, um corpo representado por uma falta. Por norma, me remeto a um referente que opera como medida, como um princípio de comparabilidade e se constitui por meio de critérios construídos em um determinado grupo social. (LOPES; FABRIS, 2013). Assim, o surdo, pensado historicamente, foi visto e entendido a partir da lógica audista, como pode-se recordar nos breves relatos históricos no capítulo introdutório. Tal lógica compreende um conjunto de práticas e atitudes normalizadoras que tomam por princípio de normalidade a audição. (VIEIRA-MACHADO; LOPES, 2016). Nesse sentido, uma atitude de reabilitação significa sanar a ausência de audição, porém, tanto o uso de aparelhos auditivos e do implante coclear, ambos próteses que visam a diminuição do grau de perda auditiva, quanto os tratamentos fonoaudiológicos, são formas de tornar o sujeito surdo o mais próximo possível do sujeito ouvinte, seja por meio da reabilitação da capacidade auditiva, da leitura labial ou da oralização. As tecnologias de reabilitação da audição têm se ampliado e aperfeiçoado, e tornam-se a cada dia mais avançadas, sendo uma opção e uma possibilidade de entender a

surdez e, nesse sentido, o sujeito DA é aquele que opta por falar a língua portuguesa conforme suas possibilidades.

Em meados da década de 1990, como citei anteriormente, uma nova possibilidade começa a se fazer presente a partir dos estudos culturalistas. Os surdos começam a se tornar protagonistas em sua história e a participar efetivamente de sua educação. O “segundo olhar” começa a surgir e a inventar o surdo de outras formas.

A perspectiva socioantropológica entende o sujeito surdo de outro modo que não o da deficiência. Nessa concepção, o sujeito surdo é sujeito de determinada diferença, que não se comunica por meio da língua majoritária, compartilhada por sujeitos ouvintes, mas por meio da língua de sinais, compartilhada por sujeitos que se definem surdos. Nesse sentido,

os surdos são sujeitos constituídos na relação com o outro surdo e com os ouvintes. Tal relação, por sua vez, é constituída em meio a lutas políticas e culturais pelo direito a se autorrepresentar como sendo surdo e pertencente a uma comunidade. (MELLO, 2011, p. 37).

Por mais que, a fim de sistematizar formas de entender ou de nomear, se defina o surdo e o deficiente auditivo sob perspectivas teóricas, a contemporaneidade tem tornado evidente que as fronteiras entre essas definições, ou outras que poderiam ser citadas, não são absolutas ou nítidas. Em cada sujeito estão discursos que subjetivam o surdo, o deficiente, o diferente, o membro de uma comunidade linguística, o implantado. Todos esses discursos podem, em distintos momentos da vida de um indivíduo, subjetivarem-no de diferentes modos, contudo todas elas conformam uma forma de ser surdo na contemporaneidade. (LOPES; THOMA, 2013). Neste capítulo, não pretendo tratar ou caracterizar essas duas definições de sujeitos, mas mostrar os discursos que inventam a identidade surda criada a partir dos anos 1990 em diante em oposição à ideia de surdez como deficiência, constituindo uma identidade própria de um tempo e de um espaço.

Conforme Moraes e Santos (2015), devido aos discursos referentes à cultura surda se darem em um espaço de disputas e imposições pelo que é tido como verdade ou não, o surdo é narrado como um sujeito que “descobre” sua identidade no contato com a comunidade surda. As autoras sinalizam uma tendência, presente em artigos acadêmicos, teses e dissertações escritas por surdos, documentos do movimento surdo e produções culturais referentes à cultura surda, a centralizar os discursos dessa cultura na identidade. Assim, dando início a uma revisão das produções que versam sobre a surdez, demarco o período inicial dessa retomada que se deu na década de 1990, reconhecida pelo ativismo surdo.

2.1 Surdez e Identidade

A delimitação temporal do recorte que faço se deve ao fato de esse período, a década de 1990, ser marcado por mobilizações e fortalecimento dos movimentos surdos, bem como sua articulação com universidades, ocorrências compreendidas como “fator potencializador para uma virada epistemológica no campo educacional, social, cultural e político dos surdos no Brasil”. (THOMA; KLEIN, 2010, p. 109). Thoma e Klein (2010) destacam, por exemplo, a instalação de um escritório regional, em Porto Alegre, da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), sediado no Rio de Janeiro no ano de 1996; articulações políticas mobilizadas por lideranças surdas da capital gaúcha que deram visibilidade aos movimentos surdos em fóruns de lutas pelos direitos humanos; o ingresso de um grupo de educadores interessados em Educação de Surdos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), entre eles a primeira surda a obter o título de Mestre no país. Esse grupo foi o responsável pela criação do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), que potencializou pesquisas no campo da Educação de Surdos. Nessa conjuntura, começaram a ser organizados e desenvolvidos diversos projetos de pesquisa e de extensão no espaço acadêmico, cursos de formação de professores e intérpretes, fóruns permanentes para a discussões e proposições de políticas com relação à educação de surdos. Em 1999, como já citado neste projeto, se realizou o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, em que se produziu um documento que tornou-se a “referência para a discussão de políticas educacionais para surdos no Brasil e embasou a discussão de projetos político-pedagógicos de várias escolas de surdos no país”. (THOMA; KLEIN, 2010, p. 111-112).

Os movimentos e reações dos surdos, que se destacaram na década de 1990, decorreram da onda ascendente de discursos identitários que, segundo Gräff (2017), se evidenciou na década de 1970 no Brasil, quando alguns grupos identitários se organizaram em torno de reivindicações que visavam à garantia de direitos, principalmente à educação. Conforme a autora, devido a esses movimentos, “o Estado passou a cartografar identidades que representassem riscos para a governabilidade do país – a partir dos primeiros anos do século XXI”. (GRÄFF, 2017, p. 31).

Dentre as motivações representadas em publicações de autores surdos, tem destaque o passado difícil. Em um artigo em que se aborda a história cultural dos surdos, Perlin e Strobel, ambas pesquisadoras surdas, afirmam que:

Anular o passado e requerer o presente se mostrou como artefato cultural para os surdos. Um passado imerso na obrigação de serem ouvintes e, em função disto, aceitar que os outros fizessem a sua história, os dominassem, se tornou a marca mais deprimente. (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 20).

As autoras lamentam um passado no qual se exigia dos surdos que fossem como ouvintes, referindo-se à obrigatoriedade do processo de oralização e, ainda, ao fato de sua história ser narrada por ouvintes, situação análoga ao colonialismo, como observa-se no seguinte excerto:

Diante disto, surgem novos feitos e novas interpretações no cotidiano. Neste sentido, se prosseguirmos com as velhas realidades, narradas como que no tempo colonial, perigamos escrever uma história de holocausto, de dominação, de lamentos. Mas não é por aí... Temos outros caminhos que, mesmo desconhecidos, merecem ser trazidos à tona, vivenciados e narrados por constituírem a genuína história natural e cultural dos surdos. (PERLIN, STROBEL, 2014, p. 20).

Desde a perspectiva das pesquisadoras, há uma história natural dos surdos a ser narrada pelos próprios surdos. Em uma narrativa de sua própria experiência, Mourão (2011) afirma: “Agora, vamos falar sobre ‘oralizado’, Hum! Essa história é feia” (MOURÃO, 2011, p. 18), fragmento em que se observa seu desgosto com relação a sua experiência, que não é diferente da de outros surdos contemporâneos. A narrativa é finalizada com a seguinte afirmação: “O Cacau é surdo: esse sou eu e tenho orgulho de ser surdo!” (MOURÃO, 2011, p. 18), outra declaração recorrente entre os surdos. Esses recortes ilustram uma ideia de sujeito essencial, que possui em seu ser o orgulho de uma condição, ou que compreende que há uma história natural e cultural dos surdos a ser contada. Os discursos reincidem nas comunidades surdas, constituindo as novas gerações nos mesmos moldes ao ensinar como é ser surdo. Ao mesmo tempo, elas passam a repetir o mesmo discurso e a identificar-se com essa forma. A partir do dinamismo de como os sujeitos surdos são constituídos, é possível interpretar o nominalismo dinâmico. (HACKING, 2009). Conforme Donati (2017), a percepção da diferença cultural provoca o medo de se ser obrigado a ser como o outro, o que é visível nas afirmações dos autores surdos citados. Isso indica relações turbulentas, pois um tom coercitivo afeta sua identidade, o que contribui para a permanência de um temor de que uma cultura se imponha a outra.

Para Moraes e Klein (2014, p. 7), a

[...] afirmação de uma identidade opera como uma estratégia de luta, como um campo de militância política desses diferentes grupos, incluindo aí os surdos que se utilizam dessa estratégia para a reivindicação de um lugar. Porém, cabe problematizar que essa necessidade de ‘reafirmar uma identidade’ demarca uma impossibilidade ao sujeito surdo de vir a ser de outras formas, de se constituir de outros modos.

O que as autoras percebem, inclusive, é reconhecido por Mello (2011), que ao desenvolver uma pesquisa sobre a constituição da comunidade surda, encontra em suas análises evidências de um “jeito de ser surdo”, e que:

Segundo as narrativas surdas, poderíamos dizer que seria um surdo que vive a comunidade surda, que tem uma identidade surda, que partilha a cultura surda e que compartilha os mesmos códigos linguísticos. Além disso, [...] muitos dos surdos, antes de frequentarem a escola ou estarem em contato com seus pares, ‘não sabiam’ se eram deficientes ou surdos. Outro fato, é que os surdos afirmam que, na escola especial para surdos, existe um modelo surdo de ser e representar a surdez. (MELLO, 2011, p. 84-85).

Diante disso, a pesquisadora suspeita da existência do “jeito surdo de ser”, e busca entender quem é o sujeito de quem se fala e como se dá essa sua constituição. A partir de uma compreensão foucaultiana, Mello (2011) entende que a constituição do sujeito se dá por duas vias: pelo processo de objetivação, que torna cada indivíduo um objeto do outro; e pelo processo da subjetivação, que considera o indivíduo um sujeito e lhe atribui uma identidade como própria. Sendo assim:

Poder-se-ia dizer, então, que o surdo, ao se constituir e ser constituído como tal, principalmente no espaço escolar, é objetivado e subjetivado de maneira a ter o “jeito surdo de ser”, produzido muito mais por uma educação disciplinar, pela forma de vida que os surdos levam em relação à escola. Somam-se a isso outros atravessamentos da Contemporaneidade – os discursos da identidade e da diferença –, que produzem a comunidade surda e fazem com que hoje ela se coloque de outro modo, fazendo movimentos de luta, de resistência para que sua identidade surda seja reconhecida. (MELLO, 2011, p. 87).

A constatação da autora aponta para aspectos que caracterizam um modo de ser surdo que constitui esse sujeito: fazer parte de escolas de surdos, de comunidades surdas, militar pela causa surda e defender a identidade surda. Além disso, um outro elemento é importante nesse contexto, a presença da escola, que possui um significado diferente na experiência surda: o encontro do surdo com o outro surdo se dá na escola, de modo que “não é de se estranhar que atualmente a escola tenha tomado para si o espaço da comunidade surda, uma vez que é a partir dela que os movimentos surdos se fortalecem”. (MELLO, 2011, p. 87).

Müller e Karnopp (2017) desenvolvem uma análise de produções editoriais de surdos e entendem que suas narrativas “buscam atender a expectativas dos leitores, manifestando interpretações de fatos e de fenômenos [...]. Nesses processos, constituídos pelas palavras, são produzidos sentidos e criadas verdades que funcionam como mecanismos de subjetivação”. (MÜLLER; KARNOPP, 2017, p. 122-123). Diante disso, destaco uma narrativa produzida por uma autora surda, em um fragmento do prefácio do livro Estudos Surdos 2, de autoria de Gladis Perlin (2007), que se inicia assim: “Nós surdos somos...” e, dentre as definições que seguem, está a seguinte:

os diferentes dos não-surdos, dos surdos implantados ou dos deficientes auditivos. A estes grupos não interessa nossas lutas, elas lhes dizem de outras paragens sem interesse, sem encanto. A nós isto é importante. (PERLIN, 2007, p. 12).

A partir do destaque que dou às narrativas que reúno neste texto, não pretendo me posicionar em favor de alguma delas ou julgá-las, tampouco dizer como se deve ou não fazer pesquisa. A observação e a análise dessas narrativas têm a função de mostrar como os surdos se narram, no sentido de sinalizar a centralidade que tem a identidade em suas narrativas e que sentidos isso produz. Os sentidos construídos a partir da delimitação do grupo surdo, ao dizer quem não está nele e a quem a luta não pertence, para além de caracterizar os sujeitos de dentro e de fora, têm a função de criar mecanismos de subjetivação. Segundo Müller e Karnopp (2017, p. 138),

a inserção social do surdo em domínios discursivos [...] constitui sua identidade e, conseqüentemente, a sua narrativa, datada e localizada, que poderia ser construída de outra forma. Seus discursos estão relacionados à experiência de si, tendo em vista as práticas familiares e de educação formal.

Considerando que a identidade surda é constituída de acordo com o espaço e o tempo em que se localiza seu sujeito e, pensando com as autoras que as experiências de si são responsáveis pelos discursos produzidos e produtores dessa identidade, nas mudanças que a contemporaneidade traz, me refiro especificamente que as transformações geradas por uma forma de vida marcada pela digitalidade podem estar produzindo outras formas de ser surdo, distintas das que têm sido narradas pelos surdos e pelos Estudos Surdos³ da década de 1990 em diante.

Santos e Moraes (2014) questionam que subjetividades esses discursos de fortalecimento identitário produzem e a que servem à comunidade surda. Na pesquisa empreendida, as autoras salientam que o discurso da cultura surda é capturado pela identidade, pela militância e pela comunidade surda, e entendem que o conceito de identidade aprisiona o sujeito. (SANTOS; MORAES, 2014). Assim, percebem uma obstinação por defender a comunidade surda, o que culmina no festejo da diferença. A partir disso, alertam que esse festejo leva os surdos a se posicionarem na mesmidade, impossibilitando outros jeitos de ser e de se narrar. A discussão levantada por essas autoras me permite pensar nessa mesmidade, e a questionar se as novas formas comunicacionais possibilitadas pelas mídias digitais dão condições para diferentes narrativas surdas.

3 Para Skliar (1998), os Estudos Surdos em Educação “podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos”. (SKLIAR, 1998, p. 29).

Em uma pesquisa, que não trata especificamente de identidade, mas sobre como práticas estéticas visuais constroem um processo filosófico em crianças surdas, Caldas (2006), ao descrever um dos artistas abordados em sua pesquisa, observa: “Desde cedo, Baird formou sua identidade surda, um privilégio que poucos surdos tem (sic) devido ao fato de, normalmente, serem os únicos surdos rodeados por uma família de ouvintes, quase sempre sem ter a fluência em Língua de Sinais”. (CALDAS, 2006, p. 31). Está presente nas palavras da autora a noção de que a possibilidade de formar a identidade surda é um privilégio, que não é tido por aqueles que não têm as mesmas oportunidades, ou seja, de surdos que não assumem a identidade surda. No mesmo fragmento se observa a noção de naturalização dada à identidade, que é considerada algo existente e que precisa ser descoberto. Em janeiro de 2018, Ana Luiza Paganelli Caldas, a autora supracitada, foi entrevistada pelo ciberjornal Humanista, da UFRGS⁴. A entrevista faz parte da matéria *Cultura surda é desconhecida pela sociedade brasileira*⁵, e está articulada à entrevista dada pela publicitária e blogueira Lakshmi Lobato, surda que utiliza implante coclear, cuja entrevista é antecedida pelo subtítulo *Surdos oralizados*, em que as duas mulheres relatam suas experiências como surdas. Enquanto Ana Luiza comenta o sofrimento de sua infância e suas percepções como professora sobre as dificuldades de ser surdo num mundo sem acessibilidade, Lakshmi relata uma vida sem grandes dificuldades, salientando a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e afirma: “É comum acharem que Libras faz parte da vida de toda pessoa surda e que se aprende num passe de mágica. É uma língua como qualquer outra: precisa ser estudada e praticada e isso depende do interesse e necessidade de cada um”. (MACHADO, 2018). A autora da matéria, Ana Paula Machado, explica que “a falta de conhecimento das pessoas faz também com que elas não saibam da diversidade que há na comunidade surda. A comunicação de surdos pode vir através de Libras, escrita, leitura labial, aparelhos e implantes auditivos e outras tecnologias”. (MACHADO, 2018).

A forma de autorreconhecimento de Lakshmi Lobato, bem como a de outras pessoas que utilizam um implante coclear e a língua portuguesa, pode ser como surda. Como se observa, as delimitações da identificação surda, de quem está em um grupo surdo ou não, ocorrem em campos de tensão e disputa. Alguém poderia dizer que a fronteira imposta pela língua define precisamente os limites entre quem está dentro e fora desse grupo. Desse modo, falantes de língua portuguesa estariam fora dele e os de língua de sinais, dentro. Ainda assim,

⁴ Matéria de Ana Paula Machado.

⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/22/cultura-surda-e-desconhecida-pela-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 22 mai. 2019.

esses de dentro, reconhecidos como surdos, estariam divididos entre os que nasceram ouvintes e perderam a audição, que teriam uma relação diferente com a língua oral, os que fazem uso de aparelho auditivo, mas usam língua de sinais, os que usam língua de sinais com os amigos surdos e língua portuguesa com a família etc.

Cabe, para a discussão, observar a problematização feita por Witches (2018), a partir de Peter Burke, sobre os perigos da definição de *comunidade surda*:

é bastante difícil definir comunidade ou cultura surda quando não há uma homogeneidade nas formas de ser surdo. Contemporaneamente, encontramos diferentes formas de viver a surdez, mas a língua, contudo, é evocada como um critério de distinção. O uso da língua de sinais não apenas distingue o surdo do ouvinte, ele é um critério da distinção entre o ser surdo e outros modos de viver a surdez. (WITCHES, 2018, p. 51).

Hall (2005), ao identificar transformações estruturais nas sociedades modernas no final do século XX, reitera que nossas identidades pessoais têm sido por isso mudadas, abalando a noção que temos de sujeitos integrados. A essa perda de um “sentido de si”, o autor define como deslocamento ou descentração do sujeito e, a partir da ideia de deslocamento trazida por Hall (2005), junto aos apontamentos de Witches (2018) relativos à existência de modos de viver a surdez, é possível pensar que são infinitas as posições que o sujeito surdo pode ocupar, e estar em uma caixa identitária fechada ou definir tudo que pode estar dentro dela é uma ilusão. Minha intenção ao fazer essa reflexão é de afirmar que não é possível dar conta de identificar ou definir todas as possibilidades identitárias que se encontram em um determinado grupo, como no grupo dos surdos por exemplo, mas de perceber a identidade como fenômeno representativo constituído por variáveis de dado contexto temporal, social, cultural etc. A partir dessa compreensão, é possível entender que, nesse grupo definido como comunidade surda, há uma identidade surda ideal, uma forma de ser surdo que recorre e que se reproduz, uma forma que é valorizada e que serve como modelo para os novos surdos.

Witches (2018), ao desenvolver, em sua Tese de doutoramento, uma pesquisa que analisou um conjunto de documentos mantidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, relacionados à educação de surdos, buscou por práticas de governo linguístico na educação de surdos no contexto brasileiro do século XX⁶. O autor constatou que “a produção de saberes sobre a surdez e os surdos ao redor do mundo foi aos poucos inventando um tipo específico de pessoa”. (WITCHES, 2018, p. 175). Por meio das práticas de governo linguístico desempenhadas por empreendimentos educacionais voltados aos

⁶ Tais práticas tinham influências internacionais da educação de surdos.

surdos é produzido esse tipo específico de pessoa o qual denomina *Surdus mundi*. Para Hacking, as “categorias de pessoas passam a existir na mesma hora em que tipos de pessoas passam a existir de modo a se encaixarem nessas categorias, e há uma interação de mão dupla entre esses processos”. (HACKING, 2009, p. 63). Tanto Hacking (2009) como Witches (2018) utilizam uma noção foucaultiana de constituição de sujeitos, que entende que o sujeito é constituído, para além do nome que se dá a ele, por uma multiplicidade de organismos, forças, energias, materiais, desejos e pensamentos. Ao entender, dessa forma, que somos inventados por um tempo e pelos elementos que o compõem, e se esse tipo específico de surdo é inventado por práticas de determinado período, a contemporaneidade, que caracterizo como digital, pode estar produzindo ou visibilizando novas nuances na identidade surda referenciada. A pesquisa empreendida por Witches (2018) faz uma análise recuperando dados históricos de um período passado, o que significa que, para tanto, utilizou documentos produzidos entre 1909 e 1989.

Hall (2005) faz uma referência ao crítico cultural Mercer muito pertinente na reflexão proposta. Segundo Mercer (1990, p. 43 apud HALL, 2005, p. 9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Interessa-me observar as diferentes formas de constituição do sujeito surdo que emergem a partir de um contexto de uso e proliferação de tecnologias e mídias digitais, visto que esse uso permite visualizar, por meio da exposição propiciada pelas mídias, interações, formas de relação e de comunicação que antes não eram visíveis, porque, dentre outros motivos, não estavam expostas.

Retomo a fala de Lakshmi Lobato quando este salienta que a “comunicação de surdos pode vir através de Libras, escrita, leitura labial, aparelhos e implantes auditivos e outras tecnologias”. (MACHADO, 2018). A partir desse fragmento, observo que, para a entrevistada, é surda tanto a pessoa que utiliza língua de sinais quanto a que faz uso da língua oral por meio de recursos como aparelho, implante etc. Outro aspecto que cabe destacar a partir de Lakshmi Lobato, é com relação à percepção de alternativas comunicativas mais abrangentes propiciadas por tecnologias. Tais possibilidades vêm sendo reconhecidas por diversos pesquisadores da área da surdez. Partindo de um conjunto de trabalhos selecionados que abordam surdez e tecnologias, sinalizo as compreensões que vêm sendo produzidas nesse cruzamento.

No “livro do olho”, ou o livro em que se propunha um segundo olhar (SKLIAR, 1998), se questionava se as representações sobre a surdez podiam mudar de um viés deficiente para uma compreensão cultural, como se a perspectiva da deficiência não estivesse colocada

também dentro de uma compreensão cultural, visto que qualquer leitura integra uma interpretação cultural. As leituras não necessariamente mudam, mas se multiplicam, e há quem siga entendendo a surdez como deficiência e aqueles a quem interessa enxergar nela a identidade surda. Assim, no cruzamento dos campos de conhecimento da surdez e da tecnologia, surgem outras formas de compreensão.

2.2 Surdez e Tecnologias

Castells (1999), baseado em Stephen J. Gould, entende as revoluções como eventos importantes e raros que se dão em meio a períodos estáveis. Esses eventos pontuam a história da vida, estabelecendo como será a próxima era estável. O autor especifica, então, a revolução ocorrida no final do século XX, que transforma a *cultura material* pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno da tecnologia da informação. O mesmo é entendido por Sibilia (2016) como um fenômeno desconcertante e como a autora se refere aos meios de comunicação de massa que usam tecnologias eletrônicas:

Já nos primórdios do século XXI, testemunhamos a consolidação deste outro feito igualmente impactante: com uma rapidez inusitada, os computadores interconectados através de redes digitais de abrangência global se converteram em inesperados meios de comunicação. (SIBILIA, 2016, p. 19).

Para a autora, quando os fios das redes informáticas se teceram ao redor do mundo, ficou evidente que algo mudava radicalmente. Para Beck (2018), a construção digital do mundo está relacionada à metamorfose digital do mundo, em que toda a ação humana e toda máquina produz dados, embora isso não signifique dizer que tudo é novo, mas uma Virada Copernicana 2.0, e, conforme Fragoso, “as tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social”. (FRAGOSO, 2009, p. 12). A autora demonstra espanto com a velocidade desse processo e afirma que os prováveis motivos e possíveis desdobramentos dessas mudanças são complexos. Tais desdobramentos têm sido observados em diversos cenários, inclusive têm sido sentidos no âmbito educacional de forma expressiva. Nas pesquisas que versam sobre a educação de surdos, como pode-se verificar neste capítulo, não é diferente. Para uma comunidade cuja língua é de modalidade visual-gestual, os efeitos das mídias digitais merecem um olhar específico. Para conhecer tais alterações e como elas estão mudando a forma de comunicar e de interagir, observei um conjunto de trabalhos resultantes de pesquisas que abordam as

relações entre tecnologias digitais e surdez. Nesta seção, reuni teses, dissertações e artigos⁷ que abordam a temática das tecnologias digitais relacionadas ao uso feito pela comunidade surda⁸. É importante ressaltar que a proposta deste capítulo é conhecer pesquisas que abordam tecnologias digitais de informação e comunicação. Alguns dos trabalhos encontrados⁹ tratavam de tecnologia em geral e não foram incluídos, pois não contemplavam os aspectos comunicacionais, fundamentais para compor esta revisão.

Um dos possíveis modos de compreender o uso das tecnologias em nossos cotidianos e sua popularização¹⁰, que amplia a cada dia o número de usuários de mídias digitais, é como uma formação cultural e social que apresenta um conjunto de atividades em que se encontram nossos jogos de linguagem, o que caracterizaria, a partir da perspectiva de Wittgenstein, uma forma de vida. (GLOCK, 1998). Segundo o Dicionário Wittgenstein, forma de vida seria “o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem”. (GLOCK, 1998, p. 174). Para Wittgenstein, a totalidade da linguagem e das atividades a ela entrelaçadas, conforma o *jogo de linguagem*, ou seja, falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Além disso, “[...] novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, poderíamos dizer, passam a existir, e outros envelhecem e são esquecidos”. (WITTGENSTEIN, 1999, § 23). Conforme Glock (1998), Wittgenstein adota um relativismo cultural, o que significa considerar que atividades humanas, como a língua, devem ser interpretadas em seus respectivos contextos, pois cada cultura possui uma forma distinta de se expressar. Dessa forma, Witsch e Lopes (2018), a partir da compreensão de que a relação linguística é significativa na constituição da identidade surda, para desenvolver uma discussão acerca de marcadores culturais surdos, utilizam a compreensão de *forma de vida surda*. No desenvolvimento, utilizam como exemplo o sentido que a palavra *olhar* teria em um contexto cultural surdo e que pode ser distinto do sentido dado em outros contextos. Para alguém cuja cultura está marcada pela surdez, *olhar* possui um valor semântico diferente do que possui para sujeitos ouvintes, para quem possivelmente a palavra apenas representa uma ação de um sentido. Os sentidos relacionais e psicológicos das palavras são produções “[...] humanas e

7 A busca pelos trabalhos foi feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, na Biblioteca Eletrônica Scielo e no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES.

8 Os trabalhos que agrupo neste capítulo foram encontrados utilizando os descritores surdez/surdos e redes sociais, surdez/surdos e tecnologias digitais e surdez/surdos e tecnologias digitais de informação e comunicação como forma de busca.

9 Sales (2009), Nogueira (2009), Thoma e Pellanda (2006).

10 De acordo com pesquisas sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nas escolas e domicílios brasileiros realizadas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2017a; 2017b), o uso e o acesso a tecnologias digitais de informação e comunicação vêm aumentando progressivamente no Brasil.

culturais que se dão quando estamos imersos em uma forma de vida específica”. (WITCHES; LOPES, 2018, p. 8).

Consoante Knijnik (2017), o modo como se utiliza a linguagem afeta os jogos de linguagem e as regras que os constituem, o que significa que esses jogos precisam ser entendidos dentro de uma forma de vida e que, Silverstone (2011), propõe pensar as tecnologias como cultura ao tomar, elas próprias e seus usos, como objetos e práticas simbólicos e materiais. Partindo da ideia do autor e considerando que uma forma de vida é o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem, proponho considerar que o uso de tecnologias e mídias digitais, ao apresentarem uma nova linguagem, podem conformar uma forma de vida. Ela se organiza a partir de um universo de sentidos produzidos a partir da condição de seu uso e adesão, uma forma de vida típica da contemporaneidade que se caracteriza pelo uso da tecnologia digital. Nessa digitalidade, na qual os surdos também estão imersos, se evidencia o compartilhamento de um aspecto crucial no desenvolvimento da pesquisa proposta: a linguagem imagética.

Segundo Claudio (2016b, p. 36), “os fluxos de produção cultural da contemporaneidade são motivados pelo ambiente criado pelas mídias, em especial, a internet”, e tal espaço de produção cultural permite a relação entre distintas e diversas identidades culturais. Ao se considerar a dimensão imagética da linguagem que recebe destaque nas mídias digitais, o uso de redes sociais informatizadas e demais tecnologias digitais como forma de comunicação pela comunidade surda se confirma como uma temática produtiva para pesquisadores, não só da Educação, mas também da Linguística e da Comunicação. Os estudiosos se veem levados a enredar suas pesquisas e a abrir seus olhares à tecnologia diante das transformações que vêm ocorrendo em seus objetos de pesquisa em decorrência dos meios tecnológicos de comunicação.

O conjunto desses trabalhos permite visualizar em que sentido se encaminham e o que têm encontrado as pesquisas acadêmicas em relação ao uso de tecnologias digitais de comunicação e informação, principalmente as redes sociais e mídias digitais, por surdos ou em educação de surdos.

Machado e Feltes (2010) analisaram identidades culturais e utilizam a rede social Orkut como fonte de material empírico. Nessa pesquisa a rede social não era o foco, mas a fonte dos dados analisados, escolhida por ser uma rede que “objetiva que pessoas se conheçam e se relacionem”. (MACHADO; FELTES, 2010, p. 34). O artigo de Ramos (2014) teve como centro de investigação a rede social Facebook, por ser, atualmente, o local em que os surdos se encontram. Segundo o autor, os surdos se encontram em praças, shoppings,

bares, associações, porém agora “com mais força” por meio de redes sociais, como o Facebook. O pesquisador afirma que este é seu foco no texto, pois “é um espaço que se tornou importante na vida de muitos surdos, ao menos daqueles que estão conectados”. (RAMOS, 2014, p. 2). Beck (2018) afirma que a comunicação digital se tornou o espaço da comunicação pública, o que, no passado, costumava ocorrer em territórios específicos. As vantagens dessa desterritorialização são evidentes, os baixos custos, o maior alcance e não há a necessidade de deslocamento físico. Tanto Machado e Feltes (2010) quanto Ramos (2014), enfatizam as possibilidades que as redes proporcionam aos surdos, evidenciando as formas de interação entre eles. Ramos (2014) comenta que ainda há muito a ser dito sobre os surdos e o “boom” das redes sociais, indicando essa temática como um campo farto para pesquisas. Segundo o autor, em relação ao Facebook, “é possível fazer deste espaço um lugar de luta, de movimentos, de encontros, de exposição da sua língua”. (RAMOS, 2014, p. 14). Considerando a ênfase na identidade e na luta surdas nos trabalhos da seção 2.1, depreende-se que seguem a mesma lógica que Machado e Feltes (2010) e Ramos (2014), ao destacarem a necessidade da luta e dos movimentos. No entanto, há um elemento que não se visualiza em suas pesquisas: a exposição da língua. Naquelas pesquisas, a língua aparece como forma comunicativa, ou seja, a língua de comunicação entre sujeitos surdos; aqui, a língua aparece como um dos elementos expostos nas redes sociais, o que subentende, se está sendo exposta, a visibilização dos membros dessas redes sociais, o que pode incluir pessoas que não sejam necessariamente surdas ou que usam a língua de sinais para se comunicarem. Isso coloca o surdo no mundo da informação, amplia suas possibilidades comunicacionais, como se observa no parágrafo seguinte, bem como o torna mais um gerador de dados na Virada Copernicana 2.0.

Alguns dos autores dos trabalhos selecionados¹¹ identificam os aplicativos, plataformas de compartilhamento de vídeo e redes sociais como forma de inclusão social, interpretada por alguns “como superação de barreiras”, como observa-se no seguinte excerto:

[...] observa-se que os surdos conseguem comunicar-se da mesma forma que qualquer ouvinte por meio das tecnologias superando, também, barreiras de tempo e espaço, com apoio da Internet. (ANDRIOLI; VIEIRA; CAMPOS, 2013, p. 1802).

A ideia de que as tecnologias podem levar um sujeito deficiente a superar barreiras carrega um discurso de normalização, como se a superação da barreira que a deficiência impõe fosse a condição necessária para alcançar a normalidade, tendo a superação representada pela ideia do surdo como ouvinte. Nesse sentido, a diferença se apaga, o surdo

¹¹ Andrioli, Vieira e Campos (2013); Melara, Rampelotto e Linassi (2015) e Garcêz e Maia (2009), por exemplo.

pode fazer o que o ouvinte faz, significando tal superação como uma condição de igualdade almejada. Assim, embora essa ideia de superação seja uma possibilidade, se tomarmos um paradigma de normalidade audista, não é suficiente para afirmar que as tecnologias digitais possibilitam aos surdos outros modos de ser. A partir de uma compreensão de norma como princípio de comparabilidade que se institui na preferência de um grupo por si próprio, um ato de normalização é o que busca colocar todos na norma (a ouvinte, neste contexto), em vista de incluir todos. (LOPES; FABRIS, 2013). Não está na normalização do surdo ou no apagamento da identidade surda um outro modo de ser surdo. Ao contrário, isso poderia representar modos de não ser surdo. A leitura que faço das novidades tecnológicas mencionadas nesses trabalhos e dos seus efeitos na vida dos surdos é no sentido de mostrar que elas permitem que esses sujeitos se posicionem de formas que não eram possíveis antes da ascensão das tecnologias digitais de comunicação e informação e, não somente pela não existência ou difusão dessas tecnologias, mas por não haver condições de possibilidades que lhes permitissem outros posicionamentos.

A característica discriminatória também fica evidente, ao indicar as tecnologias digitais de informação e comunicação como forma de inserção sem discriminação, o que pode ser interpretado como um modo de apagar a diferença e igualar o surdo ao ouvinte, normalizando esse sujeito ao oferecer-lhe recursos que estão disponíveis a todos sem fazer a diferenciação, ou seja, sem necessariamente mencionar a surdez.

As tecnologias podem auxiliá-los de maneira significativa, possibilitando a inserção dos mesmos, sem discriminação e disponibilizando diversos recursos visuais, que são como já se sabe importantíssimos para os surdos na sua vida cotidiana e também para a sua formação e educação. (MELARA; RAMPELOTTO; LINASSI, 2015, p. 8).

Ademais, os pesquisadores apontam que essas tecnologias têm possibilitado que o surdo seja um sujeito mais autônomo e menos dependente, por possibilitar que sejam “produtores e veiculadores de suas próprias narrativas, sem intermediações” (GARCÊZ; MAIA, 2009, p. 85), de modo que, sem a necessidade da intermediação de outro sujeito, o intérprete de língua de sinais, por exemplo, como pode-se observar no seguinte excerto:

Por dispor de diversas funcionalidades, por ser prático e de custo acessível, o celular oportuniza ao surdo facilidades não só na vida diária, como nas questões de ensino e aprendizagem. Com ele, o surdo cria pontes entre o que domina e o que precisa saber, com uma rapidez muito maior do que se ele apenas dependesse de intérpretes para intermediar as mais diversas situações. (DIDÓ, 2012, p. 51).

Essa ampliação das possibilidades comunicativas propiciadas pelas tecnologias e mídias digitais está entre os principais achados das pesquisas, sendo indicado como motivador

nos processos de aprendizagem de alunos com surdez e ampliador de seu repertório comunicativo, o que possibilita a interação e favorece o ensino de Libras tanto para surdos quanto para ouvintes. (SANTOS, 2015). Ao referir as tecnologias de informação e comunicação como a representação de avanços incalculáveis nas possibilidades de comunicação para sujeitos surdos, Martins e Lins (2015) consideram a inserção comunicativa garantida a esses sujeitos por essas tecnologias impensáveis até então. Diante disso, e sabendo da luta da comunidade surda por inclusão social, pode-se depreender que essa comunidade, que milita por reconhecimento linguístico, pela difusão da sua língua e por uma educação que respeite suas diferenças, alcançou seu objetivo, e esta questão não deixa de aparecer nas mesmas pesquisas.

Apesar dos desembaraços e avanços proporcionados por tais tecnologias, elas não dissolveram os problemas da comunidade surda. Garcêz e Maia (2009) defendem que a Internet amplia as oportunidades de comunicação e os recursos para que grupos e indivíduos que sofrem injustiças possam tornar visíveis interesses e aspirações de modo relativamente autônomo. Assim, o uso dessas tecnologias por pessoas surdas também é entendido como:

um meio de conquista de cidadania, a partir da percepção de um grupo de surdos considerados como ‘lideranças sociais’, pela posição que ocupam na comunidade e por sua militância e vivência dentro da comunidade surda. (ANDRIOLI; VIEIRA; CAMPOS, 2013, p. 1793).

Observa-se a visibilização de “indivíduos que sofrem injustiças” e que têm, via tecnologias digitais, a oportunidade de lutar por seus direitos de forma autônoma ao serem visibilizados (GARCÊZ; MAIA, 2009), isto é, por meio da exposição proporcionada pelas mídias digitais. Arcoverde (2006) percebe nas interlocuções de sua pesquisa a visualização do surdo com experiências de vida e consciência de seu papel de ajudar outros surdos. Suas pesquisas indicam que, mesmo depois de conquistas que garantem respeito a sua diferença linguística, a comunidade surda ainda não se vê contemplada com as condições de igualdade que deseja e não abandonou a militância. Nesse sentido, as promessas trazidas pelas tecnologias digitais podem significar junto às conquistas surdas, avanços dessa comunidade, como indicam Andrioli, Vieira e Campos (2013, p. 1802):

Os surdos relataram, inclusive, suas percepções a respeito da evolução tecnológica e a conquista da autonomia ao longo dos anos, uma vez que os celulares se tornaram mais acessíveis e com recursos multimídia, especialmente o vídeo, permitindo que fizessem, sozinhos, coisas que antes dependiam de ajuda de terceiros.

O ambiente escolar está atrelado à experiência surda e não é possível excluí-lo dessa discussão. Mello (2011) desenvolveu, em sua pesquisa, uma problematização que aborda a

relação escola e comunidade, indicando a articulação entre ambas a partir de narrativas de surdos sobre si. Como já discutido na seção anterior, não há como excluir a escola da experiência surda aqui abordada, visto que é nela que ocorre o encontro com outros surdos e, assim, a identificação. É possível observar nessas produções que as mídias digitais têm funcionado também como um outro espaço para os surdos, dado seu caráter visual. Costa (2007), aponta as videografias de si postadas na plataforma de vídeos YouTube como uma das expressões de um novo regime, o da visibilidade total, em que nada pode escapar da imagem. Segundo o autor, os vídeos são “uma expressão cultural em acordo tácito com a supremacia da imagem e a constante exposição imagética dos indivíduos” (COSTA, 2007, p. 10), de modo que a supremacia da imagem, descrita pelo autor, tem um significado diferente para uma comunidade cuja língua é visual. Talvez seja um pensamento mais recorrente em ambientes em que se trabalha com surdos a ideia de que algo faltava e que agora esteja suprido pelas tecnologias digitais e, provavelmente, pela predominância imagética propiciada pelas mídias. Essa ideia é observada em algumas pesquisas, como pode-se observar em Martins e Lins (2015, p. 193):

A necessidade dos multiletramentos dos surdos é ainda anterior ao surgimento das novas tecnologias e a possibilidade de uso de diferentes linguagens na construção de um texto vai ao encontro à visualidade fundamental na aprendizagem dos surdos, à pedagogia visual, em específico, a qual se caracteriza como um dos elementos fundamentais na efetivação de práticas educacionais bilíngues, na medida em que pode sustentar a aprendizagem dos surdos em um tripé formado por texto, imagem e vídeo.

Antes de ser possível a gravação de textos em língua de sinais, propunha-se a escrita de sinais, o *SignWriting*, um sistema de escrita para línguas gestuais que permite que o surdo escreva em sua própria língua sem a necessidade de usar a língua oral. (PINTO; COELHO, 2017). É importante ressaltar que não é a partir do aparecimento de câmeras de vídeo que se desencadeiam as produções em Libras, mas da popularização e o acesso facilitado a mídias digitais, como indica Didó, e que “por dispor de diversas funcionalidades, por ser prático e de custo acessível, o celular oportuniza ao surdo facilidades não só na vida diária, como nas questões de ensino e aprendizagem”. (DIDÓ, 2012, p. 51). Ainda que pensemos que uma câmera gravadora possa ser um recurso para registro de textos em língua de sinais, ela por si só não permite o que os aplicativos, redes sociais e plataformas aqui pesquisadas permitem: a interação em língua de sinais.

Um dos trabalhos que compõem esta revisão me interessou sobremaneira por aproximar-se à proposta que venho desenvolvendo. Festa (2012), ao perceber o YouTube como possibilidade de circulação de discursos realizados em língua de sinais, analisou “os

discursos produzidos por surdos em vídeos postados no YouTube a respeito da cultura surda, aspectos de convivência na sociedade entre surdos e ouvintes e movimentos políticos”. (FESTA, 2012, p. 102). A pesquisa considerou o YouTube como um novo espaço interativo para os surdos, além de proporcionar a valorização do “ser surdo”.

Diferentemente da pesquisadora, que observa o que dizem os surdos sobre a cultura surda, nesta investigação, observei youtubers surdos e o que eles mobilizam em seus vídeos, seja sobre surdos ou não. Na verdade, as primeiras ideias de pesquisa que tive surgiram justamente quando percebi, enquanto assistia a um vídeo de um youtuber surdo, que ele não falava sobre surdos. Não significa que eu nunca antes tivesse tido uma conversa com um surdo sobre qualquer outro assunto que não a surdez, ou que eu não soubesse que surdos falam sobre outras coisas. O que me chamava a atenção era aquele registro exposto para o acesso de qualquer pessoa que não era sobre surdez, mas sobre ateísmo e agnosticismo¹². Ao refletir sobre porque aquilo me causava surpresa, percebi que as produções de surdos que eu conhecia geralmente tematizavam sobre surdez, mas aquele vídeo, não. Aqueles youtubers surdos ampliaram suas temáticas, provavelmente motivados pela necessidade de cativar públicos em torno de interesses comuns.

Em sua pesquisa de dissertação, que analisa produções de Literatura Surda, Mourão (2011) observa, nas adaptações das histórias abordadas, que um ou mais personagens são surdos, geralmente os principais e que o enredo é modificado para acolher marcadores da cultura surda, tais como a língua de sinais, avisos luminosos etc. O autor também observa que existe uma preocupação dos contadores de histórias não somente em inserir personagens surdos, mas, em trazer experiências cotidianas apresentando, a partir da identidade surda, uma imagem positiva do ser e orgulhar-se de ser surdo. Uma observação interessante realizada pelo pesquisador é que nas narrativas analisadas não se contemplam outras diferenças, como

personagens idosos, gordos, pessoas com deficiência visual/ motora... ou mesmo a presença de surdos negros, surdos gays, surdos-cegos etc (esses personagens) não são trazidas para a história. Parece que a preocupação é privilegiar as experiências estritamente no campo da diferença surda. (MOURÃO, 2011, p. 115-116).

A exemplo do que traz Mourão, ao observar algumas produções, como *Cinderela surda* e *Rapunzel surda*, obras que giram em torno da temática da surdez, baseadas em histórias infantis conhecidas e que incorporam a cultura surda a elas, verifica-se a substituição dos personagens, originalmente ouvinte, por um personagem surdo. “Cinderela Surda e Rapunzel Surda são duas histórias que fazem uma releitura dos clássicos da literatura e

¹² Vídeo *ATEÍSMO E AGNOSTICISMO SÃO IGUAIS? ft. Gabriel Isaac*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YMKxR7bKJ5M>

apresentam aspectos da língua, cultura e identidade”. (KARNOPP, 2008, p. 104). Para a autora, a literatura surda é composta por histórias que têm presente na narrativa a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surdas. Segundo a autora:

A literatura surda tem uma tradição diferente [...]. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. (KARNOPP, 2008, p. 2).

Para Karnopp, o registro da literatura surda se autoriza, principalmente, quando se reconhece a Libras como língua brasileira e pelo desenvolvimento tecnológico, que passa a possibilitar formas visuais de registro. Um dos exemplos dessa possibilidade é o canal de YouTube *Mãos Aventureiras*¹³, em que são postadas histórias infantis narradas em Libras por Carolina Hessel. Na descrição do canal pode-se ler que:

Este blog vai juntar duas coisas importantes para nós, surdos/as, e para todos/as que se interessam pela comunidade surda: Libras – Língua Brasileira de Sinais – e literatura infantil de qualidade. Bons livros infantis são interessantes para todas as pessoas. Os livros enriquecem nossos pensamentos e sentimentos. (MÃOS AVENTUREIRAS, 2019).

Nos vídeos, Carolina Hessel, a idealizadora do projeto, conta histórias de livros infantis em Libras. Os vídeos encontrados no canal, também disponibilizados em um site¹⁴, são totalmente em língua de sinais e apresentam, como recurso ilustrativo, as imagens das páginas do livro abordado¹⁵, atendendo ao caráter visual da cultura surda. Como refere Karnopp (2008), a tecnologia possibilita não só o registro da língua por meio da gravação, mas também a acessibilidade e sua difusão. A literatura passou da via analógica para a digital, um salto representativo para a comunidade surda, que encontrou na digitalidade a viabilidade para perpetuar sua literatura em língua de sinais. Nesse sentido, faço algumas observações: há mudanças nas formas de se fazer literatura, afinal, têm-se recursos que não existiam ou não eram acessíveis anteriormente, embora algo siga da mesma maneira: a literatura surda segue sendo produzida pelos surdos e para os surdos. Todavia, as histórias contadas são de livros de literatura infantil, histórias diversas, sem adaptações de personagens, o que pode significar a entrada da literatura infantil na cultura surda. A contação de histórias produzida por Carolina Hessel continua tendo seu foco nos surdos, e não é uma contação de história para falantes de

¹³ O canal, disponível em https://www.youtube.com/channel/UCkrmx_wNCYEGpWnV54LMSIA, contava com 13.875 inscritos em 03/06/2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>

¹⁵ Por vezes, alguma parte do texto em língua portuguesa pode ser visualizado na página apresentada, mas não é esse o foco do vídeo.

língua portuguesa (a não ser para aqueles que sabem língua de sinais), mas uma tradução de histórias originalmente escritas para ouvintes, traduzidas para língua de sinais. A porta se abre para que as histórias de fora entrem e, por meio da interpretação surda, cheguem às crianças surdas. Seja por causa das tecnologias e mídias digitais ou não, essas histórias contadas em Libras não se limitam ao foco identitário surdo e podem abranger personagens outros, como os citados por Mourão (2011) que antes não faziam parte das narrativas.

Apresentei diversos trabalhos acadêmicos, dentre eles alguns que mostram a identidade ou a cultura surda como tema central, outros partem da temática da surdez para abordar as tecnologias e, de uma forma geral, nenhum deles deixa de referir-se à importância da identidade e da cultura surdas e do quanto as tecnologias digitais têm repercutido positivamente entre os surdos.

Pensando em alguns marcadores culturais surdos, como a surdez como condição primordial de distinção, a alma em luta permanente e bipartida pela (a)normalidade, a identidade, a reunião em um espaço físico ou virtual, o olhar, a língua de sinais, a experiência visual-gestual, o tempo (WITCHES; LOPES, 2018), pode-se entender a surdez como um mundo particular. Porém, como os próprios autores indicam e, diante da revisão realizada neste trabalho, outras possibilidades de entendimento se evidenciam. Por exemplo, a contraposição a essa crença do mundo particular surdo ao verificar que os surdos estão conectados e sentem seus efeitos em suas formas de interagir e de se relacionar. Cabe ponderar que essa relação não necessariamente se dá somente entre surdo e surdo, uma vez que a cultura digital possibilita a ampliação das relações ao permitir o contato entre sujeitos que compartilham de um mesmo código comunicacional, pois as barreiras (mencionadas em alguns dos trabalhos revisados) se estreitam e as possibilidades de interação se expandem, e a linguagem imagética dispõe um mundo acessível tanto aos falantes de língua portuguesa como aos falantes de línguas de sinais. Talvez, ela seja um dos componentes a criar condições de possibilidade, pela exigência do uso que algumas mídias demandam, da aprendizagem dessa língua.

As mudanças das quais tenho falado, tanto de maneira geral como quando me refiro aos surdos, não acontecem fora de um contexto político e econômico. Por mais que nossas sociabilidades estejam sendo concebidas pelas interações entre usuários de redes sociais, “as normas e regras que as regem ensejam as tensões provocadas pelos interesses de proprietários e usuários” (TOMAZ, 2017, p. 158), e os rumos que tomam nossos modos de ser são efeitos, dentre outras coisas, das práticas que o uso de mídias digitais nos colocam, e essas não vão em qualquer direção. Para Han (2018b), estamos adentrando na era da psicopolítica digital,

em que passamos de uma vigilância passiva, própria da biopolítica, ao controle ativo, fazendo com que até a vontade própria seja atingida. O autor aborda como voluntariamente submetemos nossos dados às redes digitais, incentivados pelo imperativo da transparência e, desse modo, passamos a ser facilmente lidos, por meio daquilo que expomos, por quem quer que tenha interesse. Nesse mesmo sentido, Loureiro e Lopes (2015, p. 338) percebem que:

a conexão em rede e a disponibilidade para acessar e ser acessado [como] estratégias que, atreladas à educação em todos os espaços, não apenas criam as condições para que outros tipos de práticas de governo sejam exercidas – a condução das condutas parece estar cada vez mais ligada ao uso das TD (tecnologias digitais) – mas também produzem outros tipos de subjetividade.

Como sujeitos de uma racionalidade neoliberal, somos empreendedores de nós mesmos, responsáveis pelo nosso sucesso ou fracasso. Desse modo, nenhum âmbito escapa a tal lógica, e nossas sociabilidades também estão submetidas da mesma forma. Loureiro e Lopes, ao analisarem programas voltados à inclusão digital da educação, consideram o “[...] fomento à educação em todos os espaços, a conexão em rede e a disponibilidade para o sujeito acessar e ser acessado” (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 333), como “investimentos na produção do *Homo œconomicus accessibilis*; um sujeito que, além de ser um empresário de si mesmo, também deve ter condições de acessar e estar disponível para ser acessado”. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 333).

Os surdos têm utilizado essas tecnologias como qualquer pessoa no mundo e que possui acesso. Nesse sentido, na tentativa de observar as características que a forma de vida digital tem nos modos de ser surdo, a análise de produções de surdos no YouTube pareceu-me um caminho oportuno, a partir dos canais de youtubers surdos. Justifico tal proposição considerando que a plataforma é utilizada por seus usuários como uma forma de comunicar, de aprender, de interagir, de socializar e que, portanto, permite visualizar práticas que compõem modos de ser.

Conforme Loureiro e Lopes (2015), estar incluído digitalmente no século XXI é “condição mínima para participação em uma sociedade em rede e para que estejamos conectados a outras formas de trabalho, de relacionamento e de participação política, social, cultural e econômica”. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 362). Amanda Antunes (2019), ao desenvolver uma pesquisa sobre jovens nas redes digitais, afirma que:

Já é fato inquestionável a presença e importância da tecnologia e, em especial, das redes sociais digitais na vida dos jovens transformando seus meios de comunicação, mas também, para muito além disso, suas formas de construir representações, negociar identidades, elaborar apresentações de si, consumir e compartilhar seus valores e perspectivas da realidade social.

Desse modo, a partir de Loureiro e Lopes (2015) e Antunes (2019), considerando a inclusão digital como condição de participação social e nas transformações que a digitalidade impõe aos nossos modos de ser, é importante, desde um ponto de vista educacional, observar que sujeitos essa condição está produzindo. Nesse sentido, o capítulo que segue aborda como os sujeitos surdos têm se colocado em evidência nas redes e mídias digitais.

3. A PRESENÇA SURDA NAS MÍDIAS DIGITAIS

Neste capítulo, baseada nas condições digitais e nas formas como sujeitos surdos têm se manifestado em rede, apresento como foi feita a escolha pelo YouTube como fonte propícia para o desenvolvimento desta investigação. Na seção seguinte, 3.1 Os sentidos da experiência em meio à exposição, abordo o conceito de experiência a partir de Sibilia (2016) e as possibilidades de pensá-la no contexto digital em que estamos imersos e pela exposição que tal contexto tem demandado.

Das diversas formas de representação da digitalidade, as mídias digitais são a materialização que se visibiliza nesta pesquisa. Dentre as que se popularizaram nos últimos anos do século XX a partir do acesso a internet, o Facebook, o WhatsApp e o Youtube foram as mídias e aplicativos ativos que mais recorreram nos trabalhos acadêmicos que reuni em minha revisão.

A mídia e rede social Facebook foi fundada em 2004 e sua missão é “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar as pessoas. As pessoas usam o Facebook para manter contato com amigos e parentes, descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante para elas”. (SOBRE O FACEBOOK, 2018). Atualmente, o Facebook conta com 127 milhões de pessoas ativas no Brasil¹⁶ (SOBRE O FACEBOOK, 2018) e, por meio dessa rede social, o usuário pode realizar postagens em sua linha do tempo pessoal, permitindo ou não a visualização por outros usuários que podem ser classificados como amigos, conhecidos ou mesmo que não tenham nenhuma relação.

Além de poder compartilhar textos, links, imagens, áudios e vídeos e da possibilidade de conversar ou fazer chamadas por vídeo com amigos pelo chat do Facebook, o usuário pode fazer uma *live*, um vídeo ao vivo que aparece para os seus amigos ou seguidores. Esse recurso tem sido utilizado principalmente por influenciadores digitais, pessoas que possuem um público massivo que acompanha suas postagens em redes ou mídias sociais e por usuários surdos, que não necessariamente se intitulam influenciadores. O uso dessa ferramenta por surdos acontece também por facilitar a comunicação em língua de sinais. Dessa forma, o usuário pode manter uma comunicação com outros que estejam disponíveis no momento da transmissão. Presume-se que a possibilidade de fazer uma *live*, nesse contexto, tenha um sentido diferente para aquele surdo que é o único falante de língua de sinais em uma família de ouvintes, como é recorrente. (KYLE, 1989).

¹⁶ Número de pessoas ativas no mês de junho de 2018. (SOBRE O FACEBOOK, 2018).

Possivelmente essa disponibilidade instantânea, essa perspectiva de se expor para o outro para a interação, signifique preencher uma lacuna que a convivência familiar nem sempre atende, visto que os membros ouvintes da família utilizam a língua de sinais como segunda língua, o que pode implicar nos níveis de fluência, compromisso e duração dos estímulos em sinais. (KYLE, 1989).

O Facebook também viabiliza a criação de páginas, que funcionam como blogues. Um exemplo é o Diário de Fiorella, página criada por Francielle e Fabiano Cantarelli para dar visibilidade ao desenvolvimento linguístico da filha Fiorella, surda como os pais. Com aproximadamente 111 mil seguidores, a página é alimentada com vídeos de conversas, atividades diárias, leitura de livros, contação de histórias e percepções de Fiorella sobre o mundo. (LETRAS DE OFICINA, 2018). A iniciativa teve grande repercussão, tendo espaço em jornais de grande circulação e noticiários. Franciele Cantarelli, em entrevista jornalística, comenta sobre as dificuldades que passou na infância por desconhecimento dos pais sobre a surdez e de ter encontrado na rede social uma forma de disponibilizar ajuda a pais de surdos que desconhecem a cultura surda¹⁷. O caso de Fiorella é um exemplo de como uma mídia social pode e, provavelmente, tem sido utilizada para suprir o desconhecimento de pais de surdos sobre as questões relativas a seus filhos.

Além do caso de Fiorella, comento outro acontecimento que envolve a comunidade surda que teve repercussões via Facebook. No início de 2018, alguns influenciadores digitais fizeram brincadeiras utilizando a língua de sinais. Nos vídeos, eles apareciam fazendo gestos aleatórios, com a intenção de imitar uma interpretação em língua de sinais, ato que foi muito mal recebido pela comunidade surda. Diversos surdos, influenciadores digitais e membros da comunidade surda, se manifestaram por meio de vídeos, muitos deles via Facebook, comentando suas decepções e condenando o ato dos influenciadores. Entre os influenciadores que fizeram piada com a língua de sinais estava Windersson Nunes, declarado como maior influenciador digital do Brasil em 2017¹⁸. Depois da repercussão, o youtuber piauiense se desculpou publicamente com a comunidade surda, declarando-se interessado em aprender Libras. Junto ao caso do Diário de Fiorella, a polêmica gerada por piadas envolvendo a língua de sinais é outra situação em que as mídias digitais não só visibilizam essa língua como promovem uma discussão e, conseqüentemente, o conhecimento sobre ela. Por mais desconhecida que a língua de sinais ou a comunidade surda pudesse ser para um hipotético seguidor de Windersson Nunes, cujo canal contava em 2017 com 23 milhões de inscritos, ela

¹⁷ Entrevista ao Programa Bom Dia Rio Grande. (G1, 2018).

¹⁸ Reportagem da Folha de S. Paulo (2017)

deixou de ser no momento em que o youtuber reconheceu sua piada como ofensa e desculpou-se em seu canal. Não quero dizer, com isso, que esses 23 milhões de pessoas tenham passado desde então a conhecer a língua de sinais e a comunidade surda, mas mostrar o poder de alcance e de visibilidade que as mídias sociais possuem. Essas discussões asseguram tanto a exposição facilitada por essas mídias como a interação possível por meio delas. O Facebook, assim como o YouTube, tem dentre suas funções a exposição e ambos possibilitam a interação dos sujeitos que utilizam essas mídias, e que, ao interagirem, também se expõem.

Outro meio que promove a interação é o WhatsApp, um aplicativo que permite enviar e receber diversos tipos de arquivos: imagens, vídeos, documentos, localizações e também estabelecer chamadas de voz e de vídeo. (WHATSAPP, 2018). O aplicativo possui 1,3 bilhão de usuários em todo o mundo (BLOGUE DO WHATSAPP, 2018) e incorporou-se ao Facebook em 2014. Apesar da união, continua a funcionar como uma aplicação independente, permitindo o acesso por smartphones (suporte em que originalmente se popularizou), e por computadores via WhatsApp Web. Recentemente, disponibilizou chamadas por vídeo, facilitando a vida de usuários surdos, que, utilizando apenas um smartphone, não precisam mais estar na presença de outra pessoa para poder se comunicar em língua de sinais¹⁹. Manter uma conversa a distância de modo oral-auditivo é um feito já corriqueiro na vida de ouvintes desde o advento do telefone, inicialmente em residências, e logo com o telefone móvel, possibilitando o contato oral-auditivo com pessoas a distância. O WhatsApp disponibiliza videochamada entre dois usuários e também videochamada em grupo, fazendo o que o telefone faz pelos ouvintes há anos.

Ainda que ofereça tal possibilidade, o WhatsApp vem sendo utilizado por surdos também pela função escrita. Lembrando que seu teclado disponibiliza o recurso dos *emojis*, figuras ilustrativas que podem ser utilizadas como um reforço visual do conhecimento na produção textual por diversos motivos, entre eles o caráter direto da informação e a proximidade da experiência real. (DONDIS, 1997).

Tanto o Facebook quanto o WhatsApp poderiam servir a esta proposta como fonte de material de pesquisa, pois ambos são amplamente utilizados por pessoas surdas. São representativas das novas formas de interação facilitadas pela tecnologia digital e, portanto, seriam fontes ricas para a análise pretendida. No entanto, um recorte é necessário e a opção

¹⁹ Anterior ao WhatsApp, o TDD, aparelho de telecomunicações para surdos, possibilitava a comunicação escrita, os telefones móveis possibilitavam a troca de mensagens escritas via SMS e o Skype possibilitava chamadas por vídeo. Porém, no texto discute-se o caráter facilitador do smartphone como ferramenta tecnológica digital, destacando a portabilidade do aparelho (por seu tamanho e peso) e acesso (preço acessível e larga adesão no Brasil).

pela plataforma YouTube pareceu-me a mais conveniente por alguns motivos. Primeiro porque o YouTube é uma plataforma de vídeos, enquanto as demais fontes permitem a postagem de vídeos como uma opção e que nem sempre a postagem é pública. Segundo Schallenberger (2010), a plataforma tem representado um instrumento largamente apreciado pelas comunidades surdas do mundo inteiro. Apesar disso, esse parece ser um contexto ainda desconhecido, visto que nenhum dos trabalhos que localizei tratavam de youtubers surdos especificamente. Apenas um aborda sobre YouTube e surdos, e nele são selecionados vídeos de surdos falando sobre surdez. (FESTA, 2012). Outro fator que me motivou a fazer essa escolha foi a missão do YouTube: “dar a todos uma voz e revelar o mundo”. (SOBRE O YOUTUBE, 2018). Talvez pudéssemos questionar o significado de “dar voz” nessa sentença. As pessoas têm voz, talvez faltasse que alguém as ouvisse, e essa parece ser a premissa de “revelar o mundo” e dar visibilidade a quem não a tinha. Coincidentemente, no vídeo *Precisamos do Dia dos Surdos?*, Gabriel Isaac, seu autor, ao explicar o 26 de setembro, faz um apanhado de questões sobre a surdez. Dentre elas, diante de uma velha crença que se repete sobre o surdo ser mudo, ele explica: “(nós, surdos) também temos voz, sabia?”. Assim, o YouTube, ao dar visibilidade a esses sujeitos, pode ser a possibilidade de “escutarmos” os surdos, que já falavam antes mesmo do surgimento das mídias digitais. No entanto, cabe explorar o que essa ferramenta permite ver que não era possível anteriormente.

A plataforma possui mais de um bilhão de usuários, “que é quase um terço da Internet”. (YOUTUBE EM NÚMEROS, 2018). No começo, o YouTube tinha como principal característica ser repositório de vídeos para seus usuários. Assim, nos primeiros anos, os vídeos postados eram produções caseiras e amadoras. E foi dessa forma que a plataforma ficou conhecida, como rebelde, pois ao dar espaço a produções caseiras, contrapunha seus conteúdos àqueles de profissionais de grandes emissoras e estúdios. (VAN DIJCK, 2013, apud TOMAZ, 2017). Conforme Van Dijck, a Google fez questão de manter essa imagem quando comprou o YouTube, em 2006, porém, começou a utilizá-lo para exibir de uma série de conteúdos profissionais, e “A injeção de conteúdo externo que a Google propiciou através de uma série de parcerias com emissoras e produtoras [...] estimulou mais a audiência do que a produção. (TOMAZ, 2017, p. 159). Segundo a autora, isso ajuda a entender que a imagem da plataforma é mais alternativa do que seu conteúdo. Este cenário começa a se alterar a partir da implementação do Programa de Parcerias do YouTube, com a monetização dos vídeos dos canais, o o Programa “oferece aos criadores de conteúdo um acesso mais amplo aos recursos e às funcionalidades do YouTube”. (AJUDA DO YOUTUBE, 2019). Com o início do Programa de Parcerias do YouTube há, atualmente, 5 maneiras de um youtuber gerar receita:

receita de anúncios, pela veiculação de anúncios; clubes dos canais, em que os membros fazem pagamentos mensais em troca de benefícios especiais oferecidos pelo canal; estante de produtos, em que os fãs podem ver e comprar os produtos oficiais do canal divulgados nas páginas de exibição; super chat, em que os fãs pagam para que as mensagens deles apareçam em destaque no feed de bate-papo; receita do YouTube Premium, em que se recebe parte da taxa de assinatura de um usuário do YouTube Premium quando ele assiste ao conteúdo do canal. (AJUDA DO ADSENSE, 2019). A partir de 2015, os milionários do YouTube começaram a ganhar visibilidade e a mobilizar outros usuários à prática do *youtubing* (TOMAZ, 2017), e essa visibilidade também aumenta o número de interessados em ser um youtuber.

3.1 Os sentidos da experiência em meio à exposição

Para Han (2018a), a mídia digital é a mídia da presença e sua temporalidade é o presente. Esse tipo de comunicação se caracteriza pelas informações produzidas sem mediação por meio de intermediários, enquanto as mídias de massa clássicas, como o rádio por exemplo, permitem apenas uma comunicação unilateral. Narodowski (2016) cita Postaman (1994), que na década de 1980 observava os efeitos da televisão, mídia de massa de maior predominância cultural sobre seus telespectadores, indicando que o avanço e a difusão generalizada da televisão, tecnologia privilegiada para a transmissão tanto de conhecimentos como de padrões culturais, geraria uma crescente equivalência e similitude entre pessoas de diferentes idades, suprimindo fronteiras simbólicas, materiais ou legais entre elas. (NARODOWSKI, 2016). Tal proposição se aproxima ao que afirma Han (2018a), ao comentar os efeitos da comunicação digital, que favorece a comunicação simétrica, pois “hoje em dia, aqueles que tomam parte na comunicação não consomem simplesmente a informação passivamente, mas sim a geram eles mesmos ativamente”. (HAN, 2018a, p. 15-16). Não há hierarquias claras entre remetente e destinatário, produtor e consumidor, uma vez que “Hoje, todos querem estar eles mesmos diretamente presentes e apresentar sua opinião sem intermediários”. (HAN, 2018a, p. 37). É nesse contexto que surge o youtuber, descrito por Sibilía (2016) como uma espécie de celebridade da internet que por meio de postagens de vídeos passou a ganhar dinheiro, tornando essa prática o seu trabalho.

Como qualquer sujeito que esteja condicionado a uma forma de vida digital, os youtubers “por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber”. (SERRES, 2013, p. 19). Nesse início de século XXI, testemunhamos

o desenvolvimento da “multiatividade” precária, decorrente da escassez de empregos formais e integrais (BECK, 2018) e, dentre as diversas alternativas que a realidade digital oferece, e combinado à ascensão da espetacularização de si junto a um modo de vida baseado nas aparências (SIBILIA, 2016), está a oportunidade de ser famoso. Talvez, figuras mais públicas, como youtubers, materializem esse mundo que tem exigido de seus habitantes plena, constante e ampla conectividade. Assim, conectividade passou a ser um valor agregado à forma de vida, e a profundidade de tal experiência, vivenciada de distintas formas e níveis por todos, tem se imposto a nós modificando nossas experiências como sujeitos cada vez mais acessíveis, tanto para acessar quanto para ser acessado. (LOUREIRO, 2013).

Desse contexto, emerge o sujeito que Loureiro e Lopes (2019) têm chamado de *Homo oeconomicus discentis accessibilis*, figura forjada em redes neoliberais constantemente atualizadas por práticas do capitalismo que assume a condição de aprendiz para toda a vida. Além disso, esse sujeito possui a capacidade para adaptar-se às inovações tecnológicas e deve, portanto, estar permanentemente conectado ou disponível para acessar e ser acessado. Nesse contexto, os comportamentos são pautados pela aprendizagem em todos os espaços, na conexão em rede e na disponibilidade para acessar e ser acessado e, tais condições

ampliam as possibilidades de exercício da governamentalidade, pois criam as condições de possibilidade para que outra forma de condução das condutas possa ser exercida – a governamentalidade eletrônica. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 375).

Tais condições são essenciais para estar nesse mundo e aqueles que não aderem e que não conformam esse modo de ser, correm o risco de serem excluídos. Conforme Sibilia (2016), estar visível e conectado são modos de ser essenciais para estar em sintonia com as exigências da atualidade, balizando nossos modos de nos relacionar. Apesar dessas caracterizações do presente parecerem coercitivas ao nos deixar sem outra opção que não aderir à vida online, em que a exposição se impõe, Han (2018b) fala da psicopolítica digital. Para o autor, o poder assume uma forma permissiva que se passa por liberdade, tomando forma de agrado e satisfação. Nessa lógica, opera uma técnica de poder que não oprime, mas explora a liberdade, pois “O neoliberalismo é o *capitalismo do curtir*”. (HAN, 2018b, p. 27). Por se basear na otimização pessoal e voluntária não é necessário superar resistência alguma e somos incentivados e desejamos nos expor, em um contexto de excesso de positividade, no qual somos compelidos a comunicar e a consumir. (HAN, 2018b).

Durante minha busca por definições de material de pesquisa, assistindo a vídeos aleatórios dos canais de youtubers surdos, algo me causou estranheza: os youtubers surdos

não falavam só sobre surdez em seus vídeos²⁰. A causa da minha surpresa foi um dos motivadores desta pesquisa, pois aqueles vídeos me apresentavam outras ênfases a partir de seus modos de se narrar. Conforme Sibilía (2016), o que define nossos modos de ser e estar no mundo se afasta de uma essência fixa e estável, apresentando contornos elásticos que se moldam orientando-se pelas tradições culturais. Ao tomar a forma youtuber e suas práticas, que giram em torno de um modo específico de interação, é possível observar uma cultura que se caracteriza pela digitalidade e que tem moldado nossos modos de ser e estar no mundo e de nos relacionarmos.

Para Sibilía (2016), visto que as experiências são influenciadas pelas interações com os outros e com o mundo, neste cenário em metamorfose, não se pode negar o papel da cultura na conformação do que se é. Assim, quando ocorrem mudanças nas formas como nos relacionamos, “o campo da experiência subjetiva também se altera, num jogo extremamente intrincado, múltiplo e aberto”. (SIBILIA, 2016, p. 27). A autora, ao considerar as complexidades inerentes às questões que envolvem as experiências subjetivas, aponta três grandes dimensões a partir das quais tais experiências podem ser estudadas: uma dimensão cujo nível de análise é *singular*, pensando a trajetória de cada indivíduo; no extremo oposto, a dimensão *universal*, que abrangeria todas as características comuns ao gênero humano; e entre essas duas abordagens uma dimensão de análise intermediária, denominada *particular* ou *específica*, que visa a observar elementos comuns a alguns sujeitos, mas não necessariamente inerente a todos. Os elementos contemplados por essa perspectiva são aqueles culturais e “frutos de certas forças históricas nas quais intervém uma série de vetores políticos, econômicos e sociais”. (SIBILIA, 2016, p. 27). Assim, olhando por essas construções de um eu que se orienta no sentido da exposição de si, problematizei modos de ser surdo possibilitados pelo uso de mídias digitais, tendo como fonte o YouTube. Para tanto, utilizei como perspectiva a dimensão de análise *específica* de experiências subjetivas proposta por Sibilía (2016), visto que meu foco é em um grupo específico de sujeitos: youtubers surdos. Passo a apresentar, no próximo capítulo, como foi desenvolvida a organização metodológica.

²⁰ Não significa que surdos não falem sobre outras coisas, apenas não era comum ter publicações com essa característica, como expliquei no subcapítulo 2.2 Surdez e Tecnologias.

4 YOUTUBERS SURDOS E O QUE FAZEM CIRCULAR NAS REDES SOCIAIS: DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

Neste capítulo, explico como selecionei os canais de youtubers a partir dos quais escolhi os vídeos e como operei metodologicamente com os materiais selecionados.

Para desenvolver a seleção dos vídeos a serem analisados, me inspiro nas metodologias de Boll (2013), Dorneles (2015) e Festa (2012), que realizaram suas pesquisas utilizando como material de pesquisa vídeos do YouTube. Certamente, cada contexto, além de uma inspiração metodológica, também exige uma parte de criação. Assim, fiz minhas escolhas buscando no Google por youtuber surdo. Desse modo, localizei quatro matérias que reúnem e sugerem canais de youtubers surdos²¹:

- 12 Canais de Youtube em Libras. Conheça, aprenda e se divirta com os Youtubers Surdos. Disponível em: <<https://blog.surdoparasurdo.com.br/12-canais-de-youtube-em-libras-3aacb3a8fb8b>>. Acesso em: 06/01/2019.
- A geração de youtubers surdos que está ensinando Libras na internet. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/05/a-geracao-de-youtubers-surdos-que-esta-ensinando-libras-na-internet_a_23353222/>. Acesso em: 06/01/2019.
- YOUTUBERS SURDOS (Libras/Legendado). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-WDxztA0Tkk>>. Acesso em: 06/01/2019.
- Conheça os youtubers surdos. Disponível em: <<https://www.librasol.com.br/conheca-os-youtubers-surdos/>>. Acesso em: 06/01/2019.

No total, 16 canais são mencionados e, a partir deles, verifiquei quais eram os que mais recorriam nas matérias. Assim, selecionei dez canais que apareciam nas quatro matérias ou em, pelo menos, três delas. Destes, mantive os que tinham acima de mil inscritos, selecionando nove canais. Relaciono esses canais no Quadro 1, especificando na primeira coluna os principais dados do canal, como o nome, o endereço de acesso, o número de vídeos e sua descrição, e na segunda coluna, o número de inscritos em cada um deles²². Os canais estão ordenados de acordo com o número de inscritos que possuem, em ordem decrescente.

²¹ Busca realizada em 25/05/2019.

²² Os dados que constam no quadro (número de inscritos, número de vídeos e descrição) foram verificados entre os meses de junho e julho de 2019.

Quadro 1 – Canais selecionados

Canal	Inscritos
<p>Visurdo https://www.youtube.com/user/andreiborges1 92 vídeos</p> <p>Descrição: ©Visurdo 1 Dois irmão surdos Andrei e Tainá Borges. Organizam filmagens e fazem vídeos engraçados, tem assuntos importantes sobre os surdos. Vocês são bem-vindos aqui, continuem acompanhando o nosso canal. Obrigado a todos por terem se inscrito no nosso canal. www.facebook.com/visurdo Contato: visurdo@gmail.com</p>	140.829
<p>Larissa Jorge https://www.youtube.com/user/BrilhodeDiva 202 vídeos</p> <p>Descrição: Meu nome é Larissa, sou brasileira e sou surda. Faço vídeos de tutoriais de maquiagem em Libras (Língua de Sinais Brasileira) com legenda em português e inglês, para que as pessoas ouvintes possam entender também. Blog: http://brilhodediva.com.br/ Instagram: http://instagram.com/larissatpjorge Facebook: http://www.facebook.com/brilhodediva</p>	35.661
<p>Leo Viturino https://www.youtube.com/user/leoviturinno 75 vídeos</p> <p>Descrição: Este canal foi criado em agosto de 2016. Sou Léo Viturino, professor universitário de Libras, youtuber, nordestino/baiano, surdo usuário de Libras e oralizado, LGBTQ+ e participante do concurso NextUp 2018 do Youtube. Sinalizo sobre tudo como assuntos contemporâneos, aulas de Libras - básico, LGBTQ+, um pouco de minha vida como viver sendo surdo, livros, filmes, séries e muito mais... nos vídeos em Libras com legendas e áudios em Português. @leoviturinno</p>	32.777
<p>Kitana Dreams https://www.youtube.com/channel/UCLPsPuteCAvAEq5DibeLExQ 93 vídeos</p> <p>Descrição: Drag queen, Maquiadora e Crafter. Sou apaixonada por artesanato, decoração, contos de fada, maquiagem, moda, essas coisas ligadas a beleza. Vou dividir com vocês todos os meus sonhos, fantasias, enfim, todas as coisas que amo nessa vida.</p>	15.137
<p>É Libras https://www.youtube.com/channel/UCKgk9w_IqhaZ9DMd_nDKsCg/featured 60 vídeos</p> <p>Descrição: Vem bater um papo com a gente sobre os diferentes temas que envolvem a Comunidade Surda, a Libras e os relacionamentos pelos quais todos nós passamos! Vocês são o É Libras!</p>	15.069

<p>Isflocos https://www.youtube.com/isflocos 27 vídeos</p> <p>Descrição: Olá! Me chamo Gabriel Isaac e este é o canal do Isflocos. Aqui falarei sobre todo tipo de conteúdo. Opa! Sou ariano, mas sou do amor, hahaha! Os vídeos são em Libras e legendados em Português, se achar algum sem legendas, é só ativar CC. Espero que vocês gostem deste canal, pois aqui você será bem vindo sempre! Não se esqueçam de se inscrever, floquinhos! Um beijão! @isflocos</p>	13.551
<p>Surdo cult - Germano Dutra Jr https://www.youtube.com/user/germaju/featured 171 vídeos</p> <p>Descrição: Canal voltado para amantes de filmes, livros, televisão e quadrinhos. Falado em língua brasileira de sinais e legendado em língua portuguesa.</p>	9.389
<p>Beto Castejon https://www.youtube.com/channel/UCDRIKox5aKmzAMnWj4pAfOA/featured 37 vídeos</p> <p>Descrição: Olá! Sou Roberto Castejon, pode me chamar de Beto, falo sobre todo tipo de conteúdo aqui, mas a curiosidade é meu conteúdo preferido, os vídeos são em Libras e legendados em português. Espero que você goste deste canal, seja bem-vindo e volte sempre! Não se esqueça de se inscrever, seja um betuber! Tenho uma coisa para te dizer... Sou taurino, poderia me oferecer uma comida, por favor? HAHA! Um beijão! @betocastejon</p>	7.206
<p>Tikinho Ramon https://www.youtube.com/channel/UC4-wQT4oiakr0WtwaxN8DoQ/featured 24 vídeos</p> <p>Canal sem descrição</p>	1.362

Fonte: Elaborado pela autora.

A visualização do quadro permitiu-me uma leitura abrangente e também gerou as primeiras impressões: o número de seguidores desses canais, que não é o mesmo número de pessoas que assistem ou o de visualizações dos vídeos, evidencia a amplitude do acesso aos surdos e à língua de sinais. O primeiro canal possui 140.829 inscritos, um número consideravelmente maior que o do canal seguinte, o que se explica provavelmente pelos irmãos produtores do canal Visurdo terem sido entrevistados em um programa de televisão em rede nacional, e seu canal impulsionado pelo apresentador do programa. Mesmo sem o mesmo estímulo, os canais que o seguem têm números notáveis de seguidores. Cada canal apresenta vídeos com diferentes níveis de qualidade de edição, alguns com mais, outros com menos investimentos: alguns contam com câmeras filmadoras profissionais, equipamento de iluminação, vinhetas personalizadas do canal, cenário personalizado, maquiagem e figurino. Um aspecto merece destaque: todos têm legenda, e a maioria com música de fundo. Este

aspecto é relevante e será abordado com maior aprofundamento no capítulo 4, Educação e Digitalidade. Todos se enquadram no gênero youtuber, o que talvez possa ser definido como uma performance de suas personalidades ou uma encenação de suas vidas diante de câmeras. (SIBILIA, 2016). É irônico pensar que a expressão *diante das câmeras*, antes do YouTube existir, era uma expressão reservada a artistas famosos. Para Tomaz (2017), a ideia de fama que se atrela ao youtuber há pelo menos uma década, está presente entre os usuários da plataforma. Celebidades, ídolos, artistas, profissionais de sucesso e empreendedores são algumas das principais representações dos youtubers nas mídias e são “[...] figuras que funcionam também como possibilidades subjetivas. Ou seja, para além de uma ocupação, passam a constituir um modo de estabelecer-se no mundo”. (TOMAZ, 2017, p. 3). Além de estarem acessíveis, de poderem acessar, esses youtubers surdos são representações de outros modos de se estabelecer no mundo.

Ao buscar por uma forma de seleção de materiais que eu pudesse usar em minha pesquisa, me dei conta de que não poderia utilizar a técnica de nenhum dos trabalhos que me serviram de inspiração metodológica. Ainda que eu tenha aprendido outros aspectos a partir deles, como comenta Tomaz (2017), é necessária uma dose de criatividade na tarefa de selecionar vídeos. Como todas as pesquisas que utilizo como referência mostram, a seleção inicia com uma quantidade abrangente de material. Esse material vai sendo reduzido a partir de escolhas por critérios. Eu começo com nove canais, alguns com centenas, outros com dezenas de vídeos que aumentam a cada dia. Não tendo claro o critério para a seleção do material, decidi fazer uma visualização geral dos vídeos por seus títulos e buscar grupos categóricos por temáticas.

Começo pelo canal Visurdo, com 92 vídeos considerados²³. O canal pertence a um casal de irmãos surdos em que a maioria dos vídeos é sobre surdez: como é ser surdo, como me tornei intérprete (relato da mãe dos youtubers), como é namorar surdo, diferenças entre surdo e DA, associação de surdos, descoberta da surdez dos filhos (relato da mãe) etc. Há quase o mesmo número de vídeos de dramatizações de cenas do cotidiano, pequenas cenas dramatizadas de situações engraçadas, como se preparar para ir à praia e descobrir que está chovendo, uma filha que conta ao pai que está namorando etc. Em menor número, aparecem vídeos do gênero diário de viagem, em que eles mostram cenas de algum passeio, relatos cotidianos, como visitas à casa da avó, como foi o ano, como ensinar o cão em Libras. Alguns são brincadeiras, jogos ou questionários que circulam entre os youtubers, geralmente

²³ Seleção realizada em 21/06/2019.

identificados como TAG, desafio, ou com a proposta (5 coisas que eu adoro, respondendo perguntas dos seguidores etc). Alguns vídeos são sobre a entrevista que os irmãos deram no programa de televisão de Danilo Gentili, o The Noite, e sobre o apoio do apresentador aos filmes com legenda. Além disso, os irmãos também apareceram no programa Domingo Espetacular, na Rede Record e há, também, um vídeo em que os irmãos comentam sua opinião sobre Michele Bolsonaro. Um sobre o tema da redação do Enem de 2017, que abordava a educação de surdos, e um sobre ouvintes que debocham de surdos, caso que comentei anteriormente.

No canal Larissa Jorge, com 202 vídeos considerados²⁴, quase a metade do número total de vídeos é de tutoriais de maquiagem. Ela também apresenta outros tutoriais, sobre como guardar ou fazer produtos de maquiagem, como fazer presentes ou cartões etc. Também há um grande número de vídeos de desafios, brincadeiras, ou em que se responde perguntas de seguidores, TAG, VEDA (sigla para *Vídeo/Vlog Everyday in April*) e vídeos falando sobre o canal. Dois vídeos deste canal me geraram interesse: em um deles, a youtuber explica porque deixou de colocar música nos vídeos, o outro explica porque mudou o sinal de surdo e um em que explica como aprendeu a escrever bem em português. Nesses vídeos ela coloca como se sente em relação aos ouvintes, sua percepção sobre o sinal de surdez e os significados que têm para ela e sua relação com a língua portuguesa.

No canal Léo Viturino, 75 vídeos considerados²⁵, a maioria dos vídeos trata de como é ser surdo, ser familiar de surdo, amigos surdos, como aprender Libras, implante coclear, explicações sobre Libras etc. Ele também explica como aprendeu português e ensina Libras. O ensino de Libras ou de sinais incomuns na língua, como sinais de temáticas específicas, é uma prática que aparece em seis dos nove canais. Este youtuber trata bastante sobre questões LGBT e possui um número significativo de vídeos que tratam dessa temática. Destaco o vídeo em que ensina sinais LGBT em Libras e outro em que fala sobre o evento Diversilibras, que cruza essas duas temáticas, a surdez e ser LGBT.

Kitana Dreams, com 93 vídeos considerados²⁶, é uma youtuber drag queen surda que faz vídeos principalmente sobre maquiagem. Ela é representada por Leonardo Braconnot, que trabalha como maquiador e grava os vídeos ora como ele mesmo, ora como Kitana. Seus primeiros vídeos foram postados há dez anos e não seguem os padrões de vídeos comuns de youtubers, como seus atuais vídeos. Os vídeos mais antigos apresentam fotos de maquiagens

²⁴ Seleção realizada em 22/06/2019.

²⁵ Seleção realizada em 22/06/2019.

²⁶ Seleção realizada em 16/07/2019.

feitas pela youtuber, por exemplo, o que não é uma recorrência comum nos mais recentes. Trata, em alguns vídeos sobre questões LGBT, como divulgação de eventos e sinais de gírias LGBT. É o segundo canal que cruza as temáticas LGBT e surdez. No vídeo *Desabafo de um Youtuber - Libras e Legendado | Kitana Dreams*, Leonardo faz comentários sobre estar triste por se esforçar tanto legendando os vídeos, por exemplo, e ter pouco retorno, visto que seu número de seguidores não aumenta. No mesmo vídeo reclama dos ouvintes que não colaboram ao não legendar vídeos ou não deixar a boca visível para a leitura labial. No vídeo seguinte a esse, *Agradecimentos sobre desabafo de um YouTuber - Libras e Legendado | Kitana Dreams*, Leonardo aparece agradecendo pelas mensagens de apoio e diz ter descoberto que muitos ouvintes veem e aprendem com seus vídeos, demonstrando contentamento com isso por gerar comunicação entre surdos e ouvintes.

O canal *É Libras* possui 60 vídeos²⁷ e pertence à Flávia, que é ouvinte e cadeirante, e Bruno, que é surdo. Os vídeos são em Libras e a doença que torna Flávia cadeirante é comentada apenas em alguns vídeos. Ou seja, ser cadeirante ou ser surdo não são as temáticas principais do canal, porém acabam sendo assuntos comentados tanto pela demanda dos seguidores, como é o caso da condição de Flávia, quanto pela relação entre os dois, o que gera assunto para os vídeos mais recorrentes, sobre relacionamento. Os dois começaram o canal quando namoravam e a maioria de seus vídeos trata sobre relacionamentos em geral e a relação entre surdo e ouvinte. Alguns vídeos abordam a relação português/Libras, explicando metáforas, por exemplo. Destaco o vídeo *Influência do português na libras? (Libras/Legendado)*, em que discutem o uso de letras da língua portuguesa em Libras, e *Surdos são assim*, em que comentam que os surdos não são todos iguais.

O canal *Isflocos*, de Gabriel Isaac, possui 27 vídeos²⁸. Seus vídeos são muito diversificados e a qualidade da edição parece ser superior aos demais. Dentre suas publicações estão vídeos profissionais, como uma série de 4 episódios, *Olhar através do outro*, *Somos diferentes de você* e *Precisamos do dia do surdo?*, em vídeos que contam com a participação de atores. Assim como nos demais, o canal apresenta vídeos sobre ser surdo e sobre a língua de sinais e nos que não falam especificamente sobre essas temáticas também aparece em algum momento essas questões. O vídeo que destaco é *Voltei depois de sete anos*, em que Gabriel explica que era muito mais difícil ser surdo antes, fazendo referência a um vídeo postado por ele quando tinha 7 anos, o primeiro vídeo do canal.

²⁷ Seleção realizada em 17/07/2019.

²⁸ Seleção realizada em 17/07/2019.

No canal Surdo cult, de Germano Dutra Jr, com 171 vídeos²⁹, pode-se perceber uma divisão. Seus primeiros vídeos datam de 12 anos atrás, semelhante aos de Kitana Dreams, e não representavam o gênero de vídeos geralmente encontrados nos canais de youtubers atualmente. Nessa primeira fase, com postagens entre 2007 e 2015, suas publicações eram em sua maioria dramatizações produzidas entre ele e seus amigos. Alguns vídeos de viagens, alguns divulgando eventos acadêmicos e artísticos, e poucos eram especificamente sobre ser surdo. Em agosto de 2015, Germano anuncia o novo rosto do canal, o Surdo Cult, cujo foco principal é a cultura pop e trata sobre filmes, quadrinhos, cultura nerd etc. A partir desse vídeo, as publicações passam a entrar no padrão atual youtuber, constando vídeos sobre o canal, respondendo a seguidores, fazendo desafios e TAG com outros youtubers. A maioria das postagens é sobre filmes, atores e cinema. Muitos dos vídeos do canal me parecem produtivos linguisticamente devido às abordagens que provocam a pensar a língua, tanto a Libras quanto a portuguesa.

O canal Beto Castejon possui 37 vídeos³⁰, e seu foco são curiosidades. Os vídeos costumam abordar temas diversificados, alguns por estarem sendo muito comentados, como as postagens mais comentadas do *Twitter* ou o jogo da Baleia Azul, outros apenas por curiosidade. Esse youtuber não possui nenhum vídeo ensinando sinais em Libras e apenas dois são específicos sobre ser surdo. Destaco o vídeo *BETO NERA HÉTERO? #BETORESPONDE 2*, pelo uso de um elemento da sonoridade da língua portuguesa em seu título, e o vídeo *ATEÍSMO E AGNOSTICISMO SÃO IGUAIS? ft. Gabriel Isaac*, em que ele e o amigo youtuber Gabriel Isaac explicam o significado dos termos.

O canal de Tikinho Ramon tem 24 vídeos³¹ que tematizam principalmente sobre quadrinhos e sobre sua profissão de cartunista e a maioria de seus vídeos mostra sua produção de cartoons. Em diversos vídeos ele mostra suas visitas a eventos específicos sobre quadrinhos, em um deles mostra que seu trabalho está exposto no INES, e em outro, conta sobre uma palestra feita em uma escola para surdos sobre sua trajetória profissional. Esse youtuber não ensina sinais, mas explica alguns termos específicos de sua área de atuação, como sketchbook, um caderno específico para desenho.

A partir dessa primeira verificação, tendo 781 vídeos considerados, percebi que não seria uma tarefa simples separar os vídeos sobre surdez dos demais, visto que ela está presente em vídeos que não necessariamente seriam sobre surdez. Alguns vídeos são especificamente

²⁹ Seleção realizada em 18/07/2019.

³⁰ Seleção realizada em 19/07/2019.

³¹ Seleção realizada em 19/07/2019.

sobre assuntos relativos à surdez, como o *Como é ser surdo?*, do canal Visurdo, em que a youtuber Tainá relata as formas como as pessoas a abordam, as perguntas que recebe e comenta suas próprias percepções sobre isso. Porém, há outros que estariam em outra categoria, como dramatização de cenas do cotidiano, mas que tem a presença da surdez como decisiva na narrativa, como no vídeo do mesmo canal *Ouvinte trova surda*, em que o youtuber Andrei interpreta um ouvinte que tenta conversar com uma menina surda, interpretada por Paula, sua namorada, e esse é apenas um dos exemplos. A partir deste ponto, percebi que não poderia categorizá-los como havia pensado inicialmente. Ao buscar elementos que corroborassem a mesma lógica identitária da qual parti, encontrei narrativas produzidas por surdos, mas que não necessariamente carregam em si a marca de pertencimento identitário. Meu lugar de partida, a identidade surda, foi se tornando cada vez menos identificável, já que eu não encontrava os limites dessas narrativas. A condição da surdez está presente mesmo em vídeos em que a surdez não está sendo proposta. Assim, passei a pensar formas de seleção do material para a análise mais restrita.

A partir desse recorte de nove canais, me importavam tanto vídeos que tratassem de surdez, quanto aqueles que não se inscreviam nessa categoria, pois não era o conteúdo ou uma forma de categorização de vídeos o que importava. Nesses vídeos, as marcas de subjetividade daquele que se expõe vão se revelando mais profundas do que o esperado, uma vez que todos eles contêm enunciações da surdez porque todos são produzidos por sujeitos surdos. A posição de sujeito surdo está sempre presente, eles falem ou não sobre surdez e, nesse sentido, qualquer desses vídeos era uma possibilidade de análise. Concluída a primeira parte da seleção, e considerando que a escolha do meu material estava na dispersão desses vídeos por todos apresentarem a experiência surda, pensei inicialmente em selecionar aqueles vídeos que destaquei na leitura abrangente. Os destaques continham diferentes elementos que me interessavam e, por isso, não seguiam um padrão, o que poderia dificultar um desenvolvimento analítico posteriormente, pelos diferentes gêneros textuais não apresentarem um mesmo objetivo e função. Além disso, eu os havia assistido por acaso enquanto fazia a seleção, por dúvida do que exatamente tratava o vídeo ou por curiosidade, assim, não era uma boa opção.

Diante de tantos vídeos, tantas temáticas e tantas possibilidades, decidi que era o momento de retornar à minha pergunta, a fim de retomar aonde pretendia chegar. Considerando que com esta pesquisa ambicionava explorar como se caracterizam os modos de ser surdo, um possível caminho seria saber o que esses surdos falam sobre si mesmos e de que modo eles se narram. Segundo Larrosa (2017), o caminho que leva a um “si mesmo” está

para ser inventado e não pode escapar das incertezas e desvios, e não há um real eu a ser descoberto, “o eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado”. (LARROSA, 2017, p. 14). Nesse sentido, entendo que as formas de se inventar e de se constituir surdo estão também nas narrativas de sujeitos surdos que aderiram ao uso de mídias digitais e que se expõem por meio delas, em outras palavras, habitantes digitais. Conforme Sibilia, “a experiência de si como um *eu* se deve, em primeiro lugar, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar a experiência na primeira pessoa do singular” (2016, p. 58). Para a autora, a subjetividade se constitui na vertigem de cadeias discursivas, pois é nesse fluxo narrativo que o eu de fato se realiza. Compartilhando da compreensão de Sibilia, assumo as escritas de si como objetos privilegiados quando se trata de “compreender a constituição do sujeito na linguagem e a estruturação da própria vida como um relato - seja escrito, oral, pictórico, audiovisual ou multimídia”. (SIBILIA, 2016, p. 61).

Uma das práticas que recorrem entre youtubers é a *#responde*, em que o youtuber escolhe algumas perguntas de seguidores, que geralmente fazem seus questionamentos nos comentários de vídeos ou em alguma rede social que o youtuber costuma utilizar, e as responde em um vídeo. Essas perguntas geralmente são sobre o próprio youtuber e, a partir desse critério, localizei vídeos de quase todos os youtubers. Decidi acrescentar também os vídeos *coisas sobre mim*, que como indica o nome, é um vídeo no qual o youtuber conta determinado número de coisas sobre ele mesmo, podendo ser informações ou dados pessoais, curiosidades sobre o passado etc. Assim, a partir dos 781, localizei 24 vídeos de *#responde* e *coisas sobre mim*, os quais estão listados no Quadro 2. Os vídeos estão em ordem decrescente de acordo com o número de visualizações.

Quadro 2 – Vídeos selecionados

	Título do vídeo e link de acesso	Canal	Número de visualizações³²
1	20 curiosidades sobre nós https://www.youtube.com/watch?v=JyzREpVkJCy0	Visurdo	116.259
2	TAG: 15 fatos sobre mim https://www.youtube.com/watch?v=rhbZ4uYDFB0	Larissa Jorge	26.409
3	Sou surdo ou ouvinte? #LeoResponde - 3 https://www.youtube.com/watch?v=sJCQ6AmTOjY	Léo Viturinho	14.801
4	MORAMOS JUNTOS? #ÉlibrasResponde	É Libras	14.042

³² Números verificados em 26/08/2019.

	(Libras/Legendado) https://www.youtube.com/watch?v=6Qns1HfQd_A		
5	Sou surda profunda? #lariresponde2 https://www.youtube.com/watch?v=sQt0EViqi9w	Larissa Jorge	12.770
6	Tenho filhos? #LariResponde https://www.youtube.com/watch?v=sasNgwQ8MEY	Larissa Jorge	10.165
7	SOU GAY? #LéoResponde https://www.youtube.com/watch?v=bxq2xosQe_0	Léo Viturinno	9.794
8	BETO CASTEJON - BETO NERA HÉTERO #BETORESPONDE 2 https://www.youtube.com/watch?v=1LGkXiBS_as	Beto Castejon	9.676
9	TAG: 15 Fatos sobre mim Libras • Léo Viturinno https://www.youtube.com/watch?v=90TxcTKe2x8	Léo Viturinno	8.707
10	PERGUNTAS SOBRE RELACIONAMENTO (Libras/Legendado) https://www.youtube.com/watch?v=trEWGoSJmp0	É Libras	8.369
11	JÁ TRANSEI NO BANHEIRO? #BETORESPONDE 3 https://www.youtube.com/watch?v=ZsyYia8LxEI	Beto Castejon	8.117
12	NÃO TENHO VOZ? #LeoResponde https://www.youtube.com/watch?v=fxlWv3heIOE	Léo Viturinno	7.880
13	Sou surdo e como comunico com família? #LeoResponde - 05 https://www.youtube.com/watch?v=9CC5Ffyp7A	Léo Viturinno	7.640
14	TAG: RESPONDENDO PERGUNTAS #1 https://www.youtube.com/watch?v=AOLfVx2WiEg	Larissa Jorge	7.325
15	Como conheci Libras? #lariresponde 03 https://www.youtube.com/watch?v=Cxse9v9Z95M	Larissa Jorge	6.234
16	BETO CASTEJON - SE EU FOSSE THE FLASH... #BETORESPONDE 1 https://www.youtube.com/watch?v=JzopSuwEZYU	Beto Castejon	6.228
17	Qual é o meu maior medo? Kitana responde Kitana Dreams https://www.youtube.com/watch?v=8UWVdHTiXwU	Kitana Dreams	5.564
18	Como eu escolhi meu sinal? #lariresponde 04 Ativa/desativa legenda https://www.youtube.com/watch?v=WV9cJG6qvr0	Larissa Jorge	4.866
19	5 coisas sobre mim https://www.youtube.com/watch?v=M6BxF3nRvCM	Larissa Jorge	4.727
20	Implante Coclear funciona mesmo? #LéoResponde - 1 https://www.youtube.com/watch?v=ZySfa3YjVHY	Léo Viturinno	4.610
21	Kitana responde as perguntas tipo o que você prefere? ♡	Kitana	4.127

	Kitana Dreams Libras e Legendado https://www.youtube.com/watch?v=tSKHIn0AoY	Dreams	
22	Por que eu escolhi ser Professor? #LeoResponde - 2 https://www.youtube.com/watch?v=ty3QI_pgPHg	Léo Viturinno	4.089
23	Qual meu maior sonho? #LéoResponde - 04 https://www.youtube.com/watch?v=UKGEzutc_CI	Léo Viturinno	4.063
24	5 coisas sobre mim ³³ https://www.youtube.com/watch?v=COGCy86AyAU	Larissa Jorge	3.279

Fonte: Elaborado pela autora.

Assisti e descrevi cada um dos 24 vídeos e, diante do conteúdo descrito, fui identificando recorrências temáticas que apareciam no conjunto analisado. Assim, colocando-os lado a lado, relacionando as narrativas dos vídeos, destaquei posicionamentos ou assuntos e fui compondo grupos. Quando percebia que um tema se repetia, marcava o trecho com uma cor em todos os vídeos em que aparecia. Assim, recorreram narrativas sobre preferência por filmes, séries, músicas e cantores, sobre relacionamento, sobre desejos futuros, familiares e profissionais, sobre conhecer ou morar em outro país, narrativas que expunham crenças sobre gênero e sexualidade, sobre ser surdo, que expõe práticas consideradas íntimas, como práticas ou preferências sexuais, sobre o ensino de Libras e o uso de LP.

Após essa exploração do conteúdo dos 24 vídeos e, diante da impossibilidade de uma divisão precisa entre os vídeos que tratam sobre surdez e os que não tratam, percebi que poderia dividir suas narrativas, visto que algumas tratavam mais sobre ser surdo e outras sobre outras coisas. Num primeiro momento, organizei as narrativas em dois grupos temáticos: Surdos youtubers e Youtubers surdos. No primeiro grupo, o sujeito se posicionaria como surdo youtuber, em narrativas nas quais a experiência da surdez é o destaque; no outro, uma posição de sujeito de um youtuber surdo, em narrativas que tratariam de temáticas diversas, encontradas em qualquer canal de youtuber, em que a ênfase está nas marcas de uma forma de vida que se caracteriza pela digitalidade.

No entanto, ao retomar minha pergunta, me dei conta de que apenas esse levantamento não bastaria para respondê-la. Além disso, a proposta de dividir narrativas em nada se diferenciava da proposta de dividir vídeos. Não é possível extrair a condição da surdez do material. Novamente me encontrava em um não lugar, tentando me afastar da identidade, mas presa em sua forma. Mesmo que não fosse possível me posicionar em outro lugar, era necessário ao menos buscar pelas ampliações dos limites identitários. Se eu pretendia

³³ Os vídeos 19 e 24 possuem o mesmo título, mas serão referidos com seus números para diferenciá-los quando necessário.

identificar novas características em sujeitos que vivem a condição da surdez a partir da digitalidade, que não as que eu já conhecia, precisaria ter esse critério como base. Desse modo, optei por olhar para o que não se enquadra nos moldes daquela identidade surda que apresentei no primeiro capítulo. Assim, busquei nessas narrativas tudo aquilo que fugia às características da identidade surda, a fim de encontrar as novas nuances que a digitalidade confere a esses sujeitos.

4.1 O que perguntar aos Youtubers surdos

As narrativas desses sujeitos, que seguem marcando suas características enquanto surdos em determinados momentos e levantando as pautas concernentes à sua cultura, se concentram também em outras coisas, o que indica uma ampliação de temáticas que são postas de forma pública em língua de sinais e por pessoas surdas e são como as narrativas de qualquer youtuber. Porém, são narrativas que provêm de surdos e estão acessíveis a surdos, pessoas que não acessam o mundo da mesma forma que ouvintes, e não há um sentido que capte o mundo em geral, a audição, o que limita a principal língua de circulação da informação³⁴. O mundo é captado principalmente pelo que é visível, e é aí que está a primeira grande diferença que o mundo digital oferece aos surdos: a informação passa a circular de modo imagético e acessível. É como uma barreira que se dissipa com a possibilidade da comunicação visual e, a partir dessa primeira quebra, outras variáveis são dispostas e os caminhos de uma comunidade, que antes costumava falar entre si mesmos, se multiplicam, e surge a possibilidade de uma expansão comunicacional.

O fato de os surdos estarem expostos e falarem sobre diversas temáticas tem implicações nas formas como se passa a entender o que é ser surdo. Enquanto os surdos falavam predominantemente sobre surdez em suas divulgações, e geralmente entre a comunidade surda e quem por ela se interessava, a marca do sujeito surdo se resumia à surdez. No YouTube é possível encontrar pessoas surdas discutindo outras problemáticas, falando sobre outras questões: relacionamentos, maquiagem, dieta, séries etc. Talvez para aqueles que não trabalham nessa perspectiva isso possa parecer óbvio, mas a partir daquele contexto de ênfase identitária, inscrito nos estudos surdos iniciados nos anos 1990,

³⁴ Ainda que uma pessoa surda tenha o acesso visual à língua portuguesa em modalidade escrita, o ensino dessa língua para surdos é uma das problemáticas mais recorrentes no processo educacional dos surdos, como foi abordado no capítulo inicial da pesquisa. Assim, quando falo de uma informação visual ou imagética, me refiro principalmente a suportes visuais, como vídeos, que permitem comunicar em línguas de sinais.

apresentado no primeiro capítulo, entendo essa exposição e novas condições como uma possibilidade de virada.

É importante destacar que os sujeitos que abordo nesta pesquisa não são sujeitos anônimos, muito pelo contrário, são amplamente conhecidos nas mídias digitais. Os youtubers que selecionei para a pesquisa são celebridades digitais e possuem muito mais visibilidade que outros que não estão nessa posição, seja por não terem números tão significativos de seguidores, ou por não terem vídeos publicados na plataforma. Porém, nesta pesquisa utilizo suas narrativas enquanto pessoas que encontram no YouTube a oportunidade de se narrar. Além disso, entendo a plataforma como um espaço de tradução de modos de ser. O conteúdo desses vídeos são amostras do que circula entre sujeitos digitais, sejam eles surdos ou não e não tenho a intenção de enfatizar ou analisar sua fama, embora esse seja um aspecto inegável. Feita essa ressalva, as narrativas desses sujeitos servem a esta pesquisa como amostras de modos de ser surdo, compreendendo que suas narrativas são mediadas pelas condições de contexto de exposição midiática. Para além da possibilidade de conhecer como se caracterizam esses sujeitos da exposição, também é possível considerar o que essa disponibilidade oferece a outros sujeitos que podem acessar seus vídeos e que relações essas novas ênfases têm com a educação de surdos, visto que esta pesquisa parte de um interesse escolar e tem como um de seus fins encontrar nesses youtubers características de estudantes no nosso tempo, habitantes digitais. Desse modo, para prosseguir a pesquisa foi necessário redesenhar a pergunta a ser feita às narrativas de youtubers surdos:

Como se caracterizam os sujeitos surdos em meio à digitalidade e como a condição da digitalidade e os modos de ser que ela produz se relacionam com a educação de surdos?

Ao finalizar este capítulo, me percebo muito imersa em um discurso que, por vezes, toma os contornos multiculturais e me impede de desenvolver a crítica quando constato que nunca ou muito pouco questioneei o caráter relacional em meus estudos sobre surdos. A postura que tem sido forjada nessa perspectiva vai fortalecendo uma atitude de reivindicação por direitos, ao mesmo tempo que não permite espaço para pensar a relação entre culturas. Isso pode aproximar culturas em contexto de reivindicação, porém pouco contribui para a compreensão das razões pelas quais se reivindica. Donati (2017), ao questionar por que no encontro entre diferentes culturas a diferença surge antes do comum, reflete sobre a necessidade de um pensamento que seja capaz de nos mostrar a humanidade comum, que nos possibilite articular a diferença de modo a constituir uma base útil para o encontro e o diálogo sobre algo digno para ambas as culturas e dar razões para as formas de ser dos sujeitos permite que os compreendamos e que nos aproximemos. Para viver com o outro, faz mais

sentido reiterar os pontos comuns do que marcar o tempo todo aquilo que diverge, assim, uma das possibilidades para pensar isso é a interculturalidade, que se trata de um ponto de vista que se baseia no respeito à diferença, concretizada no reconhecimento da paridade de direitos. (FLEURI, 2003). Conforme o autor, essa perspectiva tem se destacado como um campo de discussões entre as variadas concepções que têm se proposto para o enfrentamento de questões sobre a relação entre processos identitários socioculturais diferentes. Desse modo, é possível, a partir das relações entre culturas, compreender as razões do outro.

Entendo que os youtubers não sejam geradores intencionais de aberturas relacionais, mas, partindo do que eles fazem circular, que é de interesse de uma variedade de públicos que se veiculam ao formato do YouTube, mostra o que há em comum ao aproximar pessoas que compartilham dos mesmos interesses, independentemente de suas condições sensoriais ou linguísticas. Isso pode ser observado no capítulo que segue, em que se desenvolvem as análises a partir das narrativas presentes nos vídeos.

5 DIGITALIDADE E EXPOSIÇÃO: REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Neste capítulo, trago elementos do material de pesquisa que mostram que a vida possibilitada pela condição da exposição via tecnologias digitais permite aberturas que geram deslocamentos nas práticas de pessoas surdas, em sua condição linguística e em seus modos de ser, o que reflete em como se dá sua educação. Porém, antes de adentrar nas narrativas, para dar sentido às problematizações tecidas a partir delas, é fundamental estabelecer o pano de fundo do contexto educacional e suas relações com o mundo digital que a cada dia infere em nosso modo de ser. Afinal, as primeiras ideias que fizeram brotar esta pesquisa surgiram principalmente dentro da escola, e a ela pretende-se dar retornos.

5.1 Educação e Digitalidade

Segundo Silva e Gomes (2015), em uma investigação realizada com professores da Educação Básica, é consenso que as tecnologias devem ser utilizadas na prática pedagógica. Ainda que os professores tenham essa opinião, alguns fatores relacionados à ausência de infraestrutura adequada, formação pedagógica e técnica insuficientes, caracterizam-se como obstáculos para a efetivação do uso das tecnologias nas práticas escolares cotidianas. Souza Neto e Lunardi-Mendes (2017), percebem a insegurança docente como uma das barreiras ao uso de tecnologias digitais na escola. Essa incompatibilidade entre os novos modos de ser e estar no mundo e a instituição escolar, que apresenta um contexto estrutural similar há décadas, é identificada por Sibilia (2016) como uma crise da escola. Segundo a autora, os principais motivadores de tal crise estaria, dentre outros fatores, o uso da tecnologia digital, visto que dispositivos desse tipo passaram a compor nossas práticas cotidianas e é nessas práticas que se constroem as subjetividades. No mesmo sentido, Loureiro (2013) mostra que é uma necessidade deste tempo pensar o uso de tecnologias digitais na educação, já que os modos de viver, comunicar, interagir são atravessados por essas tecnologias.

A crise abordada por Sibilia (2016) se relaciona também com uma profunda modificação nos modos de aprendizagem, bem como das fontes de conhecimento e da maneira como intercambiamos e interagimos com elas. (UNESCO, 2016).

Uma das discussões levantadas por Sibilia (2016), sinaliza a desvantagem da escola, que se se alicerça na ancestral ferramenta da palavra, convertida em uma obrigação chata e enfadonha para os alunos. Para a autora, na lógica mercadológica, não resta outra opção à

escola se não garantir atratividade, na qual o aluno deixa de ser um aluno e passa a ser um consumidor, e a escola passa a ocupar uma posição de produto ou serviço. Considerando o contexto desta pesquisa, tendo o YouTube por concorrência, pode-se imaginar quem costuma levar vantagem e atrair mais atenção. Os resultados dessa equação podem ser observados numericamente em avaliações de desempenho de estudantes, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, o PISA, que avalia os domínios de Letramento em Leitura, Letramento em Matemática e Letramento Científico. Na última edição, em 2018, o Brasil ocupa o 57º lugar, dentre os 79 países participantes, seja nos números de evasão escolar ou nas significações que a escola toma. Nessa lógica, outro contingente que coloca a escola em desvantagem são as formas de trabalho que se precarizam cada vez mais nos caminhos constitutivos do neoliberalismo, pois “[...] No caso brasileiro há que se ter em mente que ao menos 50% dos trabalhadores e trabalhadoras sobrevivem na informalidade”. (SILVA, 2018). Nesse sentido, a escola, que já não apresenta atrativos, também vai perdendo a credibilidade que tinha na função de formar para o trabalho.

Junto aos perigos que as condições do presente podem representar à escola, além de perder pela atratividade e até mesmo por credibilidade, Tomaz (2017) aponta os riscos da ideia do empreendedor digital. A autora relata que esses jovens youtubers ou influenciadores digitais abrem mão não apenas de um emprego ou carreira mais segura, mas também de uma formação acadêmica e até escolar. Eles não são modelos apenas para seus seguidores, mas para qualquer um que acompanhe sua trajetória de sucesso replicada na mídia recorrentemente. Assim:

Existe uma autonomia sendo desenhada em relação aos processos de educação formal, o que, em si mesmo, não é um problema, mas poderá vir a ser, se a escola, especialmente a pública, for esvaziada de seu sentido histórico de uma instituição pautada pela formação do cidadão, a quem oferece ferramentas que promovem a inserção e a ascensão social de modo democrático. (TOMAZ, 2017, p. 164).

Tomaz evidencia um problema que em sendo discutido cada vez mais entre professores e pesquisadores da educação. A obsolência da escola, na qual uma ausência, uma lacuna deixada acusa a incompatibilidade desta instituição com seus alunos. (CASTELLS, 2014). A metamorfose das formas de se narrar, a forma de vida e as novas perspectivas que assumimos são indícios da inevitabilidade de a escola repensar-se, pois o conhecimento está ao alcance de um google. Vivemos o tempo do *Homo economicus discentis accessibilis* (LOUREIRO, LOPES, 2019), que está sempre conectado e aprende permanentemente. Nesse contexto, cabe perguntar-se o que a escola pode fazer pelo estudante que o google não pode. Manuel Castells (2014), ao falar sobre a obsolência da educação, mostra que a escola não

precisa dar a informação, pois ela está disponível. O que é necessário, o que os alunos não possuem são os critérios para buscá-la e combiná-la em seus projetos de todos os âmbitos, sejam profissionais, intelectuais ou pessoais. Acredito que seja importante marcar este alerta para pensar a educação escolar em geral, afinal essas questões permeiam qualquer instituição escolar, que é também um dos motivos que impulsionaram esta escrita.

Conforme Beard (2020), embora exista a inteligência artificial, a educação depende da interação humana, pois nascemos para aprender em sociedade. Para o professor, os grandes desafios giram em torno de fazer com que os alunos entendam que são membros de uma comunidade e formá-los como pessoas criativas, comprometidas com a sociedade, pois os problemas que enfrentamos só podem ser superados por meio de colaboração e imaginação humana. Para isso, retomo Donati (2017) no intuito de evidenciar que apenas reforçar diferenças não nos ajuda, mas talvez pensar que as relações com os outros possam permitir que criemos pontes entre as culturas. Na frequente oposição entre humanidade e tecnologia que se coloca atualmente em tantos âmbitos, a escola é uma peça imprescindível, por conter a humanidade necessária a essa questão. Conforme Silva (2019, p. 2),

o desafio que precisamos tratar com cautela refere-se à necessidade de preservar as possibilidades de uma pauta formativa comum e, mais que isso, posicionar o conhecimento escolar (acessível a todos) como uma ferramenta de combate às desigualdades.

Desse modo, o autor indica que as relações entre os eixos educação e tecnologias digitais implicam a valorização da escola como um espaço em que se aprende a pensar e que:

Não existe mais uma razão da história que nós devemos apenas acompanhar [...]. Somos nós que devemos inventar a história, esta é a nossa nova responsabilidade. Além disso, às nossas costas, não existe somente a história nascida com a escrita, mas toda a história do planeta, cujos códigos estão inscritos em todas as coisas. (SERRES, 2017, p. 3).

É preciso buscar inventar nossa história e, para tanto, não basta ler a escrita, como diz o autor, é preciso aprender a ler outros códigos, outras linguagens.

Empreender o que propõem esses pesquisadores, além de tantas outras coisas, também significa ir contra uma conduta a que estamos sujeitos, de forte tendência individualizante, que nos torna buscadores de likes e de seguidores. Pensar coletivamente não implica necessariamente contar a vida no YouTube. Ainda assim, é possível aprender algo com esses youtubers.

Há um recorrente questionamento que de tempos em tempos vem à tona e se refere a qual seria o papel da escola na sociedade contemporânea. Biesta (2018) salienta que a aprendizagem vem se popularizando dentre respostas a tal questionamento, o que se observa

na linguagem da aprendizagem que tem dominado o âmbito educacional. O autor, ao discutir o problema dessa possível resposta, afirma que não há nada de errado na aprendizagem, mas no vazio de conteúdo e propósito que reside na linguagem da aprendizagem. Afinal, explica, “o objetivo da educação nunca é que as crianças e jovens aprendam, [...] mas sim que aprendam alguma coisa, que aprendam isso por um motivo e que aprendam isso de alguém”. (BIESTA, 2018, p. 23). Diferentemente da linguagem da aprendizagem, a linguagem da educação precisa se engajar com questões de conteúdo, de propósito e de relações.

Assim como o artigo de Biesta (2018), esta pesquisa se endereça principalmente àqueles que fazem a escola acontecer, aos professores, neste caso, mais especificamente, aos professores envolvidos com a educação de surdos. É evidente a complexidade do trabalho docente, pois exige “cuidado, julgamento situado e disposição para se comprometer com a abertura e com o risco que a educação sempre carrega”. (BIESTA, 2018, p. 29). É necessário explicitar que, com esta pesquisa, considero a possibilidade de perceber outras formas de entender o que significa ser surdo. Além de nossos alunos, com todas suas particularidades linguísticas, os surdos podem ser também sujeitos da digitalidade, e como qualquer sujeito dessa condição, possuem a necessidade de se comunicar. Junto a essa compreensão, considero nossa necessidade enquanto docentes de entender as tecnologias e mídias digitais como ferramentas capazes de impulsionar a educação desses sujeitos.

Posto tal contexto, ao observar o campo educacional de surdos, há considerações importantes a serem feitas. O surdo vive nesse mesmo cenário e está colocado em uma mesma lógica. No entanto, as condições linguísticas do sujeito com surdez não acompanham as da maioria dos alunos ouvintes. Há um atraso nessa condição: um atraso no contato com a primeira língua, a LS, o que pressupõe o atraso na aprendizagem da língua nacional, a LP, que dá acesso à informação em geral. (LEITE; QUADROS, 2014). Considerando que o ensino de LP para surdos geralmente não ocorre da maneira mais adequada, ou seja, a LP não sendo ensinada como segunda língua (ZILIO, 2017), não há apenas um atraso, mas a falha na forma como a língua é ensinada. Essas aquisições tardias se dão tanto por motivos familiares (sejam decisões conscientes ou falta de conhecimento), quanto por motivos educacionais. O processo de aprendizagem e a estruturação do pensamento de estudantes surdos se constituem de forma diferente das de ouvintes por condições como a diferença linguística, ambientes linguísticos limitados e aquisição tardia e frágil da primeira língua. (ZILIO; KRAEMER, 2020). Assim, os efeitos da digitalidade para esse sujeito se configuram de modo diferente: ela permite um acesso que não estava ao alcance antes, e o conteúdo que circulava apenas em língua portuguesa pode circular imagneticamente, por meio de vídeos, permitindo a propagação da

língua de sinais, além de permitir aos surdos o acesso à escrita da LP. A escrita pode ter outro tempo de tradução que não o da instantaneidade da fala, o que resulta em colocar os surdos na relação com distintos meios de visualização da informação, seja em LS seja em LP escrita. Como observado no capítulo 1.2, as mídias e tecnologias digitais têm sido associadas à comunidade e à educação de surdos e são indicadas como um advento positivo, que geralmente sinalizam formas de afirmação e exposição da identidade surda.

Ainda que as possibilidades digitais tenham representações positivas nessas pesquisas, é preciso que a instituição escolar seja capaz de fazer uso das possibilidades digitais, para que “seus regimes cognitivos passem a engendrar também os elementos da cibercultura”. (LOPES; SCHLEMMER, 2012, p. 14). Nessa tarefa, é essencial inteirar-se dos modos de ser discente e, para isso, desde meu lugar de partida, estive buscando por um modo específico de ser.

No desenvolver da pesquisa, tenho percebido muitas possibilidades de ser do sujeito que vive a condição da surdez. Ainda que eu perceba isso, reconheço em mim a impossibilidade de me posicionar definitivamente fora da perspectiva que enxerga o sujeito da identidade surda e sigo sob determinados limites discursivos. Não posso me afastar por completo dessa perspectiva e tampouco compreender apenas a partir dela. Uma vez feita essa reflexão, sei que realizei deslocamentos e, durante a escrita, estive constantemente repensando meu lugar, sempre tensionando as limitações que essa ótica me confere.

Além dessa crise, que está presente em toda a extensão desta pesquisa e, provavelmente, me acompanhe ainda por algum tempo em meus estudos, dentre as tarefas mais desafiadoras na elaboração deste texto estive a forma como estruturei o desenvolvimento analítico das narrativas. Esta pesquisa se iniciou com uma hipótese, a de que algo estaria mudando nos modos de ser surdo nos últimos anos, mais especificamente desde que passamos a viver mediados por tecnologias digitais. Partindo de tal hipótese, pretendi encontrar que características são essas que fogem àquela caracterização da identidade surda cunhada nos Estudos Surdos dos anos 1990. Por isso, defini como critério analítico a exclusão de narrativas que reafirmam a identidade surda e a seleção das outras, que podem compor a caracterização de outros modos de ser forjados na digitalidade, expondo, assim, como esses modos de ser se relacionam com a educação de surdos.

Considerando, a partir de Sibília (2016), que as experiências são conformadas nas interações e relações com os outros, concomitantemente à função da cultura na constituição dos nossos modos de ser, utilizei essas narrativas, que se evidenciam pela exposição, para conhecer os modos de ser surdo que se constroem no uso de mídias digitais, no caso, o

YouTube. Assim, procurei problematizar as possibilidades que surgem em favor da educação de sujeitos surdos fundamentadas nas experiências que surgem nesse cenário. A partir do que dizem esses youtubers surdos, é possível observar nuances de um modo de ser que não era possível antes da vida digital e como tais características podem refletir na educação desses sujeitos.

Minhas análises não surgem de recorrências narrativas ou de agrupamentos temáticos. Elas se desenvolvem para argumentar a favor de um eixo central, que afirma que a condição da exposição dá possibilidades para uma educação linguística que e para a desconstrução dos estigmas da surdez, ao ampliar os limites das significações de ser surdo. Desse modo, as narrativas selecionadas aparecem como vinhetas que funcionam como esteios do eixo central.

5.2 Vida exposta: condições de possibilidade para ampliações

*(Pergunta de seguidor) Você tem namorado escondido?
Não. Se eu tivesse, por que eu o esconderia? (SOU GAY? #LéoResponde)*

*(Pergunta de seguidor) Você quer participar do BBB? Porque nenhum surdo participou.
Quero muito. (SOU GAY? #LéoResponde)*

Sibilia (2016), ao narrar um episódio em que a escritora Virginia Woolf era questionada sobre o por quê de não haver boas escritoras mulheres, conta que a autora contestou que era porque não tinham um quarto próprio. A pesquisadora utiliza a narrativa para demonstrar os significados de *ser alguém* naquele início de século XX: para poder *ser alguém* era necessário dispor de um local próprio, separado do âmbito público, para se tornar um sujeito moderno, para ter condições de produzir a própria subjetividade. Um século depois, presenciamos o inverso, em que, conforme Tomaz, “aparecer ou estar visível é, necessariamente, um modo de ser alguém”. (2017, p. 74). Nesse sentido, presenciamos atualmente o fenômeno da extimidade, definido por Sibilia como uma “entidade para cuja configuração foi necessário deslocar o eixo das subjetividades: do magma causal da interioridade psicológica para a capacidade de produzir efeitos no olhar alheio”. (SIBILIA, 2016, p. 163). Surdos ou ouvintes, a exposição de si, em diversos gradientes, é condição necessária para se ser alguém. Não há motivos para esconder o namorado do público seguidor, como revela a narrativa de Léo Viturino no vídeo 7. Nessa lógica que compreende a vida como um livro aberto, “o *eu* atual [...] deve ser exposto da forma mais atraente possível para convocar sedentos olhares e conquistar todos os aplausos possíveis”. (SIBILIA, 2016, p.

103). Não por acaso programas como o BBB, Big Brother Brasil, referido no excerto do mesmo vídeo, não só se popularizaram como a participação no programa é o desejo de muitas pessoas.

Partindo de uma analogia utilizada por Tomaz (2017), penso que as mídias digitais, particularmente o YouTube, atuam como janelas para que os surdos vejam o mundo e para que o mundo veja os surdos. Isso dá possibilidade para que se perceba que há muitas maneiras de viver a condição da surdez, para que se possa desejar ser de outras formas, para se relacionar com outras pessoas sem receio de revelar a surdez etc. Essa exposição, nas duas direções, gradativamente, permite que diferentes setores e atores da sociedade produzam novos sentidos sobre a surdez.

Com isso, quero discutir os possíveis efeitos dessa ampla exposição na vida de pessoas surdas. O fato delas estarem expostas em mídias sociais as torna mais visíveis, acessíveis, aproxima pessoas que desconheciam sua cultura e língua, viabiliza interações e desconstrói estigmas. É por essa disposição também que se promove a ampliação linguística e comunicacional de surdos e, conseqüentemente, suas possibilidades educacionais.

5.2.1 Ampliação de contextos linguísticos e comunicacionais

Beck compara a internet a uma memória coletiva, em que “Todas as bibliotecas do mundo, toda a informação e o conhecimento que ela encerra, são acessíveis a um clique individual. Na internet todos podem ganhar o conhecimento que nunca experimentaram”. (BECK, 2018, p. 243). É nesse sentido que utilizo os efeitos da exposição de si, em todos os seus níveis, para considerar que a internet e tudo que se disponibiliza nela configura uma grande biblioteca. Ao falarem sobre os mais diversos assuntos, os youtubers surdos colocam em circulação um vasto vocabulário que antes não era conhecido. Ao falarem sobre horóscopo (vídeos 1, 7, 19), sobre gênero e sexualidade (vídeos 1, 7, 8, 17), sobre sexo (vídeos 11, 16), sobre relacionamentos (vídeos 4, 10, 14), entre outros, eles colocam em circulação temáticas e sinais que não estavam disponíveis antes, não porque não existiam ou por que não se falavam, mas por haver poucos registros, faltava produção textual publicada e acessível. Esses vídeos compõem um arquivo que se multiplica diariamente e contribui para a ampliação linguística da Libras, bem como para a construção de razões para que as pessoas com surdez, que compartilham de uma língua específica e se assemelham mais com alguns do que com outros, passem a ser conhecidas e melhor compreendidas. Nesse sentido, a exposição

oportunizada pela digitalidade pode contribuir estabelecendo a convivência entre aqueles que possuem contato com surdos, mesmo que digitalmente.

É inegável que o olhar que lanço a meus materiais, assim como o que guiou toda esta investigação, sempre é atravessado pela minha experiência como professora de línguas, como estudante de Letras e, portanto, predominantemente linguístico. Além dessa forma de olhar me acompanhar desde minha formação acadêmica, o grupo específico que pesquiso, composto por pessoas surdas falantes de LS, torna potentes as possibilidades reflexivas a partir dessa tendência, pois as mudanças nas formas como nos relacionamos e na linguagem estão diretamente imbricadas nas formas como nos comunicamos. Assim, para abordar essas mudanças e argumentar na direção de uma ampliação linguística que se coloca nas possibilidades de ser de sujeitos surdos, retomo o primeiro recorte que fiz, de nove canais de youtubers surdos, pois aquela leitura mais abrangente me deu pistas dessas possibilidades linguísticas. Por exemplo, todos os youtubers legendam seus vídeos, e essa característica pode ser entendida como evidência de uma abertura de cunho linguístico, uma vez que disponibiliza e torna acessível uma diversidade de assuntos para que um maior número de pessoas possa acessar e entender o que é comunicado.

Passando ao recorte mais específico, 15 dos 24 vídeos possuem efeitos sonoros. Os youtubers que não estão entre esses 15 vídeos possuem outros vídeos com efeitos sonoros em seus canais, como o Larissa Jorge e o É Libras. Dos 24 vídeos, um apresenta, além de legenda, dublagem sonora em LP, prática observada também em outros canais da primeira seleção que realizei. Esses podem ser indícios de uma abertura cultural por disporem elementos que não são necessariamente utilizados por pessoas surdas e que até são repelidas por alguns membros da comunidade surda, como é o caso da sonoridade, seja musical ou a dublagem em LP. A abertura também figura na prática de ensinar Libras, observada em cinco vídeos dentre os 24, todos de Léo Viturino, e também na seleção anterior mais abrangente nos canais³⁵ Visurdo, Kitana Dreams e Larissa Jorge. Na seleção dos nove canais, também observei a presença de vídeos esclarecendo vocabulário da língua portuguesa, como palavras que não possuem um sinal equivalente em Libras. Há uma dedicação aos sujeitos ouvintes que acessam esses canais e demonstram interesse em aprender Libras. A disponibilidade e a abertura dos youtubers para compartilhar e ensinar a língua de sinais, que representa também uma maior difusão da Libras, se possibilita, dentre outros aspectos, por estarem sujeitas a

³⁵ Lembrando que os 24 vídeos selecionados se caracterizam pelos youtubers falarem sobre si mesmos, não sendo função de nenhum deles o ensino de Libras. Portanto, retomo a seleção anterior, dos nove canais, para demonstrar a frequência da temática ensino de Libras.

determinada lógica. Tomaz (2017, p. 164) utiliza a ideia de “empreendedor digital” para definir aquele que “transforma suas práticas e usos da internet em algo lucrativo sem que, para isso, tenha que estar necessariamente em uma estrutura empregatícia”. O que quero dizer é que, para estar nessa lógica, para ser um empreendedor digital, é necessário atrair mais seguidores, o que impulsiona a aquisição da LP, não por obrigação, mas por necessidade.

Alguns youtubers possuem vídeos respondendo como aprenderam a LP, evidenciando que essa é uma das curiosidades recorrentes entre seus espectadores. O interesse e a aceitação da LP observados de forma geral nos canais reforçam uma afirmativa representada em uma narrativa de Léo Viturinno no vídeo 9:

Minha língua materna é Libras, mas faço parte da cultura dos ouvintes também por ser bilíngue (Libras e Português) e ter muita influência dos ouvintes (Léo Viturinno, TAG: 15 Fatos sobre mim | Libras • Léo Viturinno)³⁶

A afirmativa com relação à língua costumava ser outra:

Ela (uma aluna) ficou surpresa que eu era surdo, mas me comunicava pela oralidade (não quer dizer que sei falar oralmente com perfeição - é apenas minha segunda língua portuguesa) [...]. Então expliquei para meus alunos e alunas sobre minha língua de sinais e cultura surda. (MOURÃO, 2011, p. 32).

Assim, nas palavras de Perlin, “Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com o nosso jeito de ser surdos”. (PERLIN, 2007, p. 10). As afirmativas de Perlin e Mourão possuem os traços da luta pela legitimação da surdez como possibilidade, com um jeito próprio de ser e trazendo o português como “apenas” a segunda língua. De certa forma, eles traduzem a condição em que se deram suas constituições, uma educação adaptada que não priorizou a diferença linguística e uma formação que precisou afirmar a capacidade. A geração de Léo Viturinno teve uma formação escolar que, ainda que não seja aquela idealizada pela comunidade surda, se aproxima mais do modelo desejado. No vídeo 1, os irmãos Tainá e Andrei contam suas datas de nascimento: Andrei nasceu em 1994 e Tainá em 2001.

Andrei: Em 2001 foi muita sorte, teve muitas coisas novas, leis novas para Libras, mais direitos para os surdos. Teve sorte na vida dela. Na minha época, eu sofri um pouco. (20 curiosidades sobre nós)

A percepção dos irmãos, que possuem 7 anos de diferença, é de que houve uma grande mudança na vida dos surdos no início dos anos 2000. O debate sobre a necessidade do acesso

³⁶ A fim de sistematizar a leitura, o corpus analítico será apresentado em quadros.

à Libras e sobre a condição da surdez nesses anos se tornou mais visível e passou a circular pelos espaços escolar e acadêmico. Por meio de políticas públicas, a Libras e a comunidade surda vêm sendo mais conhecidas em nível nacional a cada ano. O Decreto 5.526 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), promove condições linguísticas que respeitam a diversidade de alunos surdos ao garantir o uso e a difusão da língua, o ensino e o acesso à Libras, entre outros aspectos. As narrativas de Léo Viturino e dos irmãos do canal Visurdo refletem uma trajetória de vida diferente das de Mourão e Perlin, que apresentam um histórico de luta pelo reconhecimento linguístico e identitário, em que se visualiza uma resistência pela defesa da língua de sinais. Na narrativa de Léo Viturino a afirmação é outra, ele faz “parte da cultura ouvinte também, por ser bilíngue”.

Me poupe! Mas sou surdo e cabô! (Léo Viturino, Por que eu escolhi ser Professor? #LeoResponde - 2)

BETO CASTEJON - BETO NERA HÉTERO #BETORESPONDE 2. (título do vídeo 8)

O uso de expressões da LP, observadas em narrativas de Léo Viturino, vídeo 22, e no título de um dos vídeos de Beto Castejon, vídeo 8, indica a adesão de expressões que fazem sentido apenas sonoramente. Também são frequentes abreviações, como o uso de PLMDD (vídeo 9), que abrevia “pelo amor de deus”, ou PÔ (vídeo 8), que são expressões próprias da forma de falar de ouvintes. Essas parecem formas de assumir a cultura oral da LP, sem suprimir a Libras ou mesmo a ideia de cultura surda. Como se observa na afirmação de Léo Viturino, seguem em circulação as afirmações do ser surdo e, com ela, afirmações do ser bilíngue. Mas a relação com a LP não apresenta as condutas de resistência que se observavam anteriormente. Ao contrário: a adesão à língua é facilitada. Segundo Goettert (2019), a leitura de legendas contribuiu para a apropriação da língua escrita pelos surdos e também instiga o aperfeiçoamento de suas estratégias de leitura, pois há a necessidade de se saber o que está sendo dito. O recurso da legenda só é possível com a proliferação de vídeos, como o que propicia a plataforma YouTube. Assim, o autor conclui que a aprendizagem de uma segunda língua encontra mais receptividade e sucesso ao considerar as referências imagéticas que a comunicação mediada pelas tecnologias digitais permitem. (GOETTERT, 2019). As observações que faço a partir dos excertos narrativos tramados ao que dizem os pesquisadores indicam uma ampliação linguística a que estes youtubers estão sujeitos. É mais importante se comunicar com todos, porque essa é uma necessidade do presente, e é histórica a luta da comunidade surda pelo direito à comunicação em sua língua natural, a língua de sinais.

Porém, para que um canal seja bem-sucedido, para ser um empreendedor digital, é preciso, dentre outras coisas, alcançar o maior número de pessoas possível. A exigência comunicativa das redes sociais e mídias digitais torna a língua essencial, seja ela de sinais, nacional, oral, estrangeira ou imagética.

Goetttert (2014) aborda o tema tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos em sua pesquisa de dissertação, e aponta que as aprendizagens de uma segunda língua encontram maior receptividade e sucesso se considerarem as referências imagéticas das pessoas surdas e que a comunicação mediada pelas tecnologias digitais, por sua característica híbrida, possibilita ao surdo operar melhor no plano dos significantes, na sua expressão sensorial. Moreira (2012) traz questões de acessibilidade virtual mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação em que buscou saber como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da comunicação dos estudantes surdos em uma escola inclusiva, e revelou que os alunos se comunicam por meio de redes sociais em Libras, via webcam, e linguagem escrita. Tal evidência aponta, segundo a autora, a possibilidade de socialização pela comunicação. Didó (2012) pensou e aplicou práticas educacionais para sujeitos com limitação auditiva parcial ou total e constatou que o uso do celular (e seus recursos e aplicativos) impulsiona os alunos à aquisição do conhecimento, facilitando a comunicação, a compreensão e, de forma geral, a vida do surdo. Claudio (2016a) tratou dos processos comunicativos digitais de surdos nos usos e nas apropriações da rede social Facebook, e seu estudo aponta a importância e a necessidade comunicacional e informacional para resolver práticas cotidianas pessoais e profissionais. Assim, as interações e experiências digitais estabelecem diferentes processos e conexões, que os vinculam à cultura surda, à língua dos surdos, à comunidade surda mista e à sociedade. A autora utiliza comunidade surda mista no intuito de explicar que a comunidade surda não é composta só por pessoas surdas.

Os referidos autores desenvolveram suas pesquisas sobre surdos e suas relações com as tecnologias digitais e um elemento em comum entre elas se destaca além de corroborar o que tenho observado: a ênfase da comunicação. Ela dá sentido ao que argumento com base nas narrativas de youtubers e ajuda a entender que ser bilíngue é fundamental e parece estar acontecendo à medida que é necessário estar conectado.

Na ampliação linguística observada, para além de uma característica bilíngue, é possível ler uma postura cosmopolita nos sentidos conferidos por Beck (2018). O autor apresenta a “geração da metamorfose”, cuja existência e ações não se baseiam em ação política, mas em sua existência digital, e “Essas gerações encarnam o a priori digital”. (BECK, 2018, p. 240). Nas narrativas que trago, as representações da defesa identitária e da

cultura surda estão presentes, mas elas se fazem visíveis graças a existência digital desses sujeitos. Por meio dela, a comunicação impõe-se ao sujeito surdo.

Me poupe! Mas sou surdo e cabô! (Léo Viturino, Por que eu escolhi ser Professor? #LeoResponde - 2)

BETO CASTEJON - BETO NERA HÉTERO #BETORESPONDE 2. (título do vídeo 8)

Outra forma de materialização dessa ampliação linguística, bem como da presença de características cosmopolitas, é o uso da língua inglesa, presente na legenda de vídeos, como no vídeo 2, *TAG: 15 fatos sobre mim*, de Larissa Jorge. Também o uso linguístico que está imerso em formas de entretenimento popular, como o uso de “love” por Beto Castejon no vídeo 8 ou de “hello”, por Kitana Dreams no vídeo 17. O conteúdo dos vídeos é composto por tudo o que atravessa as experiências dos youtubers, observado na menção de lugares, séries, cantores, músicas. Além disso, as narrativas, como exemplifico abaixo, trazem elementos que não necessariamente se limitam por uma nacionalidade, mas estão disponíveis e, para que possam ser apreciadas, estão acessíveis.

(Beto está respondendo uma brincadeira chamada “beijo, caso, mato”, em que deve escolher 3 pessoas: uma para beijar, uma para casar e outra para matar. Os escolhidos são três outros amigos youtubers)

*Ele é inteligente, maravilhoso, carinhoso. Até me cuida bem, é o amor da minha vida, melhor homem do mundo. Eu caso como Gabriel! Vivemos para sempre! LOVE
(BETO CASTEJON - BETO NERA HÉTERO #BETORESPONDE 2)*

As narrativas destacadas apontam amostras de produções estadunidenses, origem de uma grande parte da cultura consumida no Brasil, como se observa em canais de youtubers brasileiros. Não seria diferente nos canais de youtubers surdos, que consomem e produzem materiais em que se lê determinado direcionamento cultural. Conforme Soares (2019), cultura pop é a produção de bens simbólicos e materiais que se relacionam a uma indústria do entretenimento em uma lógica global e cosmopolita. Ela deriva de uma formação de sistemas industriais da cultura que “promovem o encontro entre a cultura e a economia voltada a públicos amplos e claramente definidos”. (SOARES, 2019, p. 13). O pesquisador discute sobre os desafios implicados ao termo, pois ele nasce da Pop Art, movimento artístico que tece críticas ao capitalismo, mas, ao mesmo tempo, desenvolve uma relação ambígua com os produtos oriundos do capital. A proliferação da cultura pop no YouTube, bem como o fenômeno dos youtubers, se propagam em um regime apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais, que, conforme Sibilia (2016), é descrito por Gilles Deleuze como uma organização

social caracterizada por sua produção e consumo exacerbados. Essa organização se articula pelo marketing, pela publicidade e pela criatividade recompensada monetariamente e insuflada pelo espírito empresarial. (SIBILIA, 2016). Isso quer dizer que esses youtubers também seguem o sentido dessa racionalidade ao participarem como consumidores e produtores de redes sociais e mídias digitais ao mesmo tempo que são participantes, ampliando suas fronteiras linguísticas e culturais.

O ‘lugar de fala’ [...] da Cultura Pop é a cultura global, centrada na anglofilia e na produção cultural dos Estados Unidos. No entanto, acho pouco instigante a tese de observar os produtos da cultura pop pela lente do ‘imperialismo’ pura e simplesmente. De fato há um jogo de poder que se impõe, mas também há formas de ressignificação nos contextos de fruição que podem trazer leituras ‘bastardas’ de produtos pop. (SOARES, 2019, p. 13)

O autor, ao caracterizar as leituras de produções pop como “bastardas”, refere-se à força das culturas ao reinventar produções artísticas e exemplifica com a forma como pessoas das Filipinas reinterpretem divas pop norte-americanas, ao utilizarem folhas de bananeira como vestido e saltos de tijolos precários. Assim, a imposição da comunicação permite ressignificações de produções de outros países que não estão marcadas por serem estrangeiras, pois o acesso linguístico não é uma impossibilidade, e as amostras de cultura contidas nessas produções não pertencem a alguém especificamente. Pode ser de qualquer um que faça uso e que o ressignifique. Nesse sentido, tal lógica ultrapassa delimitações binárias.

Para Ferreira, Salgado e Gomes (2019), no cenário da cultura digital, as redes sociais têm sido um meio de interação muito popular. As autoras apontam o Facebook como um dos destaques, mídia que serviu como fonte da pesquisa referida. Nela, é ressaltada a redefinição e transcendência do papel da língua em benefício de relacionamentos online, “inovando não apenas no uso da língua local, mas também nos recursos linguísticos variados que perpassam textos multimodais de conteúdo local e global”. (FERREIRA; SALGADO; GOMES, 2019, p. 124). Além disso, o estudo indica que nas redes sociais novos recursos linguísticos afloram, geralmente inspirados por programas associados à cultura pop, e são consideradas como algumas das principais fontes de recursos linguísticos e extralinguísticos para seus usuários.

Na contemporaneidade, as línguas são entendidas como componentes de um repertório comunicativo do sujeito, que constituem as formas como usamos a língua e outros modos de comunicação e interação. (RYMES, 2014). Não só o uso de expressões em inglês tem se apresentado como algo habitual, ao mostrar usos que tornam a língua cada vez menos estrangeira e aproximá-la cada vez mais do uso comum. Também o contato com pessoas

estrangeiras passa a fazer parte do cenário, como nos vídeos de Léo Vitturino e Larissa Jorge, em que figuram seus seguidores internacionais.

“Como você se sente sendo internacional?” Sei lá... Só fiquei surpreso... ao saber que tenho uns espectadores de fora do Brasil eu tentei adaptar algo acessível (legendas traduzidas) para eles poderem continuar no canal (Léo Vitturino, SOU GAY? #LéoResponde)

“Quando vem para Portugal?” Quando eu for rico te aviso (Léo Vitturino, SOU GAY? #LéoResponde)

Nessa situação, a legenda dos vídeos permite a aproximação de seguidores estrangeiros por meio da LP escrita. Em uma escala distinta da tratada por Beck, assumindo uma dimensão particular da experiência subjetiva (SIBILIA, 2016), ao observar o grupo dos youtubers surdos, essa conduta pode ser compreendida como uma mudança de visão de mundo. Segundo Beck (2018), uma reconfiguração de visão de mundo nacional é aquela que se amplia devido a efeitos colaterais de uma modernização bem-sucedida. No recorte que faço, observo uma reconfiguração de visão de mundo de um grupo particular, que se centrava predominantemente em si mesmo e dentro de suas possibilidades linguísticas, e que agora possui representações de uma ampliação, que recebem uma maior visibilidade, que aceitam comunicar aos de fora, de fora de sua comunidade surda, de fora de seu estado ou de seu país. Essa aceitação se dá, pois, na centralidade dessas práticas que está em se comunicar para alcançar mais pessoas.

No mesmo sentido, comentários de Léo Viturino no vídeo 3, sobre sua experiência na faculdade, abrem alguns pontos para discussão. O youtuber responde sobre como desenvolveu a capacidade de leitura labial, e diz que foi aprendendo a ler os lábios das pessoas durante toda a vida. Então, nessa linha temporal que ele desdobra, chega ao seu momento atual:

Contudo... Atualmente estou na Universidade. Tudo muito diferente, [novos desafios]. Porque fora da Universidade, as pessoas usam palavras simples e costumeiras, sabem como é, né? Comunico-me com elas tranquilamente. Mas, eu na Universidade, é difícil de se comunicar. Porque eu nunca vi algumas palavras utilizadas por pessoas [da Universidade]. Então, tenho que aprender as novas palavras, os novos movimentos dos lábios... (Léo Viturino, Sou surdo ou ouvinte? #LeoResponde - 3)

No fragmento, o youtuber narra a necessidade de ampliação do conhecimento impellido pela aprendizagem de um novo vocabulário, presente no contexto acadêmico. Ainda que não estejamos acostumados a ouvir relatos de jovens acadêmicos sobre suas dificuldades vocabulares, o desconhecimento, em algum momento, se apresenta para qualquer estudante.

No entanto, esse é um fato relevante para o youtuber, a ponto de ele trazer a questão para seu vídeo. Isso se deve às aulas ocorrerem em língua portuguesa, o que significa que ele estuda por meio de sua segunda língua. Além disso, “as pesquisas voltadas às línguas de sinais têm um desenvolvimento bastante recente quando comparadas ao desenvolvimento das pesquisas com as línguas orais”. (LEITE; QUADROS, 2014, p. 15).

Conforme Santos (2017), observa-se o crescimento do ingresso de surdos brasileiros em cursos de nível superior de ensino, gerando não só o acesso ao conhecimento científico, como a criação de novos sinais da Libras para referenciar verbetes existentes em LP. Além disso, o registro da língua, no caso em vídeo, apresenta uma possibilidade que a fala por si só, seja em língua oral ou de sinais, não permite, de repensar, corrigir ou acrescentar elementos equivocados ou esquecidos. Conforme Lévy (2018), para entender as mutações contemporâneas, é necessário refletir sobre a “primeira grande transformação na ecologia das mídias: a passagem das culturas orais às culturas da escrita”. (LÉVY, 2018, p. 116). Com isso, o autor denota que os efeitos do ciberespaço são tão radicais sobre a pragmática da comunicação quanto foi, em seu tempo, a invenção da escrita. Ao estudar a comunicação na Grécia antiga e o advento do alfabeto como uma nova mídia, Havelock (1996) observa os efeitos da escrita alfabética com relação à organização e expressão do pensamento. O que o autor propõe é que todo avanço tecnológico estabelece uma mudança no campo das mentalidades, ou seja, a forma influencia o conteúdo. (HAVELOCK, 1996). Partindo dessa premissa, as mídias digitais representam deslocamentos nos modos de ser surdo ao proporcionar uma forma acessível de registrar e comunicar textos em modalidade visual-gestual. Ao passo que a invenção do alfabeto na Grécia não significara a disseminação instantânea das artes da escrita e da leitura (HAVELOCK, 1996), as possibilidades que as mídias digitais oferecem à comunidade surda multiplicam-se rapidamente, seguindo a tendência da cultura digital. Para Havelock (1996), o registro escrito permite que a energia, antes gasta com a memorização, se liberte para novas descobertas ao favorecer o acúmulo do saber e a produção do pensamento conceitual. A possibilidade de registrar e comunicar textos em línguas de sinais também cumpre o papel de acúmulo de saber, tanto no tocante a conhecimentos que sempre circularam em línguas orais e que passam a ser disponibilizados em línguas de sinais, como em conhecimentos novos sobre as línguas de sinais, promovidos pela possibilidade de registro e estudo da língua em uso.

Leite e Quadros (2014, p. 18), ao abordarem “línguas de risco”, partem de documentos da UNESCO para afirmar que “o risco de uma língua será tanto maior quanto maior for a sua proximidade de extinção, avaliada por meio de uma análise sobre a redução progressiva no

uso da língua até o seu completo desaparecimento”. Assim, consideram-se para a análise os seguintes critérios de redução: do processo de transmissão da língua das gerações mais velhas para as mais novas, do número de falantes da língua e dos contextos de uso em que a língua é empregada. Para os autores, no caso das línguas de sinais, seu caráter de risco está no fato de a “grande maioria das pessoas que delas dependem para o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural só poderem ter acesso a ela de maneira tardia”. (LEITE; QUADROS, 2014, p. 18). Além disso, como agravante, o contato tardio geralmente se dá com uma versão “pidgnizada da língua, utilizada por usuários que a dominam precariamente como uma segunda língua”. (LEITE; QUADROS, 2014, p. 18). Os autores, ainda, lembram que todo esse processo ocorre em uma sociedade que carrega estereótipos e conceitos falsos sobre a natureza das línguas de sinais e sobre o estatuto social das pessoas surdas. Nessa conjuntura, os usuários das línguas de sinais se veem constantemente fadados à “reinvenção da língua”, o que se presencia com frequência na reconstrução lexical de sua língua natural pelas circunstâncias sociais desfavoráveis. Os pesquisadores explicam que nos grandes centros urbanos o acesso à língua de sinais é facilitado, pois se defrontam com algum usuário dessa língua em escolas e/ou em outros locais onde pessoas surdas circulam, mas que, ainda assim, o contato tardio e precário desse acesso compromete o desenvolvimento linguístico, cognitivo e cultural da pessoa surda. (LEITE; QUADROS, 2014). Sabe-se que o léxico de qualquer língua viva se renova incessantemente, porém, a geração de sinais é uma necessidade na LS, pois geralmente as comunidades surdas de diferentes regiões não tinham uma forma de contato frequente. Desse modo, para referir algum vocabulário novo ou inexistente em LS se convencionou um sinal entre a comunidade. Talvez, a possibilidade de registro, compartilhamento, publicação e difusão visual permitida por mídias digitais e redes sociais diminua essa geração, tornando sinais gerados conhecidos e acessíveis em qualquer lugar que possua conexão em rede. Atualmente, é comum entre tradutores/intérpretes de língua de sinais (TILS) ou entre professores de surdos de áreas específicas a criação de grupos de WhatsApp ou de pastas de compartilhamento online, especificamente para compartilhamento de sinais desconhecidos. Ao deparar-se com um vocabulário que não possui sinal referente em LS, o profissional pode recorrer ao grupo e pesquisar ou perguntar a profissionais dos mais variados lugares se costumam utilizar algum sinal para aquele vocábulo. O que indica que cada vez mais palavras da LP terão referente em Libras e, com o acesso a esses grupos de WhatsApp e pastas de compartilhamento, as pessoas falantes de Libras aumentam seus vocabulários e possibilidades linguísticas. Essa prática pode aludir à

natureza fragmentada, desorganizada, desprovida de contexto desse conhecimento - de fato o perigo de afogar-se nesse oceano de (não) conhecimento. Contudo, ele representa uma metamorfose que ainda não somos capazes de compreender inteiramente. (BECK, 2018, p. 243-244).

O autor se refere ao conhecimento de forma generalizada, no entanto, cabe argumentar nesse caso que os estudos e pesquisas sobre as línguas de sinais e as formas de acessá-las como conhecimento formalizado são recentes, como já referido por Leite e Quadros (2014), e esses acontecimentos se alinham à metamorfose. Os processos de produção de arquivos e estudos linguísticos da Libras se dão nesse contexto que não apresenta uma ordem bem definida, mas que se organiza a partir dos recursos que na medida em que surgem.

A facilitação do acesso à internet pode proporcionar o acesso a conhecimentos referentes à LS e em LS. Conforme Loureiro e Lopes, vivemos em um tempo em que estar incluído digitalmente é “condição mínima para participação em uma sociedade em rede e para que estejamos conectados a outras formas de trabalho, de relacionamento e de participação política, social, cultural e econômica”. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 362). De acordo com as autoras, a disseminação das tecnologias digitais e seus usos constituem formas sofisticadas e includentes de captura dos indivíduos para um tipo de racionalidade governamental contemporânea, uma governamentalidade eletrônica. Ao mesmo tempo que compreendem que o uso de tecnologias digitais deve fazer parte das práticas escolares como contribuição para a melhoria da qualidade da educação, demonstram que os programas voltados para a disseminação das tecnologias digitais na educação estão comprometidos com o desenvolvimento de uma lógica própria das formas de viver pautadas pelo neoliberalismo. Para Beck (2018), a metamorfose não trata dos efeitos colaterais negativos dos bens, mas dos efeitos colaterais positivos dos males. Inspirada por tal ideia, ainda que estejamos inseridos na lógica de uma racionalidade governamental eletrônica, compreendo que a digitalidade possibilita uma ampliação das possibilidades linguísticas de pessoas surdas. Não se trata de desconsiderar a governamentalidade eletrônica que possibilita uma forma de condução das condutas orientada por meios eletrônicos, mas de evidenciar como essa condição permite a expansão da língua de sinais e, conseqüentemente, das possibilidades linguísticas de sujeitos surdos.

Esta pesquisa não é de cunho quantitativo e seria incapaz de responder, portanto, se o número de pessoas surdas que acessam e tem a oportunidade da aquisição precoce da língua de sinais e com maior eficácia é maior com a propagação das tecnologias digitais e conexão em rede. Mas se a disponibilidade é condicionada de modo mais abrangente, as oportunidades de acesso ao conhecimento sobre e em língua de sinais têm-se efetivadas de modo mais

gradativo, amplo e pulverizado. Nos últimos anos, escolas comuns têm adotado a disciplina de Libras em seus currículos³⁷, fazendo o conhecimento linguístico e cultural chegar às pessoas ouvintes. De acordo com Quadros (2019), a possibilidade de acessar vídeos digitalmente torna os dados em línguas de sinais cada vez mais acessíveis e mais abundantes, além disso, a autora enfatiza os avanços tecnológicos como softwares que permitem anotar vídeos e localizar dados com alta precisão, o que tem “revolucionado os estudos linguísticos das línguas de sinais” (QUADROS, 2019, p. 1), o que permite desenvolver estudos e análises sobre o que está sendo registrado e publicado. Uma das ações que permitem a difusão da Libras está na socialização dos dados e documentações que têm sido produzidos com relação à língua, o que, segundo Quadros (2019), é fundamental por permitir o acesso a diferentes formas de registro para fins de aquisição como L1 para surdos e como L2 para ouvintes.

De acordo com Leite e Quadros (2014), a luta pela vitalização da Libras já possui um histórico de cerca 3 décadas, mas foi com a promulgação da Lei de Libras, de 2002, e do Decreto 5626, de 2005, que sentimos os primeiros avanços no sentido de transformar o estatuto social de risco de sua língua de sinais. Dentre os avanços, os autores citam a criação de cursos de Letras-Libras nas modalidades à distância e presencial, a criação do exame de certificação nacional de proficiência em Libras (PROLIBRAS), a intensificação da produção científica voltada para a Libras em nível de pós-graduação, destacando o ingresso crescente de pessoas surdas em programas de mestrado e doutorado, a inclusão da Libras como disciplina obrigatória dos cursos de licenciatura, fonoaudiologia e educação especial, e o ingresso gradual de surdos como professores efetivos em universidades brasileiras.

É possível que as constantes preocupações relativas ao processo de avanço da LS sejam amenizadas pelos benefícios das tecnologias digitais e suas contribuições imagéticas. A redução do processo de transmissão da língua de sinais das gerações mais velhas para as mais novas, apontada por Leite e Quadros (2014), não é apenas um critério de risco de extinção da língua.

Segundo Beck (2018), geralmente a socialização é tarefa da geração mais velha da família, da escola e de outras instituições, que introduziriam à geração mais jovem na ordem social e política existente, assegurando que sejam estabilizadas e reproduzidas ao longo do tempo. Para isso, é preciso que as gerações mais velhas saibam mostrar o caminho aos mais

³⁷ A medida é impulsionada pelo Projeto de Lei 2040/2011, que “acrescenta art. 26-B à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para estabelecer condições de oferta de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em todas as etapas e modalidades da educação básica”. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=1A667A6C7918DE94C77F563B567AB57D.proposicoesWebExterno1?codteor=909489&filename=PL+2040/2011. Acesso em: 15 jan 2020.

jovens, o que estabiliza sua legitimidade e hierarquia na relação entre gerações na família e na sociedade. Porém, a partir das discussões acerca da metamorfose, essa ordem foi abolida. Há cada vez mais campos em que os papéis estão invertidos e “a geração mais jovem se transforma em mestra da mais velha”. (BECK, 2018, p. 241).

O autor não se refere à transmissão de uma língua de sinais, mas sua reflexão permite voltar ao recorte específico que faço e ponderar as funções sociais que os vídeos de youtubers surdos desempenham. Afinal, eles são produzidos geralmente por uma geração mais jovem, que talvez esteja ocupando o lugar de transmitir uma língua e uma cultura a quem quer que os assista, sejam mais jovens ou mais velhos. Se, conforme Beck (2018), é preciso que as gerações mais velhas saibam mostrar o caminho, e é justamente esse saber que está diminuindo para dar lugar aos saberes dos mais jovens, os “seres digitais”. Há uma lacuna e uma necessidade de ocupar este lugar, pois “as gerações do *Homo cosmopolitanus* ainda são fracas e inferiores na luta entre pai e filha”. (BECK, 2018, p. 242). O autor, a partir do risco climático, afirma que a nação não é o centro do mundo. Mas as nações é que giram em torno das novas estrelas fixas: “mundo” e “humanidade”. Ele exemplifica isso por meio da internet:

primeiro, ela cria o mundo como a unidade de comunicação. Segundo, cria humanidade simplesmente oferecendo o potencial de interconectar literalmente todo o mundo. É nesse espaço que as fronteiras nacionais e outras são renegociadas, desaparecem e depois são reconstruídas - isto é, são ‘metamorfoseadas’. (BECK, 2018, p 18-19).

A partir das condições colocadas por esta unidade de comunicação, a potencialidade de interconexão entre todo o mundo, a disponibilidade de conhecimento online acessível e cada vez mais disseminado, esses youtubers nos mostram algumas características do *Homo cosmopolitanus*. Se a contemporaneidade exige comunicação, os youtubers surdos estão comparecendo sem que a língua seja um impedimento, e “Isso não é provocado por uma prática revolucionária, mas desdobra-se atrás da fachada de continuidade na forma de fortalecimento da geração mais jovem”. (BECK, 2018, p. 242).

Conforme Barbosa, Araújo e Aragão (2016, p. 624), defendem que “um dos efeitos dessa maior rapidez na comunicação e na circulação de informação é o crescente papel da imagem em diferentes contextos dos relacionamentos humanos”.



(BETO CASTEJON - SE EU FOSSE THE FLASH... #BETORESPONDE 1)

A facilidade na edição e manipulação de imagens tem permitido a produção de uma multiplicidade de textos multimodais que possibilitam a inserção de elementos imagéticos, com movimento, efeitos sonoros etc. Como se observa no print acima, feito em 1:17 do vídeo 16, ao responder uma seguidora que questiona se ele prefere um amor verdadeiro ou ficar rico, o youtuber responde com uma montagem animada em que ele aparece sob uma chuva de dinheiro, respondendo sem, necessariamente, o uso da LS ou da LP. Além desse exemplo, o próprio ambiente em que esses youtubers gravam seus vídeos, a forma como se vestem e se comportam, suas escolhas temáticas, todos esses aspectos, entre outros, também comunicam e são fatores que definem públicos a partir de interesses em comum. Os recursos visuais propiciados pelas tecnologias digitais praticamente preenchem essa lacuna na comunicação de pessoas surdas, potencializando suas perspectivas comunicativas. Esse tipo de recurso dá possibilidade mesmo para aquelas pessoas que não possuem aquisição linguística adequada ao viabilizar uma comunicação imagética. Conforme Paiva (2016, p. 379), “as tecnologias de comunicação digital têm forte impacto na interação humana, especialmente quando mediadas por tecnologias móveis, e, como consequência, introduzem mudanças na linguagem”. Para a autora, a interação com a tecnologia acompanha a evolução das línguas e, dentre as mudanças geradas, está a adição de novos elementos na comunicação não-verbal, como os *emojis*, figuras que representam emoções. Esse tipo de recurso passa a ser uma unidade de sentido para qualquer pessoa que faça uso de tecnologias e mídias sociais digitais. Desse modo, é possível reconhecer uma ampliação dos contextos comunicacionais, que viabilizam a interação por

meio de recursos sejam eles verbais ou não-verbais. Todas essas observações demonstram a possibilidade de uma educação linguística, que pode ser definida como um

conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, possibilitam lhe adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. (BAGNO; RANGEL, 2012, p. 233).

Para Bagno e Rangel, esses saberes são também compostos por suas crenças, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade com relação à língua e que fazem parte do imaginário linguístico. A educação linguística também compreende “o aprendizado das normas de comportamento linguístico que regem a vida dos diversos grupos sociais, cada vez mais amplos e variados, em que o indivíduo vai ser chamado a se inserir”. (BAGNO; RANGEL, 2012, p. 233). Segundo os autores, esse processo começaria no início da vida, em interações com a família e a comunidade, quando ocorre a aquisição da língua materna e, com ela, progressivamente, toda uma cultura de linguagem característica de seu meio social.

A língua de herança, para Quadros (2017, p. 1), “é, normalmente, a língua da família, em um contexto no qual outra língua é falada nos demais espaços sociais, tais como a escola e a mídia”. Ainda que essa seja uma possibilidade para a Libras com relação a famílias de surdos, a maior parte dos usuários dessa língua não a herda no contexto familiar. Segundo Witchs (2018), a forma como se cultiva a Libras como língua plena, o que representa também um símbolo de contraconduta, segue sob responsabilidade de famílias surdas, na condição de língua de herança. Porém, como já abordado, a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, e esses, com exceção de poucos casos, não se desenvolvem tendo a “língua de sinais como um envolvente linguístico adequado, e seu desenvolvimento de linguagem tende a acontecer tardiamente por causa disso, o que pode ocasionar diferentes transtornos de linguagem e atrasos cognitivos”. (WITCHS, 2018, p. 177). Portanto, não há mecanismos que assegurem e orientem a aquisição da língua de sinais em um período que anteceda à escola, e é nesse cenário que a circulação da língua de sinais acessível por meio de mídias digitais pode diminuir a distância entre a criança surda e uma educação linguística.

Conforme a digitalidade vai permitindo cada vez de forma mais abrangente o acesso e conseqüentemente a ampliação dos contextos e das possibilidades linguísticas e comunicacionais, a compreensão de sujeito surdo também vai se modificando, bem como os estigmas impressos no sujeito surdo.

5.2.2 Desconstrução do estigma: ampliação dos modos de viver a condição da surdez

Conforme Sibilia, a trajetória existencial possui caráter eminentemente narrativo, e a experiência de cada sujeito é um relato que só pode ser pensado e estruturado como tal se de alguma forma for cristalizado na linguagem, pois “[...] Esse relato não representa simplesmente a história que se tem vivido, mas ele a *apresenta*. E, de alguma maneira, também a *realiza*, concede-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui”. (SIBILIA, 2016, p. 59). O estigma, para Goffman (1988), é uma característica que gera profundos efeitos de descrédito, e é também considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem, o que, explica Sibilia (2016), permite ponderar uma inversão de estigma, que segundo Wieviorka (2002), possibilita aos indivíduos deslocarem-se de uma posição de degradação, pela constituição de referentes positivos, que viabilizem investimentos em si e os impulsionem a buscar condições de vida outras. (GRAFF, 2017). Os processos de inversão do estigma implicam tensões e debates, gerando transformações nas identidades; a vergonha de ser vítima se vira contra o mundo que a provoca e a possibilidade de identificação com o modelo dominante dá lugar à reivindicação da singularidade (WIEVIORKA, 2002), e essa inversão abordada pelo autor sugere sua partida em uma identidade definida.

No breve relato histórico sobre a surdez que faço ao iniciar a pesquisa, o estigma se inicia em uma marca indesejada da deficiência. O primeiro movimento de inversão pode ser lido no “segundo olhar” (SKLIAR, 1998), que se desfaz da deficiência auditiva para marcar a cultura surda pautada em uma língua própria, conformando a identidade surda com novas marcas. Os marcadores culturais surdos são utilizados por Lopes e Veiga-Neto (2006) para referirem-se a elementos que fortalecem e unem os surdos como um grupo social com características próprias. (WITCHES; LOPES, 2018). Nesta seção, proponho um segundo movimento de inversão ou, pelo menos, de desconstrução do estigma. Talvez, ainda, seja um “terceiro olhar” sobre a surdez, ou apenas mais uma de uma série de tentativas de nominar o que não é nominável por sua natureza de constante modificação. É, como afirmei na apresentação desta pesquisa, uma tentativa de acompanhar o constante movimento das formas de viver na contemporaneidade a condição da surdez.

(Pergunta de seguidor) Desde o início do processo de ensurdecimento enfrentei inúmeras situações de preconceito, seja de forma sutil tais como: “Você nem parece surdo, se não contasse ninguém precisaria saber” Pelo amor de deus! Já aconteceu vezes comigo, e você também? Com abraço.

Sim... Tem acontecido comigo quase diariamente, durante minha vida inteira [...]

Tenho muitos amigos virtuais. Sempre ficamos horas conversando na internet. Então, quando resolvi assumir que sou surdo, para eles.

Eles... Espera aí, você, surdo? Mentira.

Eu: “por que eu mentiria?”

Eles: “Ué, você escreve bem. Não é surdo. Tá me enganando, é!? Porque eu conheço alguns surdos que escrevem mal. E você aí habilitado em português...impossível ser surdo, está mentindo!”

NOOOOOOOOSSA

Como evidenciei em minha monografia de conclusão de curso (ZILIO, 2018), frequentemente alunos surdos são subestimados em seus processos educacionais, assumindo que não serão capazes de alcançar determinado conhecimento e tornando a escolarização um processo precário. O mesmo pode ser observado no relato de Léo Viturino ao responder um seguidor, que, a propósito, compartilha a mesma situação que o youtuber. Como se observa na narrativa, uma comunicação bem-sucedida frequentemente é reconhecida como uma impossibilidade para a pessoa surda.

A condição da exposição, que permite a circulação e a disseminação desses vídeos, contribui, também, para a construção de um sujeito surdo que contraria os estigmas da surdez ao apresentar pessoas capazes de se comunicar, de compreender o mundo digital, de ler digitalmente, de pessoas acessíveis.

Perguntaram como eu me comunico com minha família, sendo um sujeito surdo.

(Sou surdo e como comunico com família? #LeoResponde - 05)

A marca referente à falta da audição está no corpo e nas formas de compreensão, independentemente do campo discursivo, estão sempre atravessadas por essa marca “Para além da materialidade do corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos”. (LOPES, 2007, p. 7). A pergunta feita a Léo Viturino só foi feita por ele ser surdo, o que é visível graças à sua língua, e a curiosidade do seguidor que a realizou só foi manifestada porque se pressupõe que surdos têm dificuldade para se comunicar. Dificilmente a pergunta seria feita a um youtuber ouvinte, pois não há dúvidas de que um ouvinte pode se comunicar. Além disso, só haveria a possibilidade de se referir a alguém como ouvinte em um contexto em que haja também surdos. Exceto isso, pela norma, uma pessoa ouve e se comunica; se não ouve, não será chamada apenas de “pessoa”, mas de “pessoa surda”. Seguindo esse raciocínio, quero explicar que, ao falar da surdez, estamos

posicionados em algum lugar. Ao olhar e analisar os vídeos dos youtubers inevitavelmente essa perspectiva aparece na linguagem utilizada para tal exercício, ou eu não os nomearia o tempo todo de youtubers surdos. Ainda que isso também seja um tópico abordado em algumas situações, o foco da discussão não gira em torno disso, porque é difícil não endereçar a discussão para essas questões quando o corpo do sujeito que a protagoniza está marcado por uma materialidade que está identificada.

Eu gosto mais de que? Vídeo game. Qual o jogo? Mário. Adoro jogar jogo de corrida.

(Tenho filhos? #LariResponde)

Como é possível observar nessa narrativa do vídeo 6, este campo discursivo não aparece, pois em seu contexto não foi necessário. Ao mesmo tempo, aparece na língua utilizada. Nos vídeos, por seu gênero, ou seja, sua função, a necessidade é outra: falar com seguidores sobre os assuntos que interpelam esse público, como sobre jogos, por exemplo. Tal situação permite que se encontrem interesses comuns independentemente da condição auditiva e a escola pode aproveitar esse cenário. Não estou dizendo que esses youtubers tenham propósitos pedagógicos ao falar de todos esses assuntos, porém essa prática permite entender que tirar o foco da marca da diferença possibilita avançar em outras direções.

Talvez abandonar um olhar que enxergue apenas dificuldades e impossibilidades e que destaque apenas a diferença seja uma necessidade da escola. Cabe aqui abordar o entendimento pedagógico de igualdade, tratado por Simons e Masschelein (2017, p. 189), no qual esse conceito tem duplo sentido, o de “admitir que cada um como estudante é capaz de aprender (e estudar/exercitar-se) e admitir que há uma matéria e assunto escolar comum [...] para cada um dos estudantes”. Assim, o comum não pode ser o que nos difere, mas o que nos aproxima em torno de nossos interesses.

Gräff (2017), ao problematizar os discursos sobre as identidades culturais que se proliferam na educação contemporânea a partir de políticas públicas educacionais, destaca a ênfase atual que se dá à diversidade e mostra que a fixação das identidades é muito eficaz enquanto estratégia para o governo ao definir conjuntos populacionais e mapear modos de vida. Porém, as políticas educacionais, ao produzir limites para cada grupo, ao cartografar e informar seus pertencimentos, definindo quem são os diferentes e como devem ser tratados, produzem limites, também, para os relacionamentos.

Conforme esses autores, o simples ressaltar a diferença não é suficiente para o desenvolvimento das relações entre diferentes. De forma alguma isso significa ignorar ou apagar a diferença, mesmo porque ela está sempre presente no sujeito, mas torna-se imperioso desenvolver discussões que transbordem os limites que se apresentam na ênfase primeira à diferença.

Donati (2017) sustenta a tese de que a teoria da interculturalidade possui a vantagem de colocar a ênfase no *inter*, em que está prevista a relação entre culturas, o que ajudaria a criar pontes entre as culturas, pois nessa relação está prevista a compreensão das razões do outro. Os youtubers nos mostram que o que fazem circular pode ser de interesse de mais pessoas, o que expressa que temos algo em comum para justificar nossa aproximação com outras pessoas desde que tenhamos os mesmos interesses.

Não quero dizer, com isso, que todos os problemas relativos à educação de surdos estão solucionados. O que aponto é que a visibilização que a condição digital proporciona torna públicos modelos de pessoas surdas que eram frequentemente atreladas a uma ideia de incapacidade de comunicar-se pela ausência de audição, e que, por isso, precisavam afirmar sua capacidade, sua língua, sua identidade, sua cultura, e que passam a ter novas significações no meio digital. Além disso, tal condição está profundamente atrelada à possibilidade da ampliação das possibilidades linguísticas, pois a desconstrução do estigma só é possível por esse contexto de exigência expositiva, comunicacional e linguístico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adaptamos tudo para incentivar os surdos a fazerem parte do mundo e da sociedade, e não ficar isolados na mesma bolha. Vamos estourar essa bolha, interagir com novas culturas. [...] Isso significa que é o mundo globalizado. Não existe mais uma cultura totalmente pura. É impossível um grupo de pessoas continuarem isolados, sem a influência de outras culturas. Precisa ter a interação entre essas culturas. (ISAAC, 2019).

Na busca por conhecer meus alunos por meio de figuras que lhes servem de modelo, emaranhei-me na complexidade de me afastar de um lugar familiar, mas sem deixar de apresentar, àqueles que desconhecem, as particularidades das condições desse lugar e de um modo particular de ser dos sujeitos que se atrelam a ele. Encontrei-me em um paradoxo. Esse lugar e esse modo seguem existindo e os sujeitos que os constroem, nas infinitas possibilidades de ser e em suas metamorfoses, ao assumir outras posições, vão dando outros significados a essa forma. Para desenvolver esta pesquisa, devido ao meu envolvimento com uma comunidade e com uma perspectiva teórica, escolhi sujeitos que vivem a condição da surdez a partir de uma identificação cultural que implica o uso de uma língua em comum. Sem esse ponto de partida teria sido impossível dizer que algo está mudando. Fora dessa perspectiva, eu seria incapaz, neste momento, depois do deslocamento sutil que fazer essa pesquisa me causou, de olhar a condição da surdez de outra maneira e de enxergar que as possibilidades de ser não são mensuráveis.

Pensar que esta é a seção em que se fazem as considerações finais de uma pesquisa é muito difícil, visto que é o momento do curso de mestrado em que eu mais me questiono e em que as certezas me faltam. Talvez, dentro de algum tempo eu descubra que enquanto finalizava a dissertação ainda estava envolta em uma fina película de identificação, achando que havia saído de uma lógica e finalmente estava percebendo meu objeto com distanciamento. Prefiro, então, juntar-me a Gabriel Isaac, produtor de alguns dos vídeos que mais impulsionaram esta escrita.

Vocês sabem que as pessoas são todas diferentes, né? Dentro da comunidade surda também. Os surdos não são todos iguais, têm diferenças: existem surdos sinalizantes, oralizados, implantados, usuários de aparelho. (ISAAC, 2019).

Como diz o youtuber, segue existindo um lado de “dentro da comunidade surda”, e isso pode parecer uma conclusão muito óbvia, mas a emergência dessa forma de pensar, partindo de dentro dos “muros” da comunidade surda, não é comum. É traço de algo que entendo como uma expansão e uma representação das paredes que vêm dando lugar às redes.

Desse modo, diante da pergunta urgente “Em que mundo estamos vivendo?”, Beck (2018) responde: “na metamorfose do mundo. No entanto, essa é uma resposta que requer disposição do leitor para arriscar a metamorfose de sua visão de mundo” (BECK, 2018, p. 17). Essa é uma das maneiras como identifico esta dissertação: na minha visão de mundo sobre determinados sujeitos, arrisco dizer, a partir de evidências analisadas, uma metamorfose dos modos de ser surdo, um modo que não deixa de ter as características identitárias que vinham sendo destacadas, mas que passa a engendrar outras nuances com destaque comunicacional.

Iniciei minha pesquisa com o questionamento de como se caracterizam os sujeitos surdos em meio à digitalidade e como essa condição e os modos de ser que ela produz se relacionam com sua educação. As análises evidenciaram que o que se destaca nas narrativas desses youtubers não é necessariamente a identidade surda, mas uma mudança nas ênfases dos modos de ser surdo. A vida exposta exigida por meio da digitalidade possibilita a ampliação linguística e comunicacional de pessoas surdas, e isso permite a elas o desenvolvimento de uma educação linguística. A partir disso, é possível desconstruir os estigmas da surdez, ainda que a identidade surda siga sendo ratificada, a necessidade de comunicar-se com mais pessoas, de obter um número maior de seguidores, de visualizações, de ter maior alcance predomina. Nesse sentido, essa condição dá possibilidades de constituir a surdez de outras formas.

Com as conclusões desta pesquisa é possível reconhecer que a digitalidade e a condição da exposição, ao proporcionarem uma educação linguística a pessoas surdas e, a partir disso, desconstruir os estigmas que as marcam, podem servir como contribuição para sua educação escolar ao apoiar a escola na tarefa de promover o processo de aquisição linguística, bem como de outras línguas. Não quero dizer que a tecnologia poderia dar conta desse processo de forma independente, nem é o objetivo dessa pesquisa fazê-lo. Mas que a circulação da LS em mídias digitais e a simples possibilidade de seu acesso são capazes de apresentar uma língua em sua forma natural, ou seja, em seu uso genuíno, para crianças surdas que não tenham tal possibilidade em suas famílias. Isso possibilita que famílias conheçam a cultura surda e as diversas possibilidades de viver a condição da surdez, ao mostrar formas de compreensão que não se atrelam necessariamente à ideia de deficiência. Além disso, apresentam a língua de forma natural, não em contexto de ensino, mas a língua em uso. Dificilmente crianças surdas têm a oportunidade de aprender a LS como ocorre com crianças ouvintes, e a aquisição da L1 se dá na escola a partir de um ensino artificial. Essa é

uma das principais contribuições que as mídias digitais podem promover tanto como exposição precoce à LS como L1 quanto ao ensino de LS como L2.

Mesmo sabendo de tais possibilidades, não é garantia que todo aluno chegue à escola com esse contato prévio. Desse modo, a escola, diante de tais condições, pode fazer uso das tecnologias a seu favor com as oportunidades que se apresentam, e isso implica reconhecer no surdo a capacidade de fazer uso de qualquer língua que esteja ao seu alcance.

Percebo que os limites que binarizam a comunidade surda (surdo e não-surdo), os mesmos que separam a escola comum da escola bilíngue, parecem esmaecidos. Com isso, quero dizer que ambas escolas carecem se repensar e que precisam dos mesmo encaminhamentos, pois se encontram dentro da mesma lógica digital. Com esta pesquisa, tentei evidenciar que surdos são tão alunos quanto ouvintes, e que a tecnologia digital, ou as condições que ela nos impõe, têm reduzido seus limites comunicacionais e ampliado suas perspectivas linguísticas.

Destaco que a escola tem papel fundamental diante das novas configurações que são impostas pela digitalidade. Retomando Castells (2014), a escola vive tempos de obsolência, em que a função de prover o conhecimento já não faz mais sentido, visto que todo o saber está online e ao alcance de todos. Diante disso, a escola não pode deixar escapar a oportunidade de formar pessoas que tenham critérios para buscar o conhecimento e capacidade para utilizá-lo. Além disso, é imprescindível manter o compromisso de ensinar a viver coletivamente, conscientizar o estudante de que ele é membro de uma sociedade e que temos responsabilidade com aqueles com quem dividimos o mundo. A tecnologia pode ser utilizada para ensinar isso, mas ela não é capaz de ensinar. Quando falo dos papéis da escola, me refiro a qualquer escola, seja a escola bilíngue de surdos ou a escola comum.

Cabe destacar que a discussão feita aqui não diz respeito a defender o ensino bilíngue, não porque eu não o defenda; essa é a uma de minhas premissas. A questão está para além disso, é sobre como podemos repensar a escola tendo em vista estes alunos, que são, para além de suas condições auditivas, sujeitos digitais. Os problemas em relação à educação de surdos, muitos citados nesta dissertação, seguem existindo e precisam considerar as mudanças geradas pela forma de vida digital que vivemos, pensando modos de utilizar esse contexto em favor de uma educação democrática e de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AJUDA DO ADSENSE. **AdMob, YouTube e Blogger**. Como ganhar dinheiro no YouTube. Disponível em: <https://support.google.com/adsense/answer/72857>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- AJUDA DO YOUTUBE. **Programa de Parcerias do YouTube**: visão geral, lista de verificação para inscrições e perguntas frequentes. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/72851?hl=pt-BR>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- ANDRIOLI, Mary Grace Pereira; VIEIRA, Claudia Regina; CAMPOS, Sandra R. L.. Uso das tecnologias digitais pelas pessoas surdas como um meio de ampliação da cidadania. In: **VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação especial**, 2013, São Paulo. Inclusão: Teoria, Prática e Produção do Conhecimento, 2013.
- ANTUNES, Amanda. De influenciadores digitais a ativistas de sofá: a mobilização juvenil em rede, [Entrevista cedida a] João Vitor Santos. **IHU ON-line**. Revista do Instituto Humanitas. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7572-de-influenciadores-digitais-a-ativistas-de-sofa-a-mobilizacao-juvenil-em-rede>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- ARCOVERDE, Rossana. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita de surdos. **Cadernos do CEDES** (UNICAMP), Campinas, v. 26, n.69, p. 251-267, 2006.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. In: GUEDES, Paulo Coimbra (Org.). **Educação linguística e cidadania**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 233-255.
- BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilmar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 623-650, 2016.
- BEARD, Alex. Ser professor deve ser o trabalho mais importante do século 21, diz especialista que estudou ensino em mais de 20 países, [Entrevista cedida a] Alejandro Millán Valencia. **BBC News**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51457665>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BIESTA, Gert. O dever de resistir: sobre escolas, professores e sociedade. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 21-29. Porto Alegre. jan.-abr. 2018.
- BLOGUE DO WHATSAPP. **Apresentamos o aplicativo WhatsApp Business** (WhatsApp para negócios). Disponível em: <https://blog.whatsapp.com/>. Acesso em: 03 nov. 2018.
- BOLL, Cíntia Inês. **A Enunciação Estética Juvenil em Vídeos Escolares no YouTube**. 2013. 117 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei

nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril 2002.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **O filosofar da arte na criança surda:** construções e saberes. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Fronteiras do Pensamento. **Manuel Castells - A obsolescência da educação.** [S. l.: s. n.], 07 abr. 2014. 1 vídeo (4 min 14 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g>. Acesso em: 09 jan. 2010. VERIFICAR DATA DE ACESSO

CLAUDIO, Janaína Pereira. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos:** construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook. 2016. 293 f. Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2016a.

CLAUDIO, Janaína Pereira. As fronteiras midiáticas na comunidade surda. **Revista Letras Raras**, v. 5, p. 35-48, 2016b.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras:** TIC educação 2016. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017a.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros:** TIC domicílios 2016. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017b.

COSTA, Bruno. Videografias de si. Registros do novo Ethos da contemporaneidade. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, p. 1-15, 2007.

DIDÓ, Natália. **As mídias digitais na educação de surdos:** a contribuição do telefone celular. 2012. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialista em Mídias na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CINTED/UFRGS, Porto Alegre, 2012.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua brasileira de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 26, p. 583-597, 2005.

DONATI, Pierpaolo. **Más allá del multiculturalismo.** Madrid: Ediciones Cristandad, 2017.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- DORNELES, Juliano Paz. **O fenômeno Vlog no Youtube: análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.
- FABRIS, Eli Terezinha Henn; SILVA, Roberto Dias da. Análise de uma matriz pedagógica escolar: a invenção da docência e de pessoas em uma escola de periferia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, p. 492-507, 2015.
- FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Edição Especial n. 2. Curitiba, p. 51-69, 2014.
- FERREIRA, Ludmila Mendes; SALGADO, Ana Cláudia Peters; GOMES, Michele Cristina Ramos. Sissy That Talk: A influência dos programas Rupaul Drag Race e Girls In The House no repertório linguístico de adolescentes e jovens adultos. **Matraga**, v. 26, p. 122-144, 2019.
- FESTA, Priscila Soares Vidal. **Youtube e Surdez: Análise de Discursos de Surdos no Ambiente Virtual**. 2012. 170 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação), Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.23, p. 16-35, 2003.
- FOLHA DE S. PAULO. **Whindersson Nunes é o maior influenciador do Brasil, diz pesquisa**. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2017/09/whindersson-nunes-e-o-maior-influenciador-do-brasil-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- FRAGOSO, Suely. Apresentação. In: RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- G1. **Família de surdos de Pelotas cria canal na internet para falar sobre educação e inclusão**. Disponível em: http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/bom-dia-rio-grande/videos/t/edicoes/v/familia-de-surdos-de-pelotas-cria-canal-na-internet-para-falar-sobre-educacao-e-inclusao/7044599/?fbclid=IwAR2VU4ypTKmGueSgjmkkps-mCpFUM53_KcxJtdkA6Jdgy2gdGOqnAiFz_rI. Acesso em: 05 nov 2018.
- GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. **Revista de Sociologia e Política** (UFPR. Impresso), v. 17, p. 85-101, 2009.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (orgs.). **Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 125-142
- GOETTERT, Nelson. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRÄFF, Patrícia. **Identidades culturais na educação escolar**: estratégias de governo identitário. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

GUEDES, Betina. Educação de surdos: Percursos históricos. *In*: LOPES, Maura Corcini (org.). **Cultura Surda & Libras**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2012.

HACKING, Ian. **Ontologia histórica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018b.

HAVELOCK, Eric A. **A Revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. São Paulo: Editora da UNESP Paz e Terra, 1996.

IDADE. *In*: DICIONÁRIO digital Caldas Aulete. [S. l.]: Lexikon Editora Digital, [2019?]. Disponível em: <http://aulete.com.br/-idade>. Acesso em: 04 set. 2019.

ISAAC, Gabriel. Isflocos. **MÚSICA FAZ PARTE DA CULTURA SURDA?** - Música em Libras. [S. l.: s. n.], 08 nov. 2019. 1 vídeo (9 min 08 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sg9tedyCYQI> . Acesso em: 03 jan. 2020.

ISAAC, Gabriel. Isflocos. **Voltei depois de 7 anos**. [S. l.: s. n.], 21 out. 2016. 1 vídeo (5 min 08 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xVKOLloBn6g> . Acesso em: 03 set. 2019.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade à distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

KLEIN, Alessandra Franzen; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. Escolarização Inicial: Língua de Sinais, Identidade Surda e Bilinguismo. *In*: **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul Reunião Científica Regional da ANPED SUL**, 2014, Florianópolis. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul Reunião Científica Regional da ANPED Textos completos. Florianópolis: ANPED Sul, 2014. v. 1. p. 1-18.

KNIJNIK, Gelsa. A ordem do discurso da matemática escolar e jogos de linguagem de outras formas de vida. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 10, p. 45-64, 2017.

KYLE, Jim. Sign Language as cognition for deaf people: pitfalls and prospects. **Applied Cognitive Psychology**, v. 3, 1989.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco sobre a história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. A difícil tarefa de promover uma inclusão escolar bilíngüe para alunos surdos. *In*: ANPEd: 30 anos de pesquisa e compromisso social - 30ª Reunião Anual da ANPEd, 2007, Caxambu. **ANPEd: 30 anos de pesquisa e compromisso social**, 2007. p. 1-16.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Müller. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. *In*: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Mariane; LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 15-28

LETRAS DE OFICINA. **O Diário da Fiorella**. Disponível em: <https://letrasdeoficina.wordpress.com/2018/06/28/o-diario-de-fiorella/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2018.

LODI, Ana Claudia Baliero. Apresentação. *In*: LODI, Ana Claudia Baliero; MÉLO, Ana Dorizat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia. **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos**. Editora Mediação. 2015. p. 9-10

LOPES, Daniel Queiroz; SCHLEMMER, Eliane. A cultura digital nas escolas: Para além da questão do acesso às tecnologias digitais. *In*: Jean Segata, Maria Elisa Máximo, Maria José Baldessar. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. 1ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2012, v. 1, p. 155-167.

LOPES, Maura Corcini. As Humanidades frente aos desafios tecnocientíficos contemporâneos, [Entrevista cedida a] Juliane Marschall Morgenstern. **Thaumazein**, Ano VII, v. 10, n. 20, Santa Maria, p. 93-100, 2017.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva . Subjectivation, normalisation et constitution del éthos sourd: politiques publiques et paradoxes contemporains. **La Nouvelle Revue de l'Adaptation et de la Scolarisation**. v. 01, p. 105-116, 2013.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. *In*: VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (orgs.). **Educação de surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p.116-137.

LOUREIRO, Carine Bueira. **Disseminação das tecnologias digitais e promoção da inclusão digital na educação pública**: estratégias da governamentalidade eletrônica. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013.

- LOUREIRO, Carine Bueira; LOPES, Maura Corcini . Aprendizagem: o imperativo de uma nova ordem econômica e Social para o desenvolvimento. **Pedagogia y Saberes**, v. 51, p. 89-102, 2019.
- LOUREIRO, Carine Bueira; LOPES, Maura Corcini. A condução eletrônica das condutas: a educação como estratégia de disseminação de práticas. **Educação em Revista** (online), v. 31, p. 359-378, 2015.
- LULKIN, Sergio Andrés. **O silêncio disciplinado**: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes. 2000. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- MACHADO, Ana Paula. Cultura surda é desconhecida pela sociedade brasileira. **Humanista**, Porto Alegre, 22 jan. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/22/cultura-surda-e-desconhecida-pela-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 22 maio 2019.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro; FELTES; Heloísa Pedroso de Moraes. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. **Conexão – Comunicação e Cultura** (UCS), Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun, p. 33-49, 2010.
- MÃOS AVENTUREIRAS. **Sobre Mãos Aventureiras**. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCkmr_xwNCYEGpWnV54LMSIA/about. Acesso em: 31 mai. 2019.
- MARTINS, Livia Maria Ninci; LINS, Heloísa Andreia de Matos. Tecnologia e educação de surdos: possibilidades de intervenção. **Nuances**, v. 26, p. 188-206, 2015.
- MELARA, Adriane; RAMPELOTTO, Maria; LINASSI, Priscila Silva. As tecnologias de informação e comunicação: das potencialidades ao processo de formação de surdos. *In: VI Congresso Internacional de Educação, a educação humanizadora e os desafios éticos da sociedade pós-moderna*, 2015, Santa Maria: FAPAS, p. 01-09, 2015.
- MELLO, Vanessa Scheid Santanna de. **A constituição da comunidade surda no espaço da escola**: fronteiras nas formas de ser surdo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2011.
- MORAES, Violeta Porto; KLEIN, Madalena. Escritos surdos: a produção da diferença capturada na identidade surda em textos acadêmicos na educação de surdos. *In: X AnpedSul*, 2014, Florianópolis. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul Reunião Científica Regional da ANPED, p. 1-14, 2014.
- MOREIRA, Liliâne Ribeiro. **As redes sociais como forma de desenvolvimento da comunicação dos estudantes surdos incluídos na escola pública estadual em Campos dos Goytacazes–RJ**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2012.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação

da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MÜLLER, Janete Inês; KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda: representações em produções editoriais. **Revista Educação em Questão** (Online), v. 55, p. 121-143, 2017.

NARODOWSKI, Mariano. **Un Mundo sin Adultos. Familia, escuela y medios frente a la desaparición de la autoridad de los mayores**. Buenos Aires: Debate, 2016.

NOGUEIRA, Jorge Luiz Fireman. **O Software Hagáquê: uma proposta para a prática da língua portuguesa escrita da pessoa com surdez**. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa De Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, Aug. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200379&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 mar. 2020.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. *In:* (Org.) SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. Prefácio. *In:* QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 9-13.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Edição Especial n. 2. 2014, p. 17-31.

PINTO, Jorge; COELHO, Orquídea. O SignWriting enquanto proposta pedagógica assente da experiência visual do surdo. *In:* LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. Tecnologia para o estabelecimento de documentação de língua de sinais. *In:* CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (orgs.). **Língua Brasileira De Sinais e Tecnologias Digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 1-25

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Fabrício Mähler. A comunidade surda e o Facebook. **Revista Ampliar**, Ulbra Gravataí, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2014.

RESENDE, Ana Paula Crosara; VITAL, Flavia Maria de Paiva (org.). **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada**. Brasília, DF: CORDE, 2008.

RODRIGUES, José Raimundo. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos**. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

RYMES, Betsy. **Communicating Beyond Language: Everyday Encounters with Diversity**. New York: Routledge, 2014.

SALES, Leda Marçal. **Tecnologias digitais na Educação Matemática de surdos em uma escola pública regular: possibilidades e limites**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2009.

SANTOS, Angela Nediane dos; MORAES, Violeta Porto. Nada de nós, sem nós: a produção da cultura surda na contemporaneidade. *In: XVII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, 2015, Fortaleza - CE. Título: Didática e a prática de ensino na relação com a sociedade. Fortaleza - CE: EdUECE, 2015. p. 02723-02735.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. **Processos de expansão lexical das Libras no ambiente acadêmico**. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Luiz Cláudio Machado dos. **Aprendizado bilíngue de crianças surdas medida por um software de realidade aumentada**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado) - FAGED/PPGEDU, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

SERRES, Michel. Não só progresso. É preciso outra utopia. Entrevista com Michel Serres, [Entrevista cedida a] Fabio Gambaro publicada no jornal La Repubblica 06 jun. 2017. Tradução: Moisés Sbardelotto. **IHU ON-line**. Revista do Instituto Humanitas. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568444-nao-so-progresso-e-preciso-outra-utopia-entrevista-com-michel-serres>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Jonas Jorge da. O mundo do trabalho em um contexto de uberização. **Revista IHU on-line**. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/160-noticias/cepat/577779-o-mundo-do-trabalho-em-um-contexto-de-uberizacao>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, Roberto Dias da. Os riscos da “gourmetização” na Educação 4.0. [Entrevista cedida a] João Vitor Santos. 2019. **IHU ON-line**. Revista do Instituto Humanitas. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7705-os-riscos-da-gourmetizacao-na-educacao-4-0>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, Scheilla Maria Orlosqui Cavalcante da; GOMES, Fabrícia Cristina. Tecnologias e Mídias Digitais no contexto escolar: uma análise sobre a percepção dos Professores. *In: Educere - XII Congresso Nacional de Educação*, 2015, Curitiba. **Anais do Educere**. Curitiba: PUC/PR, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2011.

SIMONS, Marteen; MASSCHELEIN, Jan. Skholé e igualdade. *In*: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo horizonte: Autêntica, 2017. p. 177-193.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Thiago. Sob as lentes da Cultura Pop, as contradições e as desigualdades sociais. [Entrevista cedida a] João Vitor Santos. 2019. **IHU ON-line**. Revista do Instituto Humanitas. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7719-sob-as-lentes-da-cultura-pop-as-contradicoes-e-as-desigualdades-sociais>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SOBRE O FACEBOOK. **Informações da empresa**: Nossa missão. Disponível em: <https://br.newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SOBRE O YOUTUBE. **Sobre o YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SOUZA NETO, Alaim; LUNARDI-MENDES, Geovana. Os usos das tecnologias digitais na escola: discussões em torno da fluência digital e segurança docente. **Revista E-curriculum** (PUCSP), v. 1, p. 504-523, 2017.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**. Pelotas, p. 107-131, 2010.

THOMA, Adriana da Silva; PELLANDA, Nize Maria Campos. As novas tecnologias como mediadoras nos processos de in/exclusão dos surdos na escola e na sociedade. **Perspectiva** (Florianópolis), v. 24, p. 119-137, 2006.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer**: Youtubers, Infância e Celebridade. 2017. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós Graduação em Comunicação, Escola da Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília, DF: UNESCO, 2016, p. 61-91.

VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini. A Constituição de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n.3, p. 639-659. jul./set. 2016.

WHATSAPP. **Funcionalidades**. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/features/>. Acesso em: 03 nov. 2018.

WIEVIORKA, Michel. **A diferença**. Lisboa: Fenda, 2002.

WITCHS, Pedro Henrique. **Governo linguístico em educação de surdos: práticas de produção do Surdus mundi no século XX**. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

WITCHS, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini. Forma de vida surda e seus marcadores culturais. **Educação em Revista** (online), v. 34, p. 1-17, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

YOUTUBE EM NÚMEROS. **Mais de um bilhão de usuários**. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ZILIO, Virgínia Maria. **O ensino de Língua Portuguesa para surdos em trabalhos acadêmicos produzidos entre os anos 2000 e 2016 no Brasil**. 2017. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português/Espanhol) - Curso de Letras. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

ZILIO, Virgínia Maria; KRAEMER, Graciele Marjana. Ambiente Linguístico e Educação Inclusiva: desafios na educação de surdos. **TEXTURA - ULBRA**, 2020. p. 64-81